



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**EMPENHAMENTO NA ROTINA SIGNIFICATIVA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORAS**

ALLANA DA COSTA DUARTE

BRASÍLIA

DEZEMBRO/2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**EMPENHAMENTO NA ROTINA SIGNIFICATIVA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORAS**

ALLANA DA COSTA DUARTE

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia à
Comissão Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília,
sob a orientação da professora Dra.
Maria de Fátima Guerra de Sousa.

BRASÍLIA

DEZEMBRO/2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**EMPENHAMENTO NA ROTINA SIGNIFICATIVA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORAS**

ALLANA DA COSTA DUARTE

Banca Examinadora

Professora Doutora Maria de Fátima Guerra de Sousa- Orientadora

Professora Doutora Maria Fernanda Farah Cavaton- Examinadora

Professora Doutora Sinara Pollom Zardo- Examinadora

Dedicatória:

Dedico este trabalho a Deus e a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a execução dele e para essa minha conquista, em especial a minha amada família e ao Giovanni Santoro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar uma vida tão maravilhosa, cheia de alegrias e principalmente muita saúde, para chegar até aqui com tanta determinação, força e com vontade de continuar lutando e persistindo pela realização dos meus sonhos.

Aos meus amados pais Silvia e Guilherme, pelo amor, apoio e dedicação, pois tudo que sou e que conquistei hoje devo a eles;

Ao meu namorado Giovanni, que esteve ao meu lado durante toda a minha graduação, me dando apoio, atenção, compreensão e amor;

Aos meus queridos irmãos Tainã, Sofia e Pablo que são minha inspiração, minha fonte de alegria e que estão sempre ao meu lado quando preciso;

A minha amiga Paula Madruga que mesmo longe se faz presente;

A minha orientadora Fátima Guerra, pela orientação do projeto 4 e da monografia, por sua disposição, conselhos, aprendizados e colaboração neste trabalho;

As minhas colegas de graduação Ana Carolina Mendonça, Carolina Carvalho, Gabriela Maciel e Jéssica Araújo pelo companheirismo e aprendizados durante esses quatro anos;

A todos meus professores que sem dúvidas tiveram uma grande contribuição para ter chegado até aqui;

As professoras que participaram dessa pesquisa, sem elas essa pesquisa não teria se concretizado;

A banca examinadora, por sua disponibilidade e contribuições neste trabalho;

E, por fim, a todos que não citei, mas que de alguma forma fizeram parte desta conquista;

Por todos os momentos, palavras de apoio, pela confiança, conselhos, segurança, alegrias, tristezas, abraços, ajudas e caminhadas. Serei eternamente grata, a vocês o meu
MUITO OBRIGADA!

Muitas coisas que precisamos podem esperar; a criança não. Agora é o tempo que seus ossos estão sendo formados, seu sangue está sendo feito, seu corpo sendo desenvolvido. Para ela não podemos dizer amanhã. Seu nome é hoje.

Gabriela Mistral

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso de pedagogia teve como objetivo analisar a visão de professoras da educação infantil sobre a construção de uma rotina significativa na perspectiva do empenhamento. Para tal, sob a abordagem qualitativa foram entrevistadas seis professoras, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas. O referencial baseia-se no modelo de Educação Experiencial de Leavers (2004), bem como nas contribuições de Formosinho (2009), Sousa (1998), Zabalza (1998) e Barbosa (2006). A análise e discussão dos dados mostram que na visão das professoras o sentido da rotina significativa está em atender as necessidades das crianças, visando à participação, autonomia, motivação e envolvimento delas, o que demonstra que o foco da rotina está nas crianças, aspecto essencial para a sua qualidade, por contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento delas. A partir da pesquisa, se constatou que o empenhamento do professor contribui para a construção de uma rotina significativa por ser a partir dele que o professor consegue compreender melhor as necessidades singulares da sua turma, o que possibilita adequar cada vez mais à rotina de sua sala a essas necessidades. Constatou-se também a utilidade dos indicadores de bem-estar e envolvimento na construção da rotina significativa, pois as professoras os observam em suas salas de aula, e a partir das informações fornecidas por eles, elas vão percebendo se as atividades da rotina estão ou não, sendo significativas para as crianças, e assim vão a adequando, visando o desenvolvimento e aprendizagem delas, aspecto coerente e essencial para a qualidade da educação infantil oferecida.

Palavras-chaves: Qualidade na Educação Infantil, Rotina Significativa, Bem-estar, Envolvimento, Empenhamento.

ABSTRACT

The present Pedagogy coursework had the objective of analysing the teachers' vision of childhood education concerning a significative routine construction from the commitment perspective. For this purpose, under a qualitative approach, six teachers were interviewed using semi structured interviews. The reference is based on the Laevers's Experiential Education (2004), as well as contributions of Formosinho (2009), Sousa (1998), Zabalza (1998) e Barbosa (2006). The analysis and discussion of the data show that in the view of the teachers a sense of routine is significant in addressing the needs of children, to ensure the participation, autonomy, motivation and involvement of them, which shows that the focus is on children's routine, which is essential for its quality, to contribute to the learning and development of them. From the research, it was found that the teacher dedication contributes to building a strong routine to be from him that the teacher can better understand the unique needs of your class, which allows increasingly adapt to the routine of his office these needs. It was noted also the usefulness of indicators of well-being and involvement in the construction of meaningful routine, because the teachers observe them in their classrooms, and from the information provided by them, they will realize that the activities are routine or not being significant for children, and so will be fitting, for the development and learning of them, consistent appearance and essential to the quality of early childhood education offered.

Key words: Quality in Early Childhood Education, significative Routine, Wellness, involvement, Engagement.

APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho de conclusão de curso orientado pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa, apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Ele está organizado em três partes: Memorial, Monografia e Perspectivas Profissionais.

O Memorial traz um resgate autobiográfico, tendo como foco lembranças significativas sobre minha trajetória escolar e acadêmica que me direcionaram e colaboraram para a escolha pelo tema deste trabalho monográfico.

A Monografia relata uma pesquisa feita com professoras da educação infantil com objetivo de: analisar a visão de professores da educação infantil sobre a construção da rotina significativa na perspectiva do empenhamento.

Finalmente nas Perspectivas Profissionais, são apresentados meus planejamentos, anseios e desejos acadêmicos e profissionais, após a conclusão do curso de pedagogia.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	11
LISTA DE FIGURAS.....	11
LISTA DE GRÁFICOS	13
PARTE 1-MEMORIAL	14
PARTE 2-MONOGRAFIA.....	22
INTRODUÇÃO:	23
CAPÍTULO 1-REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
1.1 Educação Infantil	25
1.2 Qualidade, envolvimento, empenhamento e bem-estar, na rotina da Educação Infantil.....	31
1.2.1 Qualidade na educação infantil	31
1.2.3 Bem-estar, envolvimento e empenhamento	34
CAPÍTULO 2-METODOLOGIA	50
2.1 Abordagem da pesquisa:	50
2.2 Contexto da pesquisa:	50
2.3 Participantes.....	51
2.4 Instrumentos.....	51
2.5 Procedimentos de construção dos dados.....	51
2.6 Procedimentos de Análise dos dados.....	52
CAPÍTULO 3-ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	53
3.1 Identificação dos participantes.....	53
3.2 A qualidade na Educação Infantil e o papel do educador.....	56
3.3 Rotina Significativa	62
3. 4 Bem-estar na rotina.....	71
3.5 Envolvimento na rotina.....	75
3.6 Empenhamento do professor na rotina	82

CAPÍTULO 4-CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
PARTE 3-PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	88
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	94
ANEXO.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro I-Indicadores de envolvimento.....	36
Quadro II- Formação dos participantes.....	53
Quadro III-- Experiência profissional dos participantes.....	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Dimensões de qualidade do processo educativo.....	33
Figura 2: Indicadores de qualidade que contribuem para a construção de uma rotina significativa.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I: Visão das professoras sobre uma Educação Infantil de qualidade.....	56
Gráfico II: Visão das professoras sobre rotina significativa.....	61
Gráfico III: Indicadores de Bem-estar.....	70
Gráfico IV: Indicadores de envolvimento.....	74

PARTE 1**MEMORIAL**

MEMORIAL

Minha história começou no dia 9 de junho de 1992, na cidade de Pedro Osório-RS. Sou fruto da união entre Silvia Maria Machado da Costa e Guilherme de Souza Duarte, meus pais que são a minha base. Quando nasci minha irmã Tainã já tinha 1 ano e 10 meses. Nós duas sempre fomos muito amigas e companheiras. Quando fiz 4 anos meus pais se separaram, momento que senti bastante mesmo pequena. Nos meus 5 anos, minha mãe conheceu meu padrasto que se chama Ricardo, com quem está até hoje. Tenho um carinho muito grande por ele e com a união deles após um tempo adotaram a Sofia que quando chegou à nossa família, eu já tinha 15 anos. Ela é um grande presente em nossas vidas. Além da Sofia, tenho um irmão fruto do relacionamento do meu pai com outra mulher. Seu nome é Pablo Henrique, que quando nasceu eu tinha 10 anos, apesar de não morarmos na mesma cidade a nossa relação é muito forte. Outras pessoas muito importantes na minha vida são meus avós e minhas primas Paula, Julia e seus pais que são minha 2º família. Enfim esta é minha família.

A minha vida escolar, ela começou quando tinha dois anos em Pelotas-RS, cidade a qual morava. Estudei na escola Chapeuzinho Vermelho, uma escola que tem um significado imenso para mim, pois permanecia lá das 7h às 18h. Lembro muito das professoras Tia Carmem e Tia Tânia que eram muito atenciosas e demonstravam um grande carinho pelas crianças. Esta escola só ia até o jardim III, então ao completar 6 anos teria que mudar de escola. Porém, devido as professoras e a diretora do Chapeuzinho Vermelho terem um imenso carinho por mim, pela minha família e por outras crianças que também teriam que deixar a escola, elas resolveram criar o “extra-classe” na escola, dessa forma pude continuar lá, pois na parte da manhã ia para uma escola chamada Zilda Morrone, perto da escola Chapeuzinho Vermelho, e quando acabava a aula uma das tias do Chapeuzinho Vermelho ia buscar eu, minha irmã e outras crianças e nós passávamos à tarde no denominado “extra-classe”, onde almoçávamos, fazíamos os deveres e depois brincávamos. Lembro que gostava muito de ajudar as tias a cuidar os bebês e as crianças menores da escola. Com relação, à escola Zilda Morrone não tenho muitas lembranças, mas minha mãe relata que eu gostava da escola.

Quando estava na 3ª série, atual 4º ano, consegui entrar, por meio de um sorteio, em uma escola concorrida da cidade: o Colégio Municipal Pelotense. Lembro-me que tinham 200 alunos concorrendo a três vagas e fui sorteada. Fiquei muito contente quando chamaram o meu nome, pois sempre quis estudar nessa escola que era grande e muito bonita. Nela fiz muitas amizades e lembro que gostava muito dos meus professores. Neste mesmo ano, minha mãe tirou eu e minha irmã da escola Chapeuzinho Vermelho, então estudava no período matutino e a tarde ia para casa. Lembro que no início sentia muita falta de ir para a escolinha, mas mesmo assim, toda a semana pelo menos uma vez íamos visitar as tias e nas apresentações da escola sempre participávamos, então mesmo com a saída da escolinha continuei tendo contato com aquelas tias e a escola.

Na metade da minha 4ª série, atual 5º ano meu padrasto foi transferido para Brasília, o que foi muito difícil para mim, pois tive que deixar a minha família e meus amigos, outro fator que também pesou foi o fato de ter que deixar a escola que tanto almejei estudar. Na despedida da escola fizeram uma festa para mim, foi muito emocionante receber o carinho dos meus colegas, amigos e da própria professora, até hoje guardo a carta que a turma me entregou. Com relação, a escolinha Chapeuzinho Vermelho todo ano que retorno a cidade visito a escola para rever as tias.

Ao chegar a Brasília foi tudo muito novo. Fui para a escola Classe 3 do Guará, onde lá me adaptei, apesar de que, no início, tirava muitas notas baixas algo que me deixava desanimada, pois na outra escola que estudava só tirava 9 e 10 nas provas, mas nessa tirava sempre menos que 5. Lembro que teve um dia que não consegui terminar o dever, porque não tinha aprendido o conteúdo, então a professora me deixou depois da aula fazendo e falou que só iria sair quando terminasse, essa foi uma situação que me deixou muito angustiada, pois nunca tinha vivenciado isso. Senti muita dificuldade nesta escola, devido ao conteúdo que parecia estar bem mais adiantado do que na outra escola, o que me fez pensar na época, inclusive, que iria reprovar; mas minha mãe foi conversar com a professora e ela falou que eu já havia chegado à escola aprovada, devido as minhas notas. Apesar disso, gostei da escola, pois fiz algumas amizades, mas lembro que sentia muita falta da outra escola e das minhas amigas.

Depois da 5ª a 8ª série, denominado atualmente 6º a 9º ano, estudei no Centro de Ensino Fundamental 02 do Guará. Lá fiz amizades e vi o quanto o professor pode

fazer você amar ou desgostar de determinada matéria, pois na 5° e 6° série, adorava matemática, devido o professor que mesmo vendo minhas dificuldades com relação à matéria me ajudou e me motivou. Nesses dois anos, esse professor com sua didática tornou meu processo de aprendizagem em matemática prazeroso. Ao chegar na 7° e 8° série, hoje denominado 8° e 9° ano, tudo mudou com relação à matemática, pois a professora que parecia estar sempre mal humorada e com falas de certa forma “pesadas” como essa que lembro perfeitamente que ela me falou, em um dia que fui pedir sua ajuda “muitos dessa sala não serão nada na vida, porque não conseguem aprender nada”. Foi algo que me marcou muito e que me desmotivou de tentar aprender a matéria, pois passei a me sentir incapaz. A partir disso passei a ter um grande “bloqueio” com relação à matéria, afetando todos os outros anos, inclusive o Ensino Médio, pois não sentia mais prazer e nem desejo em aprender matemática. Tirando isso gostava muito da escola, pois tinha varias amigas e também havia alguns professores que eram excelentes.

No Ensino Médio estudei no Centro Educacional 02 do Guará, onde continuei com as mesmas amigas do ensino fundamental, o que fez nossa amizade se fortalecer ainda mais. Um fator muito marcante do meu ensino médio foi que nele conheci meu namorado Giovanni, meu companheiro que está sempre ao meu lado me trazendo muita felicidade. Com relação às disciplinas meu rendimento era excelente em quase todas, pois nas disciplinas de exatas tirava sempre notas baixas, me esforçava para aprender, mas parecia que nada adiantava. Não conseguia compreender o conteúdo, não sentia motivação e, aos poucos, fui de fato desistindo de tentar aprender essas matérias de exatas e só “passava” nas matérias por causa dos trabalhos, então devido a isso pensava “jamais vou entrar na UnB porque não vou conseguir passar no vestibular nem no PAS”, me desestimulei totalmente e estudava apenas enquanto estava em sala de aula e para as provas da escola, não estudava especificamente para a UnB, pois para mim era certo que não passaria.

Com relação, a minha escolha pelo curso, ocorreu na prova do PAS em que escolhi sem dúvidas o curso de pedagogia, algo que sempre esteve em meus pensamentos, acredito que esse meu desejo esteja muito relacionado à minha experiência na escola Chapeuzinho Vermelho, pois sempre admirei as “tias” e o próprio lugar, adorava ajudar elas a cuidar das crianças, além também de sempre brincar muito com minha irmã de escolinha e com o tempo fui amadurecendo cada vez mais essa

minha escolha profissional e fui tendo cada vez mais certeza de que de fato queria ser professora.

A minha entrada no ensino superior na Universidade de Brasília foi de fato uma surpresa, pois como já ressaltado, pensava que não conseguiria passar na prova. Tinha em mente que iria fazer pedagogia em uma faculdade privada, assim quando saiu o resultado do PAS nem olhei, estava viajando quando minha amiga Janaine me mandou uma mensagem no celular falando que tinha passado e achei que era brincadeira e pensei: “seria tão bom se fosse verdade”, então minha mãe falou: “Olha lá não custa nada”. Quando vi meu nome na lista de aprovados não acreditei. A felicidade que senti naquele instante foi indescritível, um orgulho de mim mesma e ao mesmo tempo, uma grande lição: “acreditar mais em mim”, pois me subestimava muito achando que isso não era para mim. Esta é uma lição que vou levar e aplicar por toda vida.

Entrei na UnB no 1º semestre de 2010, em busca da realização de um sonho que sempre tive: ser professora. No início foi tudo muito novo e bem diferente do que vivenciei no ensino médio, aqui havia maior liberdade o que me proporcionou maior autonomia. Percebo hoje o quanto cresci desde minha entrada na universidade, onde dediquei muito aos estudos de forma autônoma. Nesse espaço tive oportunidade de ter aulas com excelentes professores (as) que me proporcionaram grandes aprendizados.

Nos primeiros semestres cursei as matérias obrigatórias e algumas optativas. Com relação às disciplinas e projetos que mais se destacaram nesses semestres foram: o projeto 1 e 2 que me fizeram conhecer melhor a universidade e o curso de pedagogia. Dentre as disciplinas foram: Fundamentos da Educação Ambiental, Organização da Educação Brasileira e o Educando com Necessidades Educacionais Especiais.

Quando chegou no 3º semestre tive que escolher um projeto 3 direcionado a alguma área do meu interesse. Escolhi o Projeto 3, Encanto no aprender com a professora Carla Castro. Um projeto que me trouxe grandes aprendizados, sobre a importância do lúdico como facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Realizei as duas fases desse projeto, com essa professora. Na primeira fase o estudo foi mais teórico sobre o lúdico na educação. Na segunda fase viu-se a parte prática. Fiz o estágio em uma escola de educação infantil no Jardim II, ao longo de 60 horas, onde realizei intervenções lúdicas com as crianças, experiência muito relevante, para articular teoria e

prática e perceber na prática, o quanto o lúdico pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Me envolvi bastante com o projeto e com a área e tinha interesse em dar continuidade ao projeto, mas a professora que ofertava foi “devolvida” à Secretaria de Educação e infelizmente o projeto acabou.

Nesse mesmo semestre, estava fazendo a disciplina Educação Infantil, que foi uma disciplina muito relevante para a minha formação e que despertou ainda mais meu interesse pela área e pela rotina, devido a sua importância para a qualidade da educação infantil, foco dessa disciplina. A experiência no estágio do Projeto 3 me fez ter um encanto pela Educação Infantil. Além dessa disciplina, outras três foram muito relevantes: Ensino de Ciência e Tecnologia, Ensino e Aprendizagem de Língua Materna e Educação Matemática, importantes, pois faziam constantemente uma articulação entre teoria e prática, o que acredito ser muito relevante para uma formação de qualidade.

Depois de concluída as duas fases do Projeto 3, comecei o Projeto 4 que também possuía duas fases. Tendo cada uma delas o estágio com duração de 90 h. Como não pude dar continuidade ao projeto anterior, continuei com uma certeza: a área de educação infantil. Procurei a professora Fernanda Cavaton que ofertava o projeto 4 na área de educação Infantil e fiz o Projeto 4 fase 1 com ela. Meu estágio teve como foco o início do processo de alfabetização e letramento na educação infantil. O interesse pela alfabetização e letramento foi devido neste mesmo semestre ter feito a disciplina “Processo de Alfabetização” que despertou meu interesse sobre esse processo no início da escolarização, devido sua importância. Nesse estágio realizava intervenções lúdicas com as crianças nessa área. Este projeto que me proporcionou ricas experiências, onde mais uma vez pude articular teoria e prática. Com relação, às disciplinas que cursei esse semestre resalto mais duas que foram muito relevantes: Avaliação Educacional do portador de Necessidades Especiais e Inconsciente e Educação.

No semestre seguinte, 6º semestre não cursei projeto, devido o semestre ter sido atípico por conta da greve, o que dificultaria a realização do estágio, então só peguei disciplinas dentre as que mais se destacam estão: Fundamentos da Linguagem Musical na educação, Educação do campo, Educação em Geografia, Oficina de Formação do Professor Leitor e Criatividade e Inovação na Educação, eram disciplinas que tinham uma constante articulação entre teoria e prática o que me proporcionou um aprendizado de qualidade.

No 7º semestre já tinha interesse em começar o Trabalho de Conclusão de Curso- TCC, porém apesar de ter gostado do tema do Projeto 4 que fiz, não pude dar continuidade, pois o projeto 4 fase 2 daquela professora não foi ofertado no semestre em que “tinha” que pegar. Diante disso, procurei a professora Fátima Guerra, pois sabia que ela trabalhava com a Qualidade da Educação Infantil e tinha interesse em saber mais sobre a questão da qualidade nesse segmento e assim a professora me aceitou no projeto. Dentro do projeto escolhi trabalhar com a rotina na educação infantil que é um indicador de qualidade. A escolha pelo tema foi devido ter tido meu interesse despertado na disciplina de educação infantil. Diante desta escolha de trabalhar com a rotina, a professora me apresentou os indicadores de envolvimento e bem-estar e falou que seria interessante trabalhar com esses indicadores na perspectiva da rotina. Aceitei a sua sugestão, passei a estudar e ler bastante sobre esses indicadores e a qualidade na educação infantil. Neste projeto defini o tema da minha monografia e confesso que fiquei muito satisfeita com a escolha, pois mesmo sem conhecer muito sobre o tema pude, pelas leituras e orientações da professora compreender melhor o mesmo e, a partir dessa compreensão, me encantei pelo assunto, devido ter percebido tamanha sua relevância e importância, o que me fez sentir ainda mais motivada para escrever este trabalho.

Nesse projeto fiz o estágio com duração de 90h, em uma instituição de Educação Infantil, em que lá pude ver, o envolvimento e bem-estar das crianças na rotina e a partir disso ter, ainda mais, a certeza de que queria, de fato, esse tema na minha monografia, pois percebi na prática a sua relevância.

No Projeto 5 dei continuidade ao projeto anterior com a Professora Fátima Guerra que aceitou ser minha orientadora no Trabalho de Conclusão de Curso.

Em síntese, por meio da minha memória educativa percebi o quanto a relação professor-aluno tanto pode despertar o interesse do aluno pelo conhecimento quanto ao contrário, “matar” esse interesse o que poderá ter consequências na vida do educando. Ficou evidente o quanto a figura do professor é marcante. Foi o caso das tias da escola Chapeuzinho Vermelho que tiveram uma influência muito grande na minha escolha pelo curso de pedagogia, devido elas terem me mostrado o quanto a profissão de professor é prazerosa, pois sempre as vi exercendo com prazer e alegria a profissão, o que me encantava e me fazia querer ser sempre igual a elas nas brincadeiras de

professora. Quando penso em como será minha atuação, penso que assim como elas quero exercer a profissão com prazer e despertar isso nos meus alunos. Percebe-se o quanto a ação educativa deve ser exercida com zelo e prazer, pois as ações, o modo como o professor exerce a profissão marca a vida de seus alunos e irei buscar marcar positivamente a vida deles.

Ao concluir esta minha memória educativa percebo a total relação entre o tema deste trabalho, com algo que sempre marcou minha vida escolar: a relação professor-aluno que será abordado aqui na perspectiva do empenhamento do professor, pois este pode fazer a diferença na qualidade do processo de ensino e aprendizagem dos alunos e professores, assim, oferecer a eles uma educação infantil de qualidade. Portanto, articulei o empenhamento do professor que é algo que marcou minha vida escolar a rotina na educação infantil que é algo que me chamou atenção na graduação, pois acredito com base no estudado que a articulação desses dois elementos pode contribuir para uma educação infantil de qualidade.

PARTE 2

MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem conquistado espaço de valorização cada vez maior, principalmente pela sua relevância e importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Estudos e pesquisas vêm mostrando que uma educação infantil de qualidade traz grandes contribuições às crianças, pois é dos 0 a 6 anos que elas vivenciam a fase de maior rapidez em seu desenvolvimento. O que fazemos ou deixamos de fazer nessa etapa, influenciará muito seu desenvolvimento delas, influências que poderão marcar toda as suas vidas (SOUSA, 1998).

Ao se buscar uma educação infantil de qualidade, há indicadores que contribuem para sua avaliação e contínua construção. A rotina é um desses indicadores e um dos aspectos-chave da qualidade dessa educação, segundo proposto por Zabalza (1998). Sua presença se faz diária nas instituições de Educação Infantil. É uma parte fixa do seu cotidiano, sem contudo deixar de ser flexível.

Para construir uma rotina significativa é fundamental pensá-la a partir dos interesses e necessidades das crianças. Considerando que na sala de aula esses são heterogêneos, o professor tem diante de si um desafio grande, para conseguir todos eles. Muitas vezes, a rotina quando rotineira acaba por desconsiderar individualidades, tornando-se alienante: “todo mundo faz a mesma coisa o tempo todo”. Tal prática, por desconsiderar as singularidades dos sujeitos, tratando-os homogeneamente, torna a rotina sem significado para as crianças, por não atender suas reais necessidades, comprometendo assim a qualidade da educação infantil a elas oferecida.

De especial interesse para este trabalho é a construção da rotina significativa, que é entendida neste trabalho como uma rotina que valoriza os limites, individualidades, ritmos, envolvimento, interação e potencialidades das crianças nela inseridas. Em outras palavras, uma rotina significativa tem a criança e não o professor, em foco. Ou seja, planejar uma rotina que atenda às necessidades de desenvolvimento e aprendizagem, individualidades e interesses das crianças, para que de fato, se construa uma rotina de qualidade, que contribua para o desenvolvimento delas.

Autores como Ferre Leavers (2004) tem proposto como fundamentais para a qualidade da educação, ou ainda, para o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, o empenhamento do professor e a importância de se criar situações de bem-estar e envolvimento na sala de aula, para se oportunizar às crianças, melhores

condições de desenvolvimento e aprendizagem. Portanto, pergunta-se: como o empenhamento do professor pode contribuir para a construção de uma rotina significativa, na visão de professoras da Educação Infantil?

Considera-se o tema da pesquisa relevante para profissionais das instituições de educação infantil. Para professores, por contribuir para a construção de rotinas que atendam à diversidade de interesses e necessidades dos alunos de sua sala, oferecendo-os uma educação de qualidade. Para a equipe de gestão, por poder envolver-se mais e nortear a qualidade da educação das instituições, além de poder interessar a outros estudiosos que se interessam e se preocupam com a qualidade da educação infantil.

O presente trabalho teve como objetivo geral: analisar a visão de professoras da educação infantil sobre a construção de uma rotina significativa na perspectiva do empenhamento. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, em que foram realizadas entrevistas com seis professoras da área, com intuito de: identificar a visão delas sobre o sentido da rotina significativa, e compreender como visualizam seu papel na construção da rotina significativa, tendo como parâmetros o modelo de Educação Experiencial e, em particular os indicadores de bem-estar, envolvimento das crianças e seu empenhamento na sala de aula.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Educação Infantil

A educação das crianças, durante muito tempo foi considerada de responsabilidade da família. Nesse contexto, elas aprendiam e se desenvolviam. Não se tinha instituição outra responsável por essa educação. A educação infantil que temos hoje é algo muito recente na história da educação brasileira (BUJES, 2001).

No Brasil, as primeiras creches tinham um caráter assistencialista, tendo como objetivo cuidar das crianças, enquanto suas mães trabalhavam. Já as crianças órfãs, muitas delas filhas de mulheres da corte que traíam seus maridos e, por vergonha, as abandonavam, ficavam em instituições denominadas Casa dos Expostos ou Roda dos excluídos. Essas creches populares forneciam cuidados básicos, como alimentação, higiene e segurança (PASCHOAL e MACHADO, 2009). Essas foram implantadas primeiramente em Salvador, no séc. XVII e no séc. XVIII no Rio de Janeiro. Foi uma das instituições brasileiras mais duradouras de atendimento a infância.

Roda dos expostos referia-se era ao local onde os bebês rejeitados eram colocados. De forma cilíndrica tinha na parte inferior uma espécie de tabuleiro onde se colocava a criança e girava-se a roda, ao tempo em que se puxava uma corda avisando a presença de nova criança abandonada.

A educação das crianças, devido ao seu caráter assistencialista, contribuía para sua não obrigatoriedade por parte do governo. Kuhlmann Jr (2000. p. 8) destaca:

A educação assistencialista promovia uma pedagogia da submissão, que pretendia preparar os pobres para aceitar a exploração social. O Estado não deveria gerir diretamente as instituições, repassando recursos para as entidades.

De acordo com Valle (2010) com a chegada de imigrantes europeus no século XIX, e devido sua rápida entrada no mercado de trabalho, houve reivindicações por melhores condições de trabalho e também por creches para os filhos desses trabalhadores. Diante dessa situação, em 1930, alguns pensadores brasileiros como Lourenço Filho e Anísio Teixeira clamaram por reformas educacionais, o que suscitou no Manifesto dos Pioneiros da escola nova, conforme ressalta a autora. Dentre as

reivindicações, o manifesto pedia instituições específicas para o atendimento as crianças.

Por volta de 1935, começam a se estruturar no Brasil os parques infantis, primeiramente em São Paulo e posteriormente se espalhou para outras cidades, e estados brasileiros, umas das características dessas instituições, de acordo com Kuhlmann Jr (2010), era receber no mesmo espaço crianças entre 3 a 6 anos e as de 7 a 12 anos, fora do horário escolar, sendo a recreação, de acordo com o autor, um aspecto que marca esses parques.

Em 1947, surgiu o primeiro decreto referente à educação infantil, nomeado de Consolidação das leis de ensino que tratava dos maternais que tinham função de receber os filhos dos operários, em ambientes parecidos com o lar e os jardins de infância que visava o desenvolvimento do autocontrole e iniciativa das crianças (VALLE, 2010).

Em 1952, de acordo com Nunes (2011), houve o lançamento do Plano de Assistência ao Pré-escolar. Esse plano atribuía às instituições “o objetivo de promover o desenvolvimento integral harmonioso da criança, por meio de experiências de vida que favorecessem a formação de hábitos sadios e estimulassem a capacidade de adaptação progressiva ao meio social”. (NUNES. 2011 .p. 21)

A LDB número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, referiu-se a educação primária da seguinte forma (BRASIL, 1961): “Art. 23. A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos e será ministrada em escolas maternais ou jardins de infância”.

Durante a década de 60 a Constituição (BRASIL, 1967) determinou que a educação do nível básico fosse obrigatória e gratuita. No ano de 1971, houve um aumento da obrigatoriedade da educação básica para oito anos e, no mesmo período a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) lei 5692/71 (BRASIL, 1971) trouxe o princípio de municipalização do ensino fundamental.

Em 1968, de acordo com Nunes (2011), ocorreu o I Encontro Interamericano de Proteção ao Pré-escolar, no Rio de Janeiro, neste encontro discutiu-se principalmente a necessidade de políticas e ações integradas e articuladas de atenção global as crianças, aliando cuidados (alimentação, saúde e assistência) a educação.

Até meados da década de 70, Kuhlmann Jr (2010) destaca que houve um processo lento de expansão das instituições de educação infantil, em que parte estava ligada ao sistema de educação que atendia as crianças de 4 a 6 anos de idade e parte estava associada aos órgãos de saúde e de assistência, havendo um contado indireto com a área educacional.

Com a crescente evasão escolar nessa década e uma grande repetência das crianças, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, sob a perspectiva de uma educação “compensatória”, criou-se a educação pré-escolar, assumindo-se ser esta uma tentativa para se compensar, na escola, as supostas carências das crianças pobres, no âmbito da família. No entanto, os profissionais dessas escolas eram pessoas sem a devida formação e qualificação, muitos deles voluntários, sem remuneração digna. Tal fato, entre outros, como a alta rotatividade entre eles, comprometiam a construção de um trabalho pedagógico de qualidade.

Nessa época, as creches públicas e privadas se diferenciavam. As primeiras de caráter mais assistencialista focavam apenas nos cuidados básicos das crianças: banho, higiene, alimentação e segurança física. Esses serviços eram, na maioria das vezes, de baixíssima qualidade, devido, entre outros fatores, a falta de apoio financeiro do Estado. Já as privadas integravam esses cuidados básicos às atividades pedagógicas, tanto no aspecto cognitivo, emocional e social (KRAMER, 1995).

Nesse mesmo período, ocorreram diversos problemas na educação pré-escolar. Um deles era a ausência de políticas públicas explícitas no que se refere à obrigatoriedade de oferta. Outro problema era a má qualificação de professores.

Na década de 80, após intensas e longas lutas da sociedade civil visando o atendimento das crianças em instituições como creches e pré-escolas, avançou-se no entendimento dos direitos da infância e da criança. A Constituição de 1988 reconheceu as crianças e jovens como sujeitos de direitos. A oferta da educação pré-escolar passou a ser obrigatória. Pela Constituição, a educação pré-escolar passou a ser vista como um direito de todos e dever do estado, que deverá integrá-la ao sistema de ensino. As creches integraram o cuidar e o educar, complementando a ação da família. A criança passa a ser vista como um ser social e histórico que pertence a uma determinada cultura e classe social. A partir desta Constituição as crianças tiveram seus direitos garantidos na legislação. O Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, em 1990 assegurou os

direitos da criança e do adolescente, declarando, ainda, a obrigação da proteção integral a todos eles.

A Lei de Diretrizes Bases da Educação- LDB, de 1996, definiu a educação infantil como primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

A LDB (BRASIL, 1996), no inciso IV do artigo 4º ressalta a gratuidade da educação infantil ao determinar “atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade”, a mesma lei divide a educação infantil em duas etapas: as crianças de 0 a 3 anos, ficam sob a responsabilidade das creches e as de 4 a 6, da pré-escola. Essas duas etapas possuem especificidades, devendo os conteúdos e objetivos estarem adequados ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. As especificidades das etapas são explicitadas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- RCNEI, documento este que estabelece um conjunto de referências e orientações pedagógicas para cada uma das etapas da Educação Infantil, visando contribuir com a implantação de práticas educativas de qualidade (BRASIL, 1998). A proposta pedagógica da Educação Infantil do Distrito Federal nas duas etapas é centrada na criança no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, tendo como relações indissociáveis o cuidar e o educar (BRASIL, 1998).

Em 2006 com , a Lei nº. 11.274, o governo federal alterou a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da LDB, a 9.394/96, dispondo sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade. Estabelecendo prazo de até 2010 para a adequação dos Estados, Municípios e o Distrito Federal à nova lei. Com isso, a educação infantil ficou responsável pelas crianças de até cinco anos de idade. As de seis anos foram incluídas no ensino fundamental, ampliado para nove anos.

A educação infantil, apesar de obrigatória e gratuita em termos de oferta, continuava a ser opcional para a família. Isto mudou com a Lei nº 12.796/2013, sancionada pela presidente Dilma Rousseff que ajusta a Lei nº9.394 de 20 de dezembro de 1996 à Emenda Constitucional nº 59, que torna a educação básica obrigatória e

gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

O documento obrigatório norteador das propostas pedagógicas das instituições de educação infantil são as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil-DCNEI (2010). Essas diretrizes têm como objetivo: “orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil.” (BRASIL, 2010)

Essas diretrizes definem exigências para as instituições de Educação Infantil, incluindo o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), um documento orientador das ações e metas da instituição que deve respeitar os seguintes princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2010)

Esses princípios evidenciam a importância dada à Educação Infantil e ao trabalho pedagógico que precisa ocorrer em suas instituições. No caso da educação do Distrito Federal, educar, cuidar, brincar e interagir constituem eixo norteador das experiências de aprendizagem das crianças (BRASÍLIA, 2013).

Assume-se que por meio da relação da criança com o outro, quando suas necessidades primárias são supridas, a criança se apropria do mundo. Tal influencia e potencializa seu crescimento individual e a construção de seu saber cultural (BRASÍLIA, 2013).

Outro aspecto presente no Currículo em Movimento (BRASÍLIA, 2013) e no RCNEI (BRASIL, 1998) é a importância do autoconhecimento da criança, pois ele contribui para que ela aprenda a se relacionar com o outro, e por meio dessas relações a criança vai conhecendo o mundo ao seu redor.

A qualidade da relação educador- criança é imprescindível para se pensar na qualidade da educação. De acordo com Sousa (1998) na perspectiva da qualidade da educação infantil, o objetivo maior do professor na sua relação com as crianças é

atender às suas necessidades e interesses e envolvê-las cognitivamente e afetivamente, no seu processo educativo.

Hoje, a criança na educação infantil é vista como um sujeito histórico. A cultura onde se insere a influencia e é por ela influenciada. Uma das formas que a criança assimila a cultura é por intermédio da brincadeira, de atividades lúdicas. Conforme exposto no Currículo da educação básica do Distrito Federal (2008), a criança faz o uso do brincar para se expressar e manifestar seus anseios e desejos.

A infância é a fase das brincadeiras e é por intermédio das atividades lúdicas que a criança tem oportunidade de vivenciar situações da vida adulta, assimilar a cultura do meio em que vive e a ela se integrar, adaptando e modificando as condições que o mundo lhe oferece e aprendendo a cooperar e conviver com seus semelhantes. (BRASIL, 2008)

No referido documento, a ludicidade é definida, como um espaço interativo, em que há ações coordenadas, pelas quais as crianças constroem e apropriam-se de conhecimentos e habilidades, no âmbito da expressão, da linguagem, da cognição, dos valores e da sociabilidade. Pela brincadeira, atividade natural da infância, a criança se expressa, mostra suas diferentes maneiras de lidar com as situações, além do brincar ser dotado de significação social (SANTOS, 1997), necessitando estar presente no espaço escolar, brincar faz parte da infância. Vale ressaltar que uma das brincadeiras que fazem parte da infância e que necessitam estar presente no espaço escolar é o faz de conta. Vigotski (1987) ressalta as contribuições dessa brincadeira tanto para a aprendizagem da cultura e valores, como também para a socialização e desenvolvimento da imaginação, tendo ela muito significado para a criança.

É importante ressaltar que não basta a oferta e a obrigatoriedade da educação infantil, é primordial que esta seja de qualidade:

“[...] a mera oferta de lugares em contextos de educação de infância não é suficiente para garantir os benefícios que o esforço de expansão de provisão pretende. É preciso cuidar da qualidade dessa provisão.” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009. p. 9)

É imprescindível essa qualidade, pois conforme ressalta Sousa (1998) é do 0 a 6 anos que a criança vivencia a fase de maior rapidez em seu desenvolvimento, portanto se percebe a importância de uma educação infantil de qualidade, devido ela ter muito a contribuir para o desenvolvimento da criança, ou seja, conforme ressalta Rodriguez

(2007), há uma relação entre a qualidade da educação infantil e o desenvolvimento das crianças.

A consideração da qualidade da educação infantil supõe a identificação de parâmetros e indicadores. Estes tanto norteiam as ações da sua construção, quanto são ferramentas indispensáveis à sua avaliação (SOUSA, 2006; FORMOSINHO, 2009).

Sendo assim, esta pesquisa aborda a rotina significativa que é um indicador de qualidade e as contribuições de mais três indicadores na construção dessa rotina, sendo eles: empenhamento, bem-estar e envolvimento.

1.2 Qualidade, envolvimento, empenhamento e bem-estar, na rotina da Educação Infantil

1.2.1 Qualidade na educação infantil

Não há um conceito universal e único de qualidade. Este é dinâmico, construído e reconstruído constantemente (BRASIL, 2009). A qualidade, presente em diversos setores da sociedade, envolve diferentes dimensões e se relaciona a valores e crenças de vários e diferentes contextos. Segundo Zabalza (1998), há três eixos semânticos principais, referentes à qualidade. O primeiro, vinculada aos valores. O segundo, à efetividade, ou seja, a instituição terá qualidade ao alcançar bons resultados e o último eixo articula qualidade e satisfação, ou seja, só haverá qualidade se os envolvidos estiverem satisfeitos.

As definições de qualidade dependem de muitos fatores, entre eles: os valores nos quais as pessoas acreditam; as tradições de uma determinada cultura; os conhecimentos científicos sobre como as crianças aprendem e se desenvolvem; o contexto histórico, social e econômico, em que a escola se insere. No caso específico da educação infantil, a forma como a sociedade define os direitos da mulher e a responsabilidade coletiva pela educação das crianças pequenas também são fatores relevantes (BRASIL, 2009).

De acordo com Sousa (1998) subjacente à qualidade há uma avaliação, sendo ela considerada a partir de parâmetros preestabelecidos. Portanto, ao se falar em qualidade há que se identificar e construir critérios e indicadores, sendo eles “sinais que revelam aspectos de determinada realidade e que podem qualificar algo” (BRASIL, 2009. p.15).

Esses indicadores contribuem para que haja uma avaliação mais objetiva sobre se o que está sendo avaliado possui qualidade ou não, para que a partir disso, sejam tomadas medidas que contribuam para a melhoria qualitativa do avaliado (SOUSA, 1998). Deste modo, ao se visar à qualidade na educação infantil é necessário que se tenha clareza dos seus indicadores e da sua avaliação, para que eles estejam presentes no planejamento, avaliação e mediação do educador. Esses indicadores, argumenta a autora, contribuem para que o professor possa avaliar e refletir de modo mais objetivo sobre sua própria prática pedagógica tendo maior clareza sobre como promover a melhoria qualitativa do trabalho seu pedagógico.

Vê-se a complexidade da qualidade da educação infantil e da sua avaliação. Esta última supõe um processo participativo de todos os atores da instituição educativa. Uma estratégia adequada dessa avaliação é explicitada no documento: Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (BRASIL, 2009). Este propõe que se avalie a instituição educativa a partir de sete indicadores:

1 - planejamento institucional; 2- multiplicidade de experiências e linguagens; 3 – interações; 4 – promoção da saúde; 5 – espaços, materiais e mobiliários; 6 – formação e condições de trabalho das professoras e demais profissionais; 7 – cooperação e troca com as famílias e participação na rede de proteção social. (BRASIL, 2009)

No processo avaliativo propõe-se que cada um desses indicadores seja avaliado a partir de determinadas perguntas a serem analisadas, debatidas e respondidas pela comunidade escolar. Trata-se de uma proposta flexível, que pode variar segundo a instituição considerada.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade na Educação Infantil - PQNEI (2006), ressaltam que um sistema educacional de qualidade:

[...] é aquele em que as instâncias responsáveis pela gestão respeitam a legislação vigente, têm papéis definidos e competências delimitadas e apoiam financeira, administrativa e pedagogicamente as instituições de Educação Infantil a ele vinculadas.

Segundo o PNQEI (2006), tal qualidade não deve ser pensada apenas como responsabilidade da instituição de Educação Infantil, mas de todos, tanto quanto do apoio do poder público. É preciso que cada um se responsabilize por essa qualidade, a partir do cumprimento responsável dos seus papéis. Igualmente, há que se considerar a garantia dos direitos das crianças. As autoridades devem, também, cumprirem seu papel

para que esses direitos sejam, de fato, assegurados, o que contribuirá para a qualidade da educação infantil. Conforme argumenta Sousa (1998. p.18): “A qualidade na educação infantil não é apenas necessária, mas também possível. Ela deve ser vista, simultaneamente, como uma realidade e uma meta - haverá sempre possibilidades de melhoria”.

Zabalza (1998) propõe dez aspectos-chave de uma educação infantil de qualidade, que se complementam, sem que haja uma ordem de importância. São, eles: a organização dos espaços; Equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades; Atenção privilegiada aos aspectos emocionais; Utilização de uma linguagem enriquecida; Diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades; Materiais diversificados e polivalentes; Atenção individualizada a cada criança; Sistemas de avaliação, anotações, etc., que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças; Trabalho com os pais e as mães e com o meio ambiente (escola aberta) e as Rotinas estáveis, que um dos indicadores de qualidade abordado neste trabalho. Segundo o referido autor, essas são relevantes no contexto da educação infantil:

[...] por definir o contexto em que as crianças se movimentam, fazendo com que o cotidiano seja previsível, o que contribui para a segurança e autonomia das crianças, sendo importante analisar o conteúdo das mesmas, para que elas sejam enriquecedoras para as crianças. (ZABALZA, 1998. p.52)

Entre os pressupostos e condições assumidas no presente trabalho, considerou-se que uma educação infantil de qualidade é aquela que oferece um ambiente acolhedor, seguro e confiável, para que as crianças se sintam seguras, protegidas, aceitas e felizes, não devendo existir espaço para negligências por parte dos adultos que nela trabalham. É fundamental, que haja um respeito às individualidades das crianças e um planejamento que contribua seus processos de desenvolvimento e aprendizagem (SOUSA, 1998). Os indicadores de bem-estar, envolvimento e empenhamento propostos por Leavers (2004), contribuem para essa qualidade, sendo eles considerados nesse trabalho na perspectiva da construção de uma rotina significativa.

1.2.3 Bem-estar, envolvimento e empenhamento

Segundo Leavers (2004), a qualidade na educação pode ser vista de diferentes modos variando segundo a percepção de professores, coordenadores, pais e diretores, o contexto da escola e as próprias ações dos professores. Já do ponto de vista político, se foca mais nos resultados dessa educação e não tanto no processo.

Leavers (2004), em sua abordagem de Educação Experiencial-EXE, destaca a relevância de considerar-se na qualidade da educação, três variáveis: contexto, processo e resultado. Para o autor a EXE, oferece uma base conceitual que pode ser utilizada em diversos contextos em que ocorrem a aprendizagem e desenvolvimento, em particular a atenção do educador na promoção do Bem-estar e Envolvimento dos seus alunos, buscando-se o ponto de vista deles, seus sentimentos, emoções e percepções. É uma abordagem que preza pelo desenvolvimento, autonomia e atitude exploratória das crianças, conforme ressalta Portugal e Leavers (2010 apud PEREIRA, 2002). A essência desse modelo educativo -EXE, de acordo com o autor, é “explorar e aumentar a energia nas pessoas e trazê-las para uma espiral positiva que leva à aprendizagem profunda na criança e no adulto!”. (LEAVERS, 2004. p. 67)

Para o referido autor, a principal contribuição da EXE é a possibilidade de se identificar indicadores de qualidade existentes no processo dessa dinâmica, entre o contexto e os resultados. Ou seja: na possibilidade do envolvimento e de bem-estar da criança. De acordo com o autor, ao se avaliar o processo, a partir do envolvimento e bem-estar, se está percebendo o contexto, o que contribuirá para avaliar se este está proporcionando resultados positivos. A figura a seguir ilustra a sua ideia:

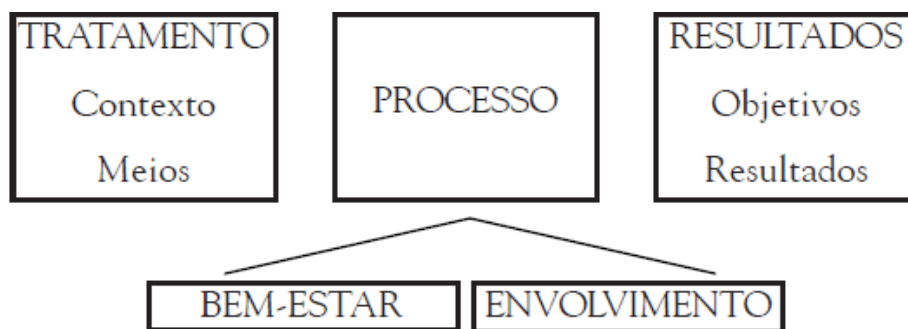


Figura 3-Dimensões de qualidade do processo educativo Leavers (2004, p. 59)

Leavers (2004) atribui muita importância ao contexto. Para ele, para se falar em qualidade, em qualquer contexto educativo, é necessário analisá-lo, bem como as

atividades que nele são desenvolvidas. Igualmente importante é a análise dos resultados, a partir da consideração do grau de bem estar e do nível de envolvimento. Formosinho e Araújo (2004) argumentam que para avaliar a qualidade da educação infantil é essencial enfatizar o processo, pois é nele que se analisa o que realmente acontece dentro do contexto. Para essa avaliação processual é necessário instrumentos, e o nível de envolvimento contribui para se monitorar e investigar os processos.

De acordo com Leavers (2004), uma boa educação infantil é aquela que possui um contexto que deixe as crianças experienciarem alto nível de bem estar, e onde todas as áreas do desenvolvimento estão representadas nas atividades. Para o autor, quando em bem-estar, os indivíduos agem com espontaneidade, demonstrando confiança e energia, tendo suas necessidades básicas supridas. É necessária, a criação de ambientes estimulantes, desafiadores que provoquem a criança para que ela se sinta estimulada e motivada a fazer determinada atividade e nele envolver-se. Além do espaço, material e atividades, o professor também possui um importante papel mediador. Ao interagir com a criança ele pode criar condições para que esta atinja alto nível de bem-estar e envolvimento, no âmbito da educação infantil de qualidade, de acordo com Leavers (2004) o professor a figura mais importante nesse contexto.

Leavers (2004) ressalta que para avaliar o progresso das crianças no ambiente é necessário avaliar se estas se sentem à vontade no mesmo, se expressam autenticidade, vitalidade e autoconfiança, indispensáveis ao bem-estar do indivíduo. O autor ressalta que um alto nível de bem-estar cria condições para o desenvolvimento. Leavers (2008), afirma que se houver envolvimento, as crianças desenvolvem suas potencialidades, e se houver o bem-estar há um bom nível emocional, o que refletirá na qualidade dessa educação.

O referido autor define o envolvimento como uma dimensão da atividade humana, que pressupõe uma alta motivação, fascinação e implicação total, não existindo qualquer distanciamento entre a pessoa e a atividade, na qual está envolvida, sendo a concentração o aspecto essencial do envolvimento. Argumenta ainda o autor que esse envolvimento só ocorre numa pequena zona, a “Zona de Desenvolvimento Proximal-ZDP (VIGOTSKI, 1987)”. Ou seja, as atividades não podem estar nas aprendizagens já efetivas e nem fora do campo de potencialidade do aluno. Como, ressaltado por Formosinho e Araujo (2004), não ocorre envolvimento quando as atividades são

demasiadamente fáceis ou exigentes demais, segundo Leavers (1994 apud FORMOSINHO E ARAUJO, 2004. p.128) há dados que mostram que quando ocorre o envolvimento a criança tem uma “experiência de aprendizagem profunda, motivada e duradoura”.

De acordo com Leavers (2008), para que ocorram efetivas aprendizagens, o educador deve ser capaz de desencadear o envolvimento. Para isto é fundamental organizar um ambiente estimulante e propor atividades significativas que despertem a motivação do aluno. Segundo Formosinho e Araujo (2004), as variáveis do contexto como a formação dos professores, a organização do ambiente, a oferta de materiais e, até mesmo, a perspectiva pedagógica da escola, irão influenciar nesse envolvimento. As autoras referem-se a uma pesquisa comparativa entre crianças de uma sala de aula tradicional e outra construtivista. Verificou que essas últimas, se envolveram mais do que as primeiras. Argumentam as autoras que o envolvimento é algo mutável, que varia de acordo com a qualidade do contexto oferecido.

Nesse contexto, percebe-se que o contexto da sala de aula e as variáveis que o formam possuem grande influência no bem-estar e envolvimento dos alunos, logo, ao seu avaliar a presença ou não desses indicadores nos alunos é fundamental que se observe o contexto em que esses indicadores estão sendo avaliados.

O quadro a seguir, mostra os indicadores de envolvimento ressaltado por Leavers (2004):

Indicador	
Concentração	A criança fica concentrada na atividade e nada a distrai.
Energia	A criança investe bastante esforço para a realização da atividade, devido seu interesse e estímulo com a mesma. Sua energia é demonstrada pela própria alteração de voz ou pela pressão que faz sobre o objeto.
Complexidade e Criatividade	Ocorre a mobilização por espontânea vontade da criança de suas capacidades cognitivas, para realizar um comportamento mais complexo. Estando a criatividade no ato da criança dar um toque individual que contribuirá para seu desenvolvimento criativo.
Expressão Facial e Postura	Os indicadores não verbais contribuem para verificar o envolvimento da criança. Como o brilho nos olhos, a própria postura da criança, que pode mostrar concentração ou tédio.
Persistência	É o tempo da concentração da criança em uma atividade, pois quando elas estão envolvidas não abandonam facilmente a atividade que as interessa.
Precisão	Quando a criança está envolvida ela mostra um cuidado especial com seu trabalho, estando atenta aos pormenores.
Tempo de reação	Quando envolvidas as crianças estão atentas e reagem rapidamente a estímulos
Linguagem	Os comentários que as crianças fazem sobre determinada atividade podem mostrar a importância da mesma.
Satisfação	Quando a criança esta envolvida ela mostra satisfação ao alcançar os resultados

QUADRO I-Indicadores de envolvimento

Esses indicadores contribuem para que o observador compreenda e perceba melhor o envolvimento da criança nas atividades, não devendo ser utilizados como escala, conforme ressaltado pelo autor. Segundo Leavers (2004) é possível avaliar o

envolvimento, mesmo que ele pareça algo subjetivo, a partir da “Escala de Envolvimento de Lovaina” que possui cinco níveis:

Nível 1- Não há atividade. A criança está mentalmente ausente. A atividade exterior que possa existir é uma repetição estereotipada de elementos elementares.

Nível 2-Ações com muitas interrupções. A criança age mais de forma intermitente, não se fixando numa única atividade.

Nível 3 - Já a atividade propriamente dita, mas sem intensidade. A criança está a fazer qualquer coisa (por exemplo, ouvir uma história, a moldar barro a fazer experiências na areia, a interagir com outras, a escrever...), mas lhe falta concentração, motivação e prazer na atividade.

Nível 4 - Já há momentos de intensa atividade mental.

Nível 5- Há um envolvimento global, expresso pela concentração e implicação absoluta. Qualquer perturbação, qualquer interrupção são vividas como rupturas frustrantes.

De acordo com Formosinho e Araujo (2004), a Escala de Envolvimento é um instrumento que contribui para a avaliação dos processos de ensino e aprendizagem, mas, para que o observador possa avaliar o nível de envolvimento da criança nesses processos é fundamental que ele se coloque em sua experiência (LEAVERS, 2008).

Essa avaliação do processo de ensino e aprendizagem contribuirá para que o professor reconstrua sua prática pedagógica, de modo que ela se adeque, cada vez mais, às necessidades e interesses dos alunos e consiga envolvê-los no processo de ensino e aprendizagem. O envolvimento e bem-estar são conceitos que contribuem para avaliar a qualidade do trabalho pedagógico da escola, se ele está contribuindo ou não, para o desenvolvimento da criança. Leavers (2008) ressalta que quanto maior a oferta de atividades estimulantes, tendo a possibilidade de escolha pela criança, maior será o envolvimento. Porém, para o autor, não basta oferecer materiais e atividades interessantes, é preciso que o professor realize intervenções estimulantes.

O professor e o modo como ele se relaciona com os alunos poderá contribuir para motivar, alargar, promover e envolver a criança no processo de aprendizagem, podendo suas ações apresentarem (ou não) características de empenhamento, conforme ressaltado por Oliveira-Formosinho (2009). O empenhamento é definido por Bertram e Leavers (1996 apud MAIMONE e TOMÁS, 2005), como a capacidade do professor ser sensível no momento de mediar à aprendizagem dos seus alunos, devendo propor

situações de aprendizagem que os estimulem. O professor é um estimulador, além de saber promover a autonomia das crianças. Portanto, havendo empenhamento por parte do professor, ao interagir com elas, este torna-se um promotor da aprendizagem.

O empenhamento do adulto pode ser observado a partir da Escala de Empenhamento. Esse instrumento permite o registro e análise da interação entre adultos e crianças, a capacidade de interação do educador no processo de ensino e aprendizagem e suas características, estas influenciam a competência do educador de envolver a criança no processo de aprendizagem. Por meio dessa escala o observador poderá focar seu olhar nas características da intervenção do adulto, conforme ressalta Bertram e Leavers (1996 apud MAIMONE e TOMÁS 2005). De acordo com Oliveira-Formosinho (2009. p.135):

A Escala de Empenhamento do Adulto foi desenvolvida para permitir a avaliação da eficácia do processo de ensino-aprendizagem em jardim de infância, através da observação dos estilos de interação adulto-criança. A qualidade da intervenção do adulto é um fator crítico na qualidade da aprendizagem da criança

Pela Escala de Empenhamento do adulto, Leavers (1994) identificou três categorias no comportamento do professor que utilizou na construção desta escala:

1. *Sensibilidade*: a atenção e cuidado que o adulto demonstra ter para com os sentimentos e bem estar emocional da criança. Inclui também sinceridade, empatia, capacidade de resposta e afetividade.
2. *Estimulação*: o modo como o adulto concretiza a sua intervenção no processo de aprendizagem e o conteúdo dessa intervenção.
3. *Autonomia*: o grau de liberdade que o adulto concede à criança para experimentar, emitir juízos, escolher atividades e expressar ideias e opiniões. Engloba também o modo como o adulto lida com os conflitos, as regras e os problemas de comportamento.

Cada uma dessas três categorias ressaltadas são analisadas em uma escala de 1 a 5 pontos, conforme a maior ou menor intensidade em que as ações observadas se traduzem em apoio à aprendizagem das crianças. Tais pontuações são as seguintes:

Ponto 5: representa um estilo de empenhamento total; Ponto 4: representa um estilo predominante de empenhamento, mas com algumas atitudes de falta de empenhamento; Ponto 3: representa um estilo onde não predominam nem as atitudes de empenhamento nem as de falta de empenhamento; Ponto 2: representa um estilo predominante de não empenhamento, mas onde se notam algumas atitudes de empenhamento; Ponto 1 representa um estilo de ausência total de empenhamento. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009. P.140)

A escala de empenhamento do adulto se apoia nas interações professor- aluno. Esta pode ou não contribuir para a ocorrência da aprendizagem, existindo, conforme ressaltado por Rogers, (1993 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009) em suas pesquisas, uma relação entre o estilo de interação do adulto e a aprendizagem dos alunos. Isto é: quando o professor apresentava empenhamento havia uma maior comunicação por parte dos alunos, em que eles levantavam e problematizavam mais questões, demonstravam mais criatividade, tinham níveis cognitivos mais elevados e se envolviam mais com a aprendizagem. Em síntese, o estilo do empenhamento do professor influencia o envolvimento dos alunos, e em consequência, nas suas aprendizagens.

A referida escala revela o tipo de mediação pedagógica do professor (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009). Segundo Luiz e Calheiros (2008), essa escala do empenhamento é muito útil como instrumento de apoio à aprendizagem profissional, na medida em que ela fornece informações para que o professor reflita e repense sua prática pedagógica para que haja uma melhor qualidade na relação professor-aluno, o que contribuirá para a qualidade da educação oferecida.

Uma educação infantil de qualidade requer o envolvimento e bem-estar das crianças, e para isso é fundamental que haja o empenhamento do adulto. Conforme ressaltava Oliveira-Formosinho (2009): “O envolvimento das crianças e o empenhamento dos adultos são interdependentes”.

Neste trabalho se considera os indicadores de envolvimento, empenhamento e o bem-estar, na perspectiva da construção de uma rotina significativa na Educação Infantil, sendo a rotina um indicador e um dos aspectos-chave da qualidade, propostos por Zabalza (1998). A figura a seguir, ilustra os indicadores de qualidade considerados no presente trabalho, a partir da visão de professores:

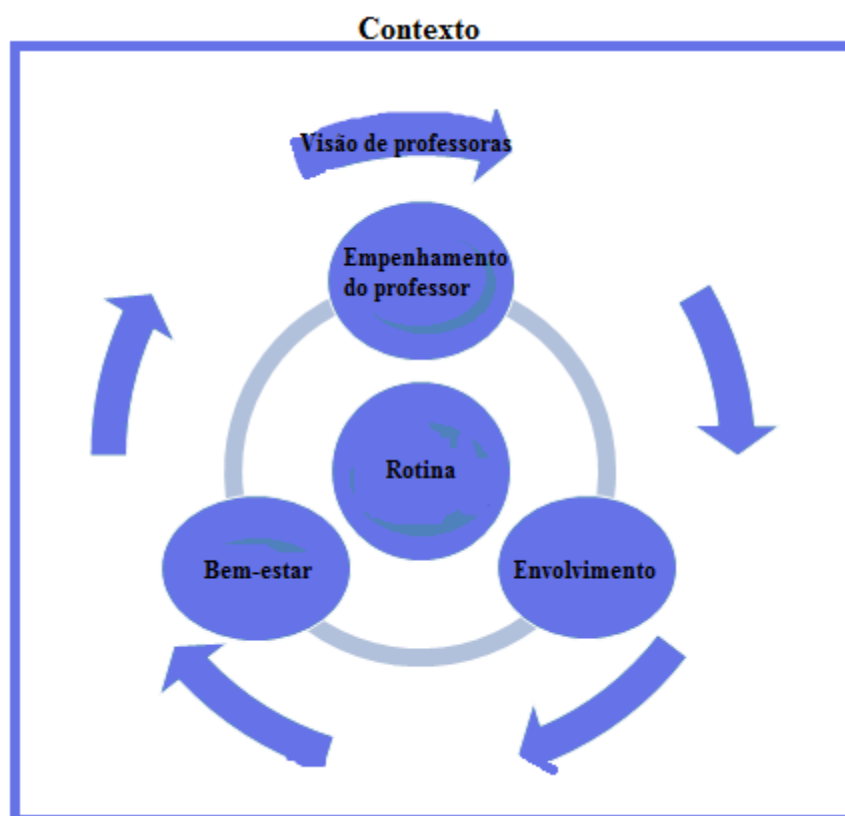


Figura 4: Indicadores de qualidade que contribuem para a construção de uma rotina significativa

O significado básico de rotina em algumas línguas, como inglês, Francês e Latim é referente a uma noção espacial, vinculada a um caminho, direção, rumo. Existindo também uma ideia de rotina vinculada à sequência temporal, sendo rotineiras atividades mecânicas, realizadas sempre da mesma forma, de forma inconsciente, vista muitas vezes como oposta a inovação. Porém, conforme, ressalta Barbosa (2006) não há um sentido real e único da palavra rotina.

Os conceitos de cotidiano e rotina muitas vezes são vistos como sinônimos, porém, conforme ressalta Barbosa (2006), o cotidiano é mais abrangente é nele que ocorrem as atividades repetitivas e rotineiras, existindo nele a possibilidade do inesperado e do novo. Já a rotina é um elemento do cotidiano que o organiza, um produto cultural produzido e reproduzido no dia a dia, uma parte fixa do cotidiano, mas, conforme ressalta a autora, não é porque a rotina é fixa que ela não pode ser flexível.

A rotina tem sido estudada no âmbito de varias áreas da atividade humana, como a psicologia, medicina, pedagogia, entre outras. Seu objetivo é estruturar e organizar o cotidiano, estando muito presente na educação. De acordo com Zabalza (1998), as

rotinas atuam como organizadoras estruturais das experiências cotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e ainda substituem a incerteza do futuro. O cotidiano passa então a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia da criança.

Na educação infantil, a rotina significativa é importante na medida em que dá segurança às crianças sobre o que está por vir, além de contribuir para a sua autonomia. Como por exemplo, em uma rotina de determinada escola, depois do lanche, as crianças vão escovar os dentes, então as crianças, após lanche, vão imediatamente pegar suas escovas para escovar os dentes, devido já terem o domínio do processo a ser seguido, o que é possível através da rotina, devido ela organizar e estruturar as experiências cotidianas.

A elaboração da rotina varia de acordo com a instituição, algumas vezes é elaborada pela direção da escola em colaboração com a equipe pedagógica, já outras vezes, a direção elabora uma rotina padrão que deve ser seguida por todos os professores, outras vezes é criada pelo professor e seus alunos, ou somente pelo professor, podendo ser elaborada de diversas formas. Barbosa (2006) ressalta que as rotinas sintetizam o projeto pedagógico das instituições de educação infantil e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais, portanto a rotina diz muito sobre os princípios políticos e pedagógicos da escola. Existindo alguns fatores condicionantes nessa elaboração tais como: o modo de funcionamento da instituição, horário de entrada e saída da escola, horários de alimentação, turno de trabalho de professor e funcionário, organização do tempo e espaço (BARBOSA, 2006).

A rotina varia de acordo com os princípios e a pedagogia da escola. Cada uma possui um enfoque diferente no modo de organizá-la. Apesar das diferenças, na sua elaboração e organização, há algumas regularidades, como as sequências de atividades, que devem ser efetivadas no dia a dia, porém o modo como essas atividades ocorrem variam (BARBOSA, 2006).

Do mesmo modo, variam suas formas de representação: cartazes fixos com a rotina já estabelecida visível a todos que entrarem na sala; cartazes móveis, quando a rotina é construída entre alunos e professores, os alunos vão construindo e a professora vai anotando esta rotina construída entre eles; rotina fixada no armário do professor o

auxiliando, não estando disponível para as crianças; rotina oral, que é construída oralmente entre a turma e o professor (BARBOSA, 2006).

Ainda segundo a referida autora, há quatro elementos constitutivos das rotinas, que a apoiam e estruturam: a organização do ambiente; o uso do tempo; a seleção e as propostas de atividades e a seleção e a oferta de materiais.

A organização do ambiente é fundamental na constituição dos sujeitos, sendo ele um mediador que proporciona experiências e aprendizagens. Esta organização ocorre de diferentes formas que irão variar de acordo os objetivos, as concepções e as diretrizes da escola, pois conforme ressalta a autora, o ambiente diz muito sobre as concepções pedagógicas da escola (BARBOSA, 2006).

Para a referida autora, o ambiente pode favorecer a construção cognitiva e subjetiva da criança, afinal conforme ressalta Piaget (1946 apud BARBOSA, 2006), é a partir dos espaços ou ambientes vividos, e da relação das crianças com estes espaços que elas estruturam as noções de tempo, espaço, objeto e causalidade, entretanto para que essas noções se desenvolvam é fundamental que o ambiente atenda aos interesses e necessidades delas e uma dessas necessidades fundamentais das crianças relacionadas ao ambiente é que ele esteja adaptado à altura delas, de modo que elas possam exercer a autonomia de realizar certas atividades. Para essa Carvalho (1998), ao adaptar o ambiente às necessidades das crianças, o educador estará ajudando-as a desenvolverem um sentimento de domínio e controle sobre este, atitude indispensável para que estas tenham segurança e autonomia para explorá-lo.

Nessa exploração do ambiente, além da adaptação é imprescindível que este seja desafiante e estimulante, o que proporcionará às crianças experiências estimulantes e diversificadas. O modo como o ambiente é disposto e a sua variação amplia o universo conceitual e cultural da criança, ampliando suas capacidades de aprender e se expressar (BARBOSA, 2006). Conforme exposto no RCNEI a “aprendizagem transcende o espaço da sala” (BRASIL, 1998. p.58). Ou seja, quando se fala em organização do ambiente na rotina, não se está abordando apenas a sala de aula em si, mas os diversos espaços da escola e fora dela que podem contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Em síntese, na perspectiva da qualidade da educação infantil, considera-se o ambiente como um segundo educador. Um espaço que favorece múltiplas experiências, vivências e assim, múltiplas aprendizagens (OLIVEIRA-FORMOSINHO 2009).

O tempo é outro elemento estruturante da rotina. Este varia de acordo com a intuição escolar. Muitas vezes se regula, rigorosamente, o horário de início e término de cada atividade, sem respeitar as necessidades das crianças. Em outras, o tempo não é determinado pelo relógio dos adultos e sim pelo tempo necessário às crianças para as suas atividades da rotina. Mesmo com a estruturação do tempo coletivo, que é o caso da rotina, é fundamental, ressalta Barbosa (2006), que se respeite o tempo pessoal de cada criança. Devendo a organização do tempo, conforme ressaltado no RCNEI (BRASIL, 1998), prever diversas e simultâneas possibilidades de atividades, que vão das mais a menos movimentadas, individuais ou em grupos, com maior ou menor grau de concentração; de repouso, alimentação e higiene, enfim, atividades referentes aos diferentes eixos de trabalho. É importante que o tempo aqui considerado seja flexível e adaptado às necessidades, ritmo e interesse dos alunos.

O RCNEI (BRASIL, 1998) ressalta a rotina na Educação Infantil como um instrumento que organiza o tempo didático, orienta as ações das crianças e dos professores, além de contribuir na dinamização da aprendizagem. É uma facilitadora das percepções infantis sobre o tempo e o espaço, em que uma rotina clara e compreensível para as crianças é fator de segurança. É importante, de acordo com o referido documento que a rotina envolva cuidados, brincadeiras e situações de aprendizagens orientadas.

A seleção e oferta de materiais são elementos que influenciam muito na rotina. Os materiais oferecidos às crianças na educação infantil, muitas vezes não são tão valorizados pela instituição escolar. Tal desvalorização está muito relacionada à concepção pedagógica da escola, quando não valoriza a relação aluno-objeto como importante para o estímulo e desenvolvimento do aluno. Uma das consequências disto é a oferta de materiais inapropriados, estragados e, até mesmo, em reduzida quantidade deles, o que não atende à demanda dos alunos. De acordo Goldschmied (1998 apud BARBOSA, 2006. p. 161):

As crianças bem pequenas são uma nova pessoa em formação e que, portanto, necessitam não somente de atenção física, mas, também,

relações humanas e estímulos materiais que ativem, desde os primeiros meses, a sua grande capacidade de desenvolvimento mental.

Dada a sua relevância para o desenvolvimento das crianças, não é qualquer material que pode ser oferecido a elas. Estes devem estar adequadas às suas necessidades. Segundo Barbosa (2006), não precisa haver somente materiais industrializados nas escolas. Os não industrializados, também podem enriquecer as experiências das crianças, pois a partir deles elas podem construir suas brincadeiras. Além disso, assim como a escassez de materiais é prejudicial na escola, o seu excesso também o é (ZABALZA, 1998). Deve haver uma quantidade e variedade necessária para que todas as crianças possam explorá-los. Os materiais e a sua organização a partir das necessidades dos alunos, são importantes na organização da rotina. Ou seja, os materiais criam atividades e alternativas a serem realizadas nas rotinas (BARBOSA, 2006). O Currículo em Movimento ressalta que os materiais são elementos que fazem parte das situações de aprendizagem quando usados de “maneira dinâmica, apropriada à faixa etária e aos objetivos da intervenção pedagógica.” (BRASÍLIA, 2013. p.31).

A seleção e a proposta de atividade são outros elementos constituintes da rotina. Para Barbosa (2006), há dois grupos de atividades na rotina: as práticas relacionadas aos rituais de socialização e de cuidado, e as pedagógicas, que podem ser livres ou dirigidas pelos educadores, as quais variam de acordo com a idade das crianças.

O educador tem papel fundamental na organização e no próprio modo como concebe e executa a rotina. Além disso, a relação que o professor estabelece com os seus alunos influenciará muito nessa rotina. Por meio dela, ele poderá construir relações que vinculem e aproximem mais aluno e professor, o que contribui para o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças (RODRIGUEZ, 2009). Segundo esta autora, uma relação afetiva e emocional positiva entre os envolvidos na rotina, proporcionará maior segurança às crianças. Maior esse sentimento, maior a possibilidade de seu envolvimento, no processo de aprendizagem, o que aumentará as chances para uma aprendizagem significativa. Segundo Rodriguez (2009), o professor tem o papel de criar um clima positivo nessa rotina, para que esta seja de qualidade e contribua para a construção de uma educação infantil de qualidade.

Há grande crítica com relação a rotina na educação infantil. É que, muitas vezes, a escola adota rotinas padronizadas, conforme ressalta Barbosa (2006), em que todas as turmas possuem a mesma rotina que deve ser seguida da mesma forma, o que

desrespeita a diversidade de alunos da escola e o próprio processo de desenvolvimento deles, afinal cada turma terá alunos com necessidades específicas e diversas que devem ser respeitadas, conforme ressaltado no RCNEI (BRASIL, 1998), em que o referido documento destaca que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que atenda tanto as demandas do grupo, como também as individualidades de cada criança. Portanto dentro da rotina é fundamental que essas individualidades sejam contempladas pelo professor, pois quando não há um respeito a essas necessidades, a rotina pode se tornar alienante, conforme ressalta Barbosa (2006), sendo apenas uma sucessão de fatos que não fazem sentido para os envolvidos, devido ela não considerar a realidade e os interesses deles.

Essas rotinas padronizadas estão relacionadas à própria organização dos tempos e espaços que são organizados para vivências únicas, ou seja, as múltiplas vivências decorrentes da diversidade de crianças são esmagadas por rotinas que tem como base a uniformização e a homogeneidade.

Os tempos e os espaços da creche estão organizados para vivências únicas (todas as crianças devem descansar ao mesmo tempo e no mesmo local, independente de estarem cansadas ou não; todas devem comer ao mesmo tempo; todas devem participar das atividades dirigidas ao mesmo tempo; todas devem ir para o parque ao mesmo tempo; etc.). Todas as crianças ao mesmo tempo e no mesmo espaço devem desenvolver uma única atividade de um mesmo jeito. (BATISTA, 1998. p. 59)

Nesses casos, trabalha-se na perspectiva de alunos iguais, homogêneos, o que é um desrespeito à diversidade presente na escola. Não se considera as diferentes formas de ser e viver das crianças no mundo, afinal cada criança tem seus costumes, hábitos e necessidades específicas, e com essa homogeneização se busca que as crianças que são diferentes tenham atos, atitudes, gostos e desejos iguais.

Essa homogeneização está muito presente na sociedade, a partir da produção em massa, que busca formar uma identidade única em todos os cidadãos, para enquadrá-los socialmente, conforme ressalta Barbosa (2006), e ao ser colocada dentro da educação infantil, há sérias consequências no significado que a escola terá para esse aluno, pois por não ser pensada para a criança, e sim a partir de uma visão “adultocêntrica”, ela não atende suas necessidades, passando a ser um lugar estranho e muitas vezes sem sentido para a criança, além também de afetar a própria identidade desses indivíduos que acaba sendo moldada.

Desse modo, para que a educação infantil seja um espaço acolhedor é fundamental que se respeite a diversidade dos alunos, sendo necessária a emancipação de práticas reguladoras, homogêneas, universalizantes e impessoais, conforme ressalta Batista (1998) o que é incompatível com uma rotina padronizada e alienante. Há que se pensar a rotina considerando-se a criança, suas necessidades e seu envolvimento. Muitas vezes, os alunos estão com alto nível de envolvimento em certas atividades, mas devido ao tempo fragmentado da rotina, eles são levados interromper, imediatamente o que faziam para fazer a próxima atividade da rotina. Ou seja, muitas vezes, conforme ressalta Batista (1998), não é a atividade que determina o tempo, mas o tempo, que, de forma autoritária, a determina.

Nesse modelo de rotina padronizada não se leva em conta se uma dada atividade é ou não significativa para a criança, priorizando-se a sequenciação da rotina para que esta seja rigorosamente seguida, não existindo qualquer flexibilização, o que a torna alienante e sem sentido para a criança. Rotina não alienante é uma rotina flexível às necessidades das crianças, sem esquecer a necessária regularidade relativa, conforme ressalta Abi-Saber (1963 apud BARBOSA, 2009. p. 104):

Os horários e os trabalhos devem ser tão flexíveis que possam atender as condições especialíssimas de cada escola e de cada criança, mas deve haver também uma certa regularidade no horário para facilitar a aquisição de bons hábitos, para que as crianças fiquem bem orientadas e sintam uma sensação de conforto e segurança.

Percebe-se que a rotina não deve ser engessada, devendo ser voltada aos interesses, necessidades, envolvimento e ritmo das crianças. A flexibilidade é fundamental, tanto quanto a regularidade da rotina, devido ela propiciar conforto, segurança e autonomia, contribuindo para própria noção de temporalidade das crianças. Em caso de alteração de algum momento da rotina é necessário se avisar previamente às crianças, para que elas tenham tempo de assimilar as alterações, conforme ressalta Zabalza (1998). Segundo Ramos (1998 apud BARBOSA, 2009), ao se suprimir determinado momento da rotina, se desorganiza as ações próximas da que foi retirada, e como consequência há uma perda dos referenciais temporais, portanto, é imprescindível esse aviso prévio para as crianças.

Na rotina, o momento de transição de uma atividade para outra deve ser pensado pelo educador de forma não fragmentada. Conforme Barbosa (2006), esse tempo de transição é pouco pensado pelos educadores. Porém, ele possui sua importância por

atribuir significação aos acontecimentos, de modo contínuo e não fragmentado. Tais transições são, muitas vezes, realizadas em forma de música, gestos e símbolos. Ramos (1998 apud BARBOSA, 2009), denominou esses comportamentos de estereotípias, devido após a música, símbolo ou até mesmo ao horário, as crianças romperem imediatamente o que estavam fazendo para começar novas atividades, não tendo continuidade entre elas.

Essa fragmentação das atividades da rotina, que a torna muitas vezes alienante é devido à alternância presente na maioria das rotinas, em que as atividades se alternam entre momentos tranquilos e de intensa atividade, como por exemplo, das atividades livres para as dirigidas é muito frequente na Educação Infantil essa alternância nas atividades, em que normalmente cada atividade possui um tempo reduzido.

Essa alternância e fragmentação do tempo, conforme ressalta Barbosa (2006) ocorre, muitas vezes, devido ao conceito de atenção infantil, sedimentada nos livros de psicologia e didática que aborda a redução da capacidade de atenção das crianças pequenas, ressaltando que elas não conseguem ficar mais de 15 minutos, em uma atividade que necessite de concentração. Barbosa (2006) vê isto como um mito, pois “quando as crianças gostam de uma atividade, dão significado a ela, são capazes de ficar muito tempo envolvidas” (BARBOSA, 2006. p.148). Portanto, o envolvimento deve ser levado em consideração pelo professor durante a rotina. De acordo, com o nível de envolvimento do aluno em certas atividades é necessário ampliar ou não este tempo. É fundamental essa flexibilização da rotina, para que haja uma rotina de qualidade, capaz de contribuir para o desenvolvimento dos alunos.

Proença (2004) ressalta a importância de ocorrer uma rotina estruturante que é bem diferente dessa rotina alienante que, muitas vezes, ocorre nas escolas. A rotina estruturante é planejada em sintonia com o ritmo dos alunos, envolvendo ação, flexibilidade, contemplando as necessidades do grupo.

Percebe-se que as rotinas possuem sua importância na educação infantil, proporcionando à criança segurança, autonomia, organização espaço temporal, e que mesmo com as atividades recorrentes na rotina, elas não precisam ser repetitivas, devendo existir certa flexibilidade. Afinal,

As rotinas têm importantes elementos da tradição, mas também é possível procurar o outro lado da rotina, seu lado encantador, de

aprender a fazer todos os dias, de maneiras distintas, as tarefas que nos garantem a vida e, também, a conviver diariamente com nossos pares, alunos, educadores, recriando atos e relações. (BARBOSA, 2006. p. 206)

Em síntese, a rotina é um indicador que influenciará na construção da qualidade da educação infantil, e para que haja essa qualidade é fundamental que ela seja flexível, devendo ser repleta de descobertas e diversas experiências que atendam aos interesses das principais envolvidas: as crianças. E, acima de tudo, é importante que a rotina favoreça a construção de ambientes onde a criança se sinta em bem-estar, se envolva com as atividades que desenvolve na sala de aula, tendo assim, melhores condições para aprender e se desenvolver.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 Abordagem da pesquisa:

A pesquisa relatada neste trabalho orientou-se pela abordagem qualitativa em que uma das suas características é “buscar conhecer os fenômenos sociais por meio dos significados que estes têm para as pessoas”. (TRALDI e DIAS, 2011. p.35). Segundo Godoy (1995 apud NEVES 1996) a pesquisa qualitativa apresenta as seguintes características “o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão as coisas e a sua visão como preocupação do investigador; enfoque indutivo.” (NEVES, 1996. p. 1). De acordo, com o autor, um estudo qualitativo possui um recorte espaço-temporal de algum fenômeno por parte do pesquisador. A partir deste recorte que se define o campo e a dimensão do que será pesquisado.

A opção por este tipo de pesquisa deu-se à sua adequabilidade ao que se buscou aqui: construir os dados, a partir do contato direto da pesquisadora com a situação estudada, buscado retratar a perspectiva dos participantes (LUDKE e ANDRÉ, 1988; TRALDI e DIAS, 2011). Como tal, não se buscou padronizar “[...] a situação da pesquisa nem, tampouco, em garantir a representatividade por amostragem aleatória dos participantes (FLICK, 2009. p. 32). Ou seja, a pesquisa não visou generalizar seu resultado.

Os dados da pesquisa foram construídos a partir de uma entrevista semi-estruturada, levando-se em consideração que esta, de acordo com Manzini (2004 apud TRIVINOS 1987), questiona a partir de teorias e hipóteses que embasam o tema da pesquisa. Esse tipo de entrevista favorece a descrição e compreensão dos fenômenos sociais em sua totalidade (MANZINI, 2004), por se ter um roteiro flexível de possíveis perguntas e não um questionário fechado.

2.2 Contexto da pesquisa:

A pesquisa ocorreu em uma escola privada localizada em Taguatinga que atendia a educação infantil. As entrevistas se deram no momento de coordenação pedagógica das professoras, em suas salas de aula. O espaço das salas eram amplos,

coloridos e com decorações feitas pelas professoras. Eram ainda, arejados, pois havia uma parede com janelas grandes e dois ventiladores e armários onde era guardado o material da professora e os brinquedos. Havia ainda, a mesa da professora e mesas redondas com cadeiras adaptadas à altura das crianças, um quadro e um tapete de EVA colorido que ficava no canto da sala.

2.3 Participantes

Participaram da pesquisa seis professoras da educação infantil. O acesso à escola tornou-se mais fácil por haver nela um familiar que lá trabalha. As professoras participantes da pesquisa foram escolhidas aleatoriamente, por sorteio, pela coordenadora da escola, dentre as professoras da educação infantil, essas professoras aceitaram participar da pesquisa.

As seis professoras entrevistadas tinham em média 28 anos variando entre 23 e 48 anos. Quanto à experiência na educação infantil, a variação foi de 2 a 30 anos. Todas elas formadas em pedagogia. Metade delas com pós-graduação. O Quadro III ilustra essas informações referentes experiência profissional das professoras.

2.4 Instrumentos

Para a realização da pesquisa foram utilizados os seguintes materiais: um celular, que foi utilizado como gravador, um questionário de identificação (ver apêndice II) entregue às professoras no momento inicial da entrevista, com o objetivo de conhecer melhor cada profissional e um roteiro com tópicos a serem abordados no decorrer da entrevista.

2.5 Procedimentos de construção dos dados

As entrevistas referidas foram realizadas entre 30 de setembro e 9 de outubro de 2013. Elas foram gravadas em áudio, com a devida autorização das professoras (apêndice I), para salvaguardar a fidedignidade dos dados. (a transcrição das entrevistas compõe o anexo I). As entrevistas tiveram entre 9-29 minutos de duração. No momento inicial, se pedia para as professoras responderem o questionário de identificação com informações sobre a sua formação e experiência profissional.

Um pré-teste de entrevista foi feito com uma professora da educação infantil de uma escola privada. Esse ensaio evidenciou a necessidade de mudança no roteiro previsto e principalmente, na sua forma de condução, pois se percebeu tanto uma

tendência de indução às possíveis respostas da participante, quanto pouca exploração do conteúdo de sua fala.

Após a entrega do questionário respondido, começava o diálogo sobre a concepção das entrevistadas sobre a qualidade na educação infantil e o seu papel nessa educação, a partir do quê passou-se a abordar a rotina significativa, na perspectiva dos indicadores de bem-estar, envolvimento e empenhamento.

2.6 Procedimentos de Análise dos dados

Para se preservar a identidade das entrevistadas elas são aqui identificadas como: Professora I, II, III, IV, V e VI.

Na análise considerou-se os indicadores de qualidade da educação infantil, selecionados para este trabalho por contribuírem para a construção de uma rotina significativa: bem-estar, envolvimento e empenhamento do adulto. As categorias de análise foram criadas, a partir dos objetivos da pesquisa.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Identificação dos participantes

Todas as participantes eram do sexo feminino. Este dado é frequente entre docentes da educação infantil. Segundo Harnik (2011), 97% dos professores da educação infantil do Brasil são do sexo feminino. Tendência com raízes históricas, o que tem levado a identificar-se o trabalho de uma professora com o de uma mãe, influenciando a opção de muitas mulheres pelo magistério (HARNICK, 2011). Posicionamento também destacado por Araujo (1990) ao associar a feminização da profissão à ideologia do maternalismo, que assume o ensinar como algo exclusivo do gênero feminino. Assim, o modo como a mãe trata os filhos, deve ser o modelo seguido pelas professoras nas relações com seus alunos. O ambiente familiar tende a ser recriado nas escolas, a partir do emprego de mulheres que terão de acordo com o esperado, atitudes maternas com seus alunos.

Uma das consequências desse maternalismo vê-se quando boa parte dos alunos da educação infantil chamam a professora de “tia”. Diferenciar tais papéis é necessário. Há funções diferentes e complementares. A LDB (BRASIL, 1996), é categórica em sua afirmativa de que a educação infantil complementa a ação da família e da comunidade. Não há substituição de papéis. Freire (1997) argumenta que:

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. (FREIRE, 1997. p. 9)

Harnik (2011) chama a atenção sobre a importância de o professor não ser confundido com tio ou tia, assumindo sim, seu papel de educador, para não contribuir para o prevalecimento do maternalismo, em oposição à qualificação profissional. Outra consequência, desse maternalismo é ver-se como função da educação infantil, essencialmente, o cuidar e não integrar o cuidar e o educar. Com relação à formação inicial e continuada do professor, ela é uma necessidade e direito do profissional da educação, conforme ressaltado pela LDB (BRASIL, 1996), sendo necessária para a melhoria da ação profissional e prática pedagógica. No que se refere a formação profissional, a composição do grupo está apresentada no quadro a seguir:

Professoras	Magistério	Pedagogia	Pós-graduação		
			Especialização	Mestrado	Outro
Professora I	Não	Sim (conclusão em 2013)	Não	Não	Não
Professora II	Sim (conclusão em 1982)	Sim (conclusão em 2006)	Não	Não	Não
Professora III	Sim (conclusão 1986)	Sim (conclusão 2006)	Sim (Curso: Neurociências/Inclusão)	Não	Letras Portugê s
Professora IV	Não	Sim (conclusão 1999)	Não	Não	Não
Professora V	Sim	Sim	Sim	Não	Não
Professora VI	Não	Sim (conclusão 2011)	Sim (Curso: Psicopedagogia/cursando)	Não	Não

QUADRO II- Formação profissional

Vê-se que todas as professoras têm o mínimo desejado para a qualidade do trabalho pedagógico: o curso de Pedagogia. Mas, só isto não basta. É imprescindível uma formação continuada do profissional da educação, em especial do profissional da educação infantil, que precisa de uma formação específica, pois ao ser um especialista neste segmento, ele saberá identificar melhor a aprendizagem e as fases de desenvolvimento da criança, suas necessidades físicas, emocionais e cognitivas, sendo necessário que em sua prática, esse professor assuma um caráter polivalente (ALMEIDA, 2009) e reflita e a avalie, constantemente. Esta especialização contribui para a formação de um profissional mais preparado para atender às necessidades específicas das crianças nessa faixa etária, o que se refletirá na qualidade da educação infantil a ela oferecida. Parte do grupo de professoras aqui considerado parece ter consciência disso, pois metade delas possui especialização. Mas, nem sempre tal consciência está acompanhada de oportunidade.

Com relação às demais professoras, não se pode afirmar que por não estarem, no momento, fazendo a especialização, elas não estejam se atualizando. Há outros possíveis caminhos tais como leituras, seminários, cursos, entre outros. Além disso, é importante ressaltar que a própria prática pedagógica, quando refletida, pode fornecer

vários aprendizados que contribuem para aumentar as suas experiências, o currículo e a própria qualidade da ação pedagógica delas.

A qualidade da educação infantil depende de muitos fatores. Um deles tem sido a formação profissional:

[...] para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade deste profissional, além da formação inicial, faz-se necessário que o/a professor/a esteja sempre se atualizando por meio de leituras, discussões com seus pares e formação em serviço, a fim de garantir uma efetividade no trabalho na Educação Infantil. (BRASIL, 2010. p. 34)

Há um consenso na área sobre a importância da formação profissional, para a construção da qualidade na educação infantil. Maior o nível dessa formação, maior a possibilidade de um trabalho pedagógico de qualidade do professor, o que pode criar melhores condições para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Outro fator associado à formação do professor é a sua experiência profissional. O quadro a seguir ilustra o tempo de experiência profissional das participantes da pesquisa.

Categorias	Professoras					
	I	II	III	IV	V	VI
Tempo de docência	9 meses	30 anos	18 anos	10 anos	10 anos	2 anos
Sempre trabalhou na Ed. Infantil	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Tempo de trabalho na Ed. Infantil	2 anos	30 anos	18 anos	7 anos	10 anos	2 anos
Turma com que trabalha atualmente	Maternal II	Maternal I	Jardim III	Maternal II	Jardim I	Maternal I
Número de crianças	18 crianças	13 crianças	19 crianças	18 crianças	19 crianças	13 crianças
Idade média das crianças	4 anos	3 anos	5 anos	3 anos	4 anos	3 anos
Tem auxiliar	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim

QUADRO III- Experiência profissional

Têm-se, entre as participantes, um grupo que se diferencia da maioria dos docentes das instituições da educação infantil: além de terem o curso de Pedagogia, a maioria delas sempre trabalhou na educação infantil. A média de tempo de trabalho dessas professoras na educação infantil é de 11,5 anos, sendo que a de maior tempo tinha 30 anos, e a de menor, 9 meses. Já no que se refere ao tempo de docência em geral, a média foi de 11,8 anos.

Das professoras entrevistadas quatro (67.%) trabalham no maternal e duas (33%) no Jardim. A média de idade das crianças que atendem é 3 e 5 anos de idade, respectivamente. O total de crianças por turma é cerca de 19 alunos. Nas salas de aula do maternal, há uma professora regente e uma auxiliar, ambas compartilham funções e responsabilidades, não havendo funções específicas diferenciadas entre elas. Nas salas de aula do Jardim há apenas uma professora.

A partir, das entrevistas observou-se que as professoras com maior tempo de trabalho e que sempre atuaram na educação infantil (30 e 18 anos) responderam às perguntas com maior convicção e argumentação, além de ressaltarem durante suas falas exemplos de sua própria prática, fazendo um diálogo constante entre teoria e prática, a hipótese levantada para isso é o tempo de experiência dessas professoras, assim como também, o curso de magistério também pode ter influenciado, visto que essas duas o fizeram.

3.2 A qualidade na Educação Infantil e o papel do educador

Conhecer a visão das professoras sobre qualidade e o modo como elas vem seu papel como profissionais da Educação Infantil é necessário, na medida em que seu empenhamento e a forma como organizam as rotinas são diretamente influenciados por suas concepções.

A análise das visões das professoras sobre o sentido de uma educação infantil de qualidade evidenciou três tendências: a primeira, relacionada à importância do diálogo entre o conhecimento que a criança já possui e o conhecimento escolar; na segunda, o enfoque foi dado ao lúdico, já na terceira destacou-se a qualidade em função do fazer da criança e do professor. O gráfico a seguir, ilustra o percentual de professoras em cada tendência:

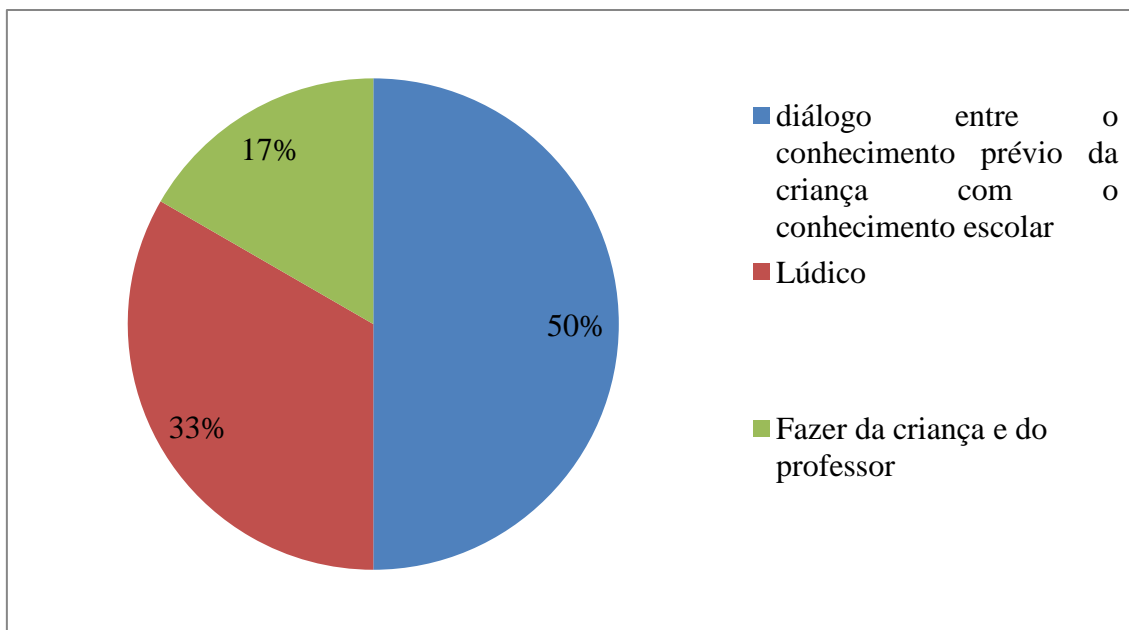


Gráfico I: Visão das professoras sobre uma Educação Infantil de qualidade

A maioria (50%) das professoras se posicionou na relação dialógica entre conhecimento prévio da criança - conhecimento escolar. Uma das professoras assim se expressou:

Professora I: Seria a criança ter liberdade dentro de sala de aula, para ela estar trabalhando coisas relacionadas ao cotidiano dela, dia a dia dela.

Exemplo do segundo posicionamento têm-se na Professora II. Disse ela:

É o ensino que você trabalha com a criança, a educação. O que ela traz não só da escola, mas o que ela traz de casa, o que ela aprende, a vivência que ela já tem de casa, vai aproveitar tudo que ela já conhece toda a cultura que ela já tem.

A professora VI tem o mesmo posicionamento:

Uma educação em que a gente explora aquilo que o aluno já sabe e em cima disso ensinando novas coisas, onde o aluno se interessa pelo que é ensinado.

As visões dessas professoras se aproximam. Ao seu modo cada uma ressalta a importância do diálogo entre o conhecimento que a criança já possui, com o conhecimento escolar. Tal posicionamento, com visão do desenvolvimento infantil é assim destacado por Zabalza (1998):

[...] a criança pequena é competente no duplo sentido de situação de entrada e de propósito de saída: ao entrar na escola já traz consigo vivências e destrezas (competências de diversos tipos e com diferentes níveis de evolução) que- escola aproveitará como alicerces de seu desenvolvimento. Ao deixar a educação infantil deve possuir um

repertório mais amplo, rico e eficaz, que expresse o trabalho educativo realizado durante os primeiros anos de idade. (ZABALZA, 1998. p. 20)

A relação dialógica entre os tipos de experiências e conhecimentos referidos pode contribuir, também, para que a criança se sinta tanto parte do processo de aprendizagem, quanto valorizada, na medida em que seu conhecimento está sendo considerado, e ao mesmo tempo, ela tem maior motivação para se envolver com as atividades de sala de aula.

As visões das professoras III e V (33%) tipificam a segunda tendência, que refere-se ao lúdico, disseram elas:

Professora III: Qualidade na educação infantil é a criança, primeiro ela vir para a escola com prazer e a professora ta sistematizando as aulas com material lúdico. Educação infantil é fundamental ter material lúdico para criança manipular, a criança só aprende se ela manipular né? Assim, não é que ela só aprenda, mas é um facilitador, o uso de material didático concreto, o uso de fantoche, o uso de história, tudo, tudo que você for oferecer para a criança em termos de conteúdo se você primeiro trouxer de maneira lúdica, a sistematização do conteúdo fica muito mais fácil.

Professora V: Uma educação infantil de qualidade é que nós temos que trabalhar com a criança o lúdico [...] Assim o que eu faço na minha sala de aula, tudo que eu trabalho com meus alunos é através do lúdico. Se eu vou dar tipo um tema sobre fruta, aí as crianças trazem frutas. Ta entendendo? Aí agente faz salada de frutas, para criança também ter acesso. Então, assim tudo através do lúdico, agente mostra para criança, para depois ser passado alguma atividade, algumas coisas assim, mais tudo, eu gosto de trabalhar primeiro o lúdico com a criança.

Esse destaque do lúdico como uma ferramenta que facilita o processo de ensino e aprendizagem, é ressaltado por Maluf (2003. p.29) : “[...] as brincadeiras enriquecem o currículo, podendo ser propostas na própria disciplina, trabalhando assim o conteúdo de forma prática” (MALUF, 2003, p. 29). Mas isto não é o principal, a essência do lúdico é a sua contribuição para o desenvolvimento motor, cognitivo, moral e emocional da criança (MUDADO, 2008).

Havendo intencionalidade pedagógica do uso do lúdico na rotina, este passa a ser um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, sendo uma ferramenta que desperta o interesse das crianças, conforme destacado pelas professoras mencionadas. O brincar faz parte infância (SANTOS, 1997). Portanto, ao aprender brincando, a criança atribui significado ao conteúdo que aprende de forma prazerosa e significativa.

A visão da professora IV se diferencia das demais. Questionada sobre o que seria uma educação infantil de qualidade, respondeu:

“Educação infantil para mim de qualidade é o fazer, aquilo que você faz todo o dia com a criança, cada um do seu jeito, cada um fazendo da maneira que souber fazer.”

Vê-se que essa professora reconhece a importância de se respeitar as individualidades das crianças, ainda que não seja tarefa fácil, visto existir, na de sala de aula, várias crianças com interesses e necessidades diversas que merecem respeito e consideração pelo professor, no desenvolvimento de uma rotina significativa.

As visões das professoras mostraram que elas conhecem alguns dos indicadores da qualidade na educação infantil. Com mais tempo de conversa poderiam ter apresentado uma concepção mais elaborada sobre a qualidade na educação a exemplo daquela apresentada por Sousa (1998):

[...] qualidade em educação infantil é, antes de tudo, a criação de condições necessárias para que a criança efetivamente se desenvolva, aprenda e caminhe na direção da autonomia e do exercício pleno da cidadania, com alegria e prazer. A qualidade se traduz em oportunidades diversificadas para que cada criança cresça, aprenda e se desenvolva a partir da nossa interferência criteriosamente planejada e desenvolvida e permanentemente avaliada. Isto inclui, entre outros, o entendimento, a consideração e o respeito à criança e ao seu mundo, à sua maneira própria de ser, de sentir, de perceber e de se relacionar consigo mesma, com as demais pessoas e com o mundo mais amplo ao seu redor, sem perder de vista a sua individualidade e a sua historicidade humana e sócio-cultural. (SOUSA, 1998. p. 4)

A essência do posicionamento de Sousa (1998) e de autores outros é esta: uma educação infantil preocupada com a qualidade, busca as melhores condições para o aprender e o desenvolver da criança. Nessa perspectiva, tanto o respeito e consideração, na sala de aula, dos conhecimentos e vivências da criança, quanto a possibilidade desta envolver-se nas atividades, por meio do lúdico, ajudam a construir essa qualidade.

Reconhece-se o papel relevante do professor, na construção da qualidade. Observou-se que a maioria das participantes tem esse entendimento. Ou seja, se veem como mediadoras da aprendizagem, porém o sentido dessa mediação se diferenciou entre elas. Segundo Leavers (2004) a relevância desse papel mediador, refere-se ao fato de que porque por meio da sua interação com as crianças, o professor pode criar as condições para que elas atinjam alto nível de bem-estar e envolvimento, o que

contribuirá para uma aprendizagem efetiva. Em suas palavras, destaca o autor, a relevância do empenhamento do professor na criação de melhores condições para o aprender.

Exemplo da visão das professoras sobre o tema tem-se nas palavras da Professora II, para quem essa mediação consiste na estimulação por parte do professor:

De ser um mediador, você vai incentivar estimular a criança nessa construção do conhecimento que ela já possui que ela não vem de casa sem ele, mas ela vai adquirindo mais conhecimento, a partir do momento que ela está em sala de aula que ela vai conhecendo a cultura de cada coleguinha que ela vai escutando eles na rodinha. A gente vai estimulando, incentivando a fala, a linguagem e ela vai conhecendo mais os outros coleguinhas vão se entrosando e aí ela vai construindo mais um conhecimento, assim vai formando, adquirindo novos conhecimentos, a partir de uma construção que ela tem, ela vai formando novos conhecimentos.

Tal estimulação pode ser vista como um dos aspectos do empenhamento do professor (LEAVERS 1996 apud MAIMONE e TOMÁS, 2005), que é um fator promotor da aprendizagem e desenvolvimento por motivar e envolver a criança no seu processo de aprendizagem. A fala dela evidencia também a importância do papel do outro na aprendizagem, pois é a partir da relação estabelecida entre alunos e professor e alunos e alunos que ocorre a construção do conhecimento. Já a Professora III, referiu-se à situação da rodinha onde há troca e construção de conhecimentos entre os alunos, que ocorre por meio de sua mediação.

Ah eu tenho que ser mediadora né? Eu tenho que pegar, eu trabalho assim, eu aproveito o que eles têm de bagagem, e aí agente vai trazendo, então é o que eles trazem de casa de conhecimento, com o que agente oferece e aí agente pontua e tira, por exemplo, um conceito, mas é tudo realizado com eles.

O reconhecimento de que a criança constrói conhecimentos vê-se no RCNEI (BRASIL, 1998) que destaca que as crianças são sujeitos com vontades próprias e que constroem conhecimentos, os quais necessitam serem considerados pelo professor. Construir conhecimentos é, também, produzir cultura. A partir das relações, interações e práticas cotidianas vivenciadas pelas crianças (brincadeiras, fantasias, desejos, observações e experiências) elas constroem sua identidade tanto pessoal, quanto coletiva, atribuindo sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo assim, cultura (BRASIL, 2010). Ouvir a criança, valorizar o que ela sente e fala é indispensável para

que o professor conheça e compreenda melhor, cada um de seus alunos. Em uma educação de qualidade, atender às necessidades de desenvolvimento e aprendizagem é essencial.

Em sua visão mediadora, a professora VI entende que sua mediação estabelece relação entre o conhecimento da criança e o conteúdo a ser trabalhado. Disse ela:

“Mediador, utiliza aquilo que ele já sabe, de instigar a curiosidade dele de deixar ele escolherem assim um tema e a partir disso ir falando sobre outros assuntos”.

Escutar as crianças é um modo de expressão do empenhamento do professor, revelador da sua sensibilidade e autonomia, abrindo espaço para que elas expressem suas ideias e opiniões. A sensibilidade e a autonomia são indicadores de qualidade da educação que integram a Escala de Empenhamento do adulto (LEAVERS, 1994). Ambas contribuem para criarem situações de bem-estar e envolvimento das crianças em sala de aula e, assim, para a qualidade da ação pedagógica do professor e em consequência, para a construção da qualidade da educação infantil.

Uma das professoras, a professora I, entende ser uma mediadora, mas não chegou a explicitar o sentido desse entendimento. Alguma explicitação, ainda que não muito clara, ocorreu no caso da Professora IV, ao afirmar que:

E assim, o papel do professor é apenas o mediador, ele só vai ficar orientando as crianças é claro que às vezes eles não dão conta de fazer direitinho e aí você fica falando, orientando, cor, orientando o espaço. Aí isso para mim se torna uma educação infantil de qualidade.

Observa-se que ela ressalta a mediação como uma orientação ao aluno, porém não houve uma maior especificação sobre o sentido da sua mediação. É importante destacar que na perspectiva de uma educação infantil de qualidade, o professor no desempenho do seu papel precisa ser um mediador, criando situações que desafiem, motivem, promovam o aluno em direção ao conhecimento, o que contribuirá para um processo de ensino e aprendizagem de qualidade.

Em síntese, os discursos das professoras evidenciaram aspectos que contribuem para a construção de uma educação infantil de qualidade, pois se observou que há um respeito pelas crianças em que seus conhecimentos são considerados a priori no processo de ensino e aprendizagem, além delas se verem como mediadoras, sendo esses aspectos relevantes para uma prática pedagógica de qualidade, por contribuírem para o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

3.3 Rotina Significativa

A rotina pode ser considerada um indicador de qualidade da educação infantil. O modo como ela é pensada e organizada pode contribuir ou não para o bem-estar e envolvimento da criança e em consequência, para seu desenvolvimento e aprendizagem. Deste modo, se buscou saber as concepções das professoras sobre o que é uma rotina significativa, ou seja, uma rotina de qualidade. As respostas evidenciaram quatro tendências, expostas no gráfico a seguir:

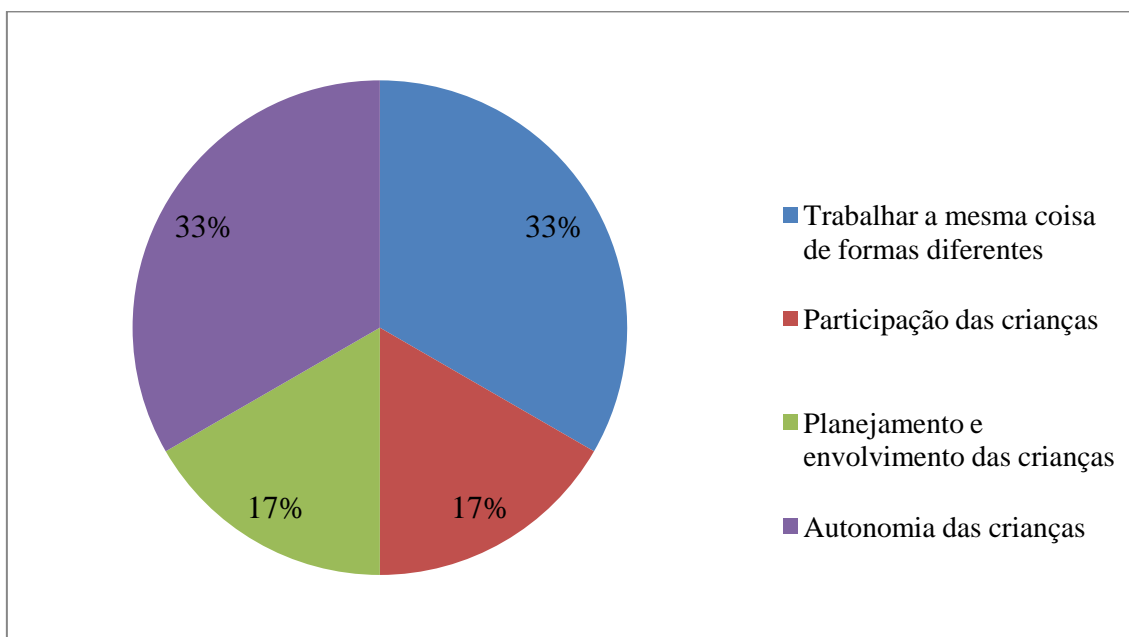


Gráfico II: Visão das professoras sobre rotina significativa

Essas quatro tendências ilustradas nesse gráfico de certa forma se complementam, duas delas identificadas em 33% das professoras e as outras em 17% delas. Exemplos de explicitação das duas primeiras tem-se a seguir, ou seja : se trabalhar a mesma coisa, de formas diferentes. Disse a Professora I:

Então, a questão da rotina significativa para mim, seria tá explorando, como eu posso te colocar, o livro, o livro que agente trabalha ele tem a rotina significativa dele , ele sempre volta no início , agente começou a falar de João e o pé de feijão , aí em um determinado tempo agente começa a contar os cinco feijões , já entra para a questão da sequência lógica , numeração, mais ele sempre tá voltando ao que foi feito no início. Então, para mim a rotina seria isso é tá sempre trabalhando a mesma coisa de formas diferentes.

Já a Professora IV afirmou:

Uma rotina de qualidade é você seguir as mesmas coisas todo dia, mas de forma diferente, abordagem diferente. Quer dizer é uma rotina, mas aí que entra uma rotina de qualidade, porque você não ta trabalhando da mesma forma, um dia você trabalha de um jeito, outro dia você trabalha de outro, outro dia você trabalha com material concreto.

Barbosa (2006) destaca que, apesar de a rotina ter elementos de tradição, isso não significa que não se possam fazer as atividades da rotina de maneiras distintas e diversas, sendo esse, de acordo com a autora, um dos lados encantadores da rotina. Mas é mais do que encantador. Pode ser uma estratégia adequada para se criar, na sala de aula, situações de motivações, bem-estar e envolvimento, pelo empenhamento do professor.

Sabe-se que quanto mais a criança participa dessa rotina, mais ela tem significado para ela, mais ela se identifica e se reconhece no ambiente da sala de aula e maiores são as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem. Tal participação foi assim explicitada pela professora V:

[...] pra mim uma rotina significativa é a criança ter que participar que às vezes o professor fala que a sala dele tem uma rotina todos os dias, mas como é essa rotina que tem em sala? Às vezes é só o professor dar a tarefa para a criança, a criança vai fazer aquilo ali já é uma rotina. Então, pra mim uma rotina de qualidade são todas as crianças participarem, são todas as crianças falarem: “tia vamos fazer isso hoje?” e a tia: “vamos sim gente, hoje agente vai fazer aquilo que o coleguinha trouxe, agente vai fazer isso hoje, olha aqui que legal”. Então, pra mim rotina de qualidade é o todo, todas às crianças participarem, porque as vezes essa palavra rotina, às vezes até as pessoas pensam a rotina todo o dia é lavar as mãozinhas, é rezar, não a minha rotina que eu faço aqui na sala de aula não é assim é diferente, todas as crianças participam, no dia que a criança traz a novidade, através daquela novidade eu dou a minha aula ta entendendo? Através daquele brinquedo já da para trabalhar a minha aula com a criança, com um livro de historinha já da para trabalhar minha aula. Então, para mim uma rotina de qualidade é aceitar também o que a criança fala, o que a criança traz.

Percebe-se que essa professora possui uma concepção que é a base para a construção de uma rotina significativa, pois ela é construída a partir da participação e interesse das crianças, o que indica que o foco da rotina está nelas, algo que é essencial, conforme ressalta Barbosa (2006). Há muito sentido nisso. Conforme argumentado por Leavers (2004) quando as atividades atendem às necessidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, elas se envolvem.

Outro aspecto relevante no pensamento daquela professora é a contraposição ao pensamento de que rotina é todo mundo fazer a mesma coisa o tempo todo. Esse tipo de rotina é alienante, na medida em que mesmo que haja as atividades rotineiras (acolhida, lanche, escovar os dentes e etc.) seguidas por todos ao mesmo tempo, a rotina não se restringe a isto devido às diferenças individuais, visto que o que pode ser uma atividade envolvente para um, pode não ser para outro. As necessidades de aprendizagem são singulares. Precisam ser respeitadas e contempladas pelo professor, em sua prática pedagógica.

O destaque ao planejamento e ao envolvimento dos alunos, na rotina significativa, foi assim dado pela Professora III:

Ó eu acho que é aquilo que eu falei, eu sistematiza o meu planejamento diário e colocar as crianças ao par do que vai ser realizado, não trazer nada de surpresa, porque se você não planeja eles perdem o foco, a tua aula. Você planejando às vezes não sai do jeito que você quer né? Então, pra se ter qualidade é isso, tem que ter envolvimento deles.

A associação entre o planejamento da rotina e a participação do aluno nesse planejamento é uma atitude coerente no sentido de colaborar com a construção da qualidade na educação infantil. Não só para se chegar aos objetivos educacionais e do ensino, e manter-se o foco sobre o que se ensina, mas também pela oportunidade de se ter uma escuta e observação atenta dos alunos, visando identificar suas reais necessidades e em que nível de aprendizagem e desenvolvimento eles estão, essenciais no planejamento de atividades motivadoras e significativas. Atente-se para o fato de que nessa participação da criança está implícita, também, a contribuição da rotina para a organização e orientação das crianças, sendo elementos que se refletem em uma atuação delas com maior autonomia e segurança em sala de aula.

Em termos do seu entendimento sobre o conceito de envolvimento a Professora III disse que é a participação das crianças na atividade, que para ela é um sinal que evidencia o seu envolvimento. Esta relação que estabelece entre qualidade e envolvimento é ressaltada por Leavers (2008). Para o autor, o envolvimento é um indicador de qualidade que evidencia que quando envolvidas as crianças estão tendo suas necessidades supridas.

Outra tendência, ressaltada por 33% das professoras ao falarem sobre rotina significativa, foi sua contribuição para a autonomia das crianças, expressa pelas Professoras II e IV, conforme transcrito a seguir:

Professora II: Rotina significativa, uma rotina que tem que ser assim, todo dia uma coisa que eles vão construir, que eles sabem que vão chegar na salinha, eles mesmo tem autonomia de colocar a mochila deles no local certo, eles já sabem tirar a agenda que eles já estão ficando autônomos, eles guardam a agendinha na mesa, colocam a lancheirinha no balcão, tiram a garrafinha de água, agente faz a rodinha, eles já têm aquela rotina e até perguntam “tia o que agente vai fazer agora?” ai eles já pedem para cantar a musiquinha. Então essa rotina é significativa, porque eles já estão aprendendo [...] Até mesmo pela noção de tempo, isso é muito importante é significativo para criança, ela entender o que vem primeiro que ela vai fazer atividade, depois vai lanche, depois vai descansar, vai ter historinha, tem todo um tempo para cada atividade, para ela ter uma noção.

Professora VI: A rotina é importante para o aluno ter autonomia, para ele saber a hora que existe hora para tudo, pra saber o que vem depois, eles acabam se organizando também com a rotina que o professor faz, afinal numa rotina é onde o aluno tem a liberdade de participar, e eles sabem abrir sua lancheira, arrumam tudo direitinho, sabem a hora do lanche, sabem o que vem depois do lanche é importante para o aluno saber o que vai fazer naquele dia.

A formação da autonomia é uma contribuição proporcionada pela rotina, devido esclarecer as crianças o contexto em que estão e a rotina permite que se organize e estruture as experiências cotidianas, tornando o cotidiano previsível (ZABALZA, 1998). Contribuindo assim, para que as crianças tenham domínio do processo a ser seguido, fazendo com que realizem uma sequência de atividades de forma autônoma, como ressaltado pelas professoras.

A autonomia é um indicador de bem-estar. Quando as crianças se sentem seguras e satisfeitas no ambiente, e sentem-se bem nele (LEAVERS, 2004), elas o exploram com mais autonomia, gerando maiores condições de aprendizagem e desenvolvimento.

Outro aspecto, presente na fala das Professoras II e VI é a importância da rotina para a noção de tempo, organização e orientação das crianças. Essas contribuições são também ressaltadas no RCNEI (BRASIL, 1998) onde a rotina é vista como facilitadora das percepções infantis sobre o tempo e o espaço. Para que essas noções se desenvolvam o ambiente deve ser de qualidade, o que é crucial para o desenvolvimento

social e cognitivo das crianças. Sendo necessário que ele atenda às suas necessidades, incluindo a de adaptação.

O sentimento de domínio e controle sobre o ambiente depende em boa parte, do modo como ele é estruturado e organizado. Como as entrevistas foram feitas nas salas de aula, foi possível observar que as cadeiras e mesas das salas eram adaptadas à altura das crianças, assim como os cabides para as mochilas e as instalações do banheiro. Quanto mais a criança se sente segura no ambiente mais elas o exploram com segurança e autonomia (CARVALHO, 1998).

Todas as professoras ressaltaram que a atividade que as crianças realizam de forma autônoma na rotina é no momento de organizarem seus materiais (arrumarem o lanche, guardar a lancheira, colocar a garrafa de água no balcão, entregar a agenda para a professora, entre outras.). A autonomia proporcionada pelo bem-estar, não deve se limitar a ações como a organização das coisas. É necessário existir, também, a autonomia do pensamento e para seu desenvolvimento se faz necessário que as crianças:

[...] usufruam de gradativa independência ao agir, ao escolher e tomar decisões, ao participar do estabelecimento de regras e sanções. É necessário planejar oportunidades em que as crianças tenham espaço para a iniciativa, para o autogoverno, para o pensamento crítico, considerando seus recursos individuais e os limites inerentes aos ambientes. (BRASÍLIA, 2013. p. 69)

Portanto, o professor necessita oferecer às crianças na rotina da sala de aula espaços e possibilidades para experimentar, refletir, agir, escolher, participar, decidir e solucionar conflitos. Essas oportunidades contribuem para desenvolvimento desta autonomia, o que se integra a formação de sujeitos críticos, reflexivos e participativos.

Com relação a participação das crianças na organização da sala, houve uma distinção entre o pensamento das professoras do jardim e do maternal, pois enquanto as professoras do jardim mostravam-se sensíveis à participação delas nessa organização (arrumar as cadeiras em círculos, construir os murais, e etc.), as do maternal já organizam sozinhas. Conforme justificativa da Professora II, elas não participam por serem muito pequenas. De certa forma é uma visão limitada, pois existem muitas possibilidades delas participarem e o professor deve fazer uma escuta e observação atenta para compreender melhor a criança que se comunica por meio de gestos, vocabulários, expressões, reações, enfim, das mais variadas formas, sendo esses,

comportamentos que devem ser considerados pelo professor para que haja uma participação efetiva das crianças na rotina.

Uma das formas de participação das crianças na organização da sala seria na construção dos murais. Observou-se que as salas do maternal são decoradas pelas professoras não existindo sequer uma exposição do trabalho delas. A esse respeito explicitou a Professora I:

Bom os murais, a gente têm a chamadinha, tem o quadro de parabéns, os números, foi tudo criado pelas professoras antes das aulas começarem no início do ano, então a principio não tem nada feito por eles na sala, as atividades a gente não coloca exposto, a gente geralmente guarda para estar anexando na pasta de atividades do ângulo no portfólio.

Observa-se que o espaço foi construído pela professora antes mesmo de conhecer seus alunos. Se isto é relevante para uma recepção inicial, mas pode perder significado no decorrer do ano. Muito poderia ser trabalhado com as crianças para uma maior identificação e participação delas nessa organização, como por exemplo: o professor pode colocar fotos das crianças, imagens e desenhos do interesse delas, expor seus trabalhos, entre outros. Cada uma dessas possibilidades poderia ser motivo de novos conhecimentos e novas motivações, levando ao bem-estar e um maior envolvimento. O fato de as crianças não participarem dessa organização pode diminuir a noção de pertencimento e identificação delas com o lugar, na medida em que não há nada feito por elas naquele espaço, nada que as identifique. É essencial que esse espaço seja organizado em colaboração com as crianças que suas produções sejam expostas, para que elas se reconheçam e se identifiquem com a sala de aula, além de contribuir para que elas se sintam valorizadas naquele espaço.

Algumas das entrevistadas ressaltaram a função da rodinha para a organização e orientação das crianças na rotina. Nesta a rotina é retomada pelas professoras, quando então pontuam aquilo que será realizado no dia, como, por exemplo:

Professora II: Na rodinha é o momento deles se organizarem, conversa, explicar para eles a hora de cada atividade, o que vai fazer durante o dia. [...] Então nesse momento da rodinha é bom para você já explicar para eles, para que eles tenham noção do tempo do que eles vão fazer se não eles não sabem organizar o tempo.

Professora III: Antes de a gente começar, todo o dia eu pontuo na sala, eu faço a rodinha e eu pontuo na sala o que nós vamos fazer.

Professora V: *Então, tudo que eu vou fazer durante o dia eu converso com eles, nada eu faço na sala sem comunicar antes, tudo a gente conversa, a gente senta na rodinha e aí a gente vai conversando, olha a gente vai fazer esse trabalhinho hoje, tá entendendo?*

Percebe-se a importância desse momento da rodinha para a organização tanto das professoras, como principalmente das crianças, pois desse modo, elas terão uma orientação daquilo que será realizado no dia, contribuindo para sua organização, segurança e autonomia em sala de aula.

Se a regularidade da rotina é importante, pois dá segurança e autonomia para às crianças, contribuindo para situarem-se no tempo e espaço é importante que ela seja flexível. Esse é um fator relevante para a construção de uma rotina significativa. Como ressalta Barbosa (2006), não é porque a rotina é fixa que ela não pode ser flexível. Tal flexibilidade necessita estar relacionada aos interesses e necessidades de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Sobre a flexibilidade na rotina assim se expressa a Professora V:

A gente têm que ter nosso plano de aula, concordo, tenho ali meu plano de aula tudo direitinho, se quiser ver tem tudo direitinho. Mas, o plano de aula é pra gente nos assim, a gente nos organiza, mas sempre tem uma novidade. Tem coisa que tá no plano eu faço, mas tem coisa a mais que não está no plano mais eu faço, como você acabou de falar, tem hora que através de um brinquedo, a criança traz um brinquedo, aí através daquele brinquedo, eu trabalho a palavrinha, eu trabalho a quantidade de letra com a criança, porque é importante esse brinquedo. Então, assim é tudo trabalhado desse jeito, então, eu não falo assim “não vai guardar isso aí não”, esses dias aconteceu de uma menina trazer uma historinha né? Aí trouxeram a historinha, o coleguinha trouxe um livrinho de história, este livrinho era bíblico e através desse livrinho, era historinha acho que de José, aí através desse livrinho, eu contei a historinha, depois da historinha a gente começou a conversar, sobre carinho, sobre amor, então já fica uma aula totalmente diferente, então assim tudo que eles trazem eu aproveito, tudo, tudo, tudo, eu não sou de guardar, “guarda lá menino”, eu aproveito tudo que eles trazem porque através de um brinquedo, de um livrinho de história, uma revistinha em quadrinho dá para a gente fazer uma aula com eles, aí eu gosto eu aproveito.

A associação entre a rotina e um planejamento flexível às necessidades e interesses dos alunos é uma atitude coerente com a construção de uma rotina significativa e, conseqüentemente uma educação infantil de qualidade. Observa-se que a professora flexibiliza o seu planejamento, a partir do que as crianças trazem, das suas novidades, o que contribuirá para o envolvimento delas nas atividades da rotina. Esta atitude revela seu empenhamento, sua sensibilidade de estar atenta às necessidades e

desejos dos seus alunos. O mesmo posicionamento de flexibilização da rotina foi participado pela Professora VI:

Tem, assim ó, na verdade a rotina ela já esta construída, mas ai conforme eu falei, conforme eles estão a gente vai modificando, se um aluno chega e fala “ah hoje eu queria andar de velotrol” e eu não coloquei velotrol no meu planejamento , vou acabar tentando ali, por exemplo, tirar ou lego , massinha.

Essa professora, assim como as outras ressalta que a rotina foi construída por ela no início do ano. Segundo Barbosa (2006), as rotinas devem ser estabelecidas pelos educadores, pois são eles que possuem um maior conhecimento sobre as necessidades da turma. Observa-se no discurso da professora que ela também visa contemplar os interesses da turma em seu planejamento, flexibilizando a rotina, o que contribui para a sua qualidade.

Para as Professoras III e IV a referida flexibilização está relacionada ao envolvimento das crianças na rotina:

Professora III: É a rotina, ela acontece a gente pega por bimestre, dentro desse bimestre a gente faz o planejamento diário e ai vem à rotina e é flexível. Ela é flexível, é aquilo que eu te falei nem sempre eu consigo cumprir o que eu planejei, às vezes eu faço o que eu planejei e um pouquinho mais. Então, a gente tem que ter essa consciência, o planejamento é flexível e tem que ser flexível, se não tá dando certo, se as crianças não participam, eu vou ficar batendo na mesma tecla por que né?

Professora IV: É flexível, vamos supor, tem a rotina , mas surgiu um assunto diferente , por exemplo, surgiu um inseto, qualquer coisa , uma borboleta , qualquer inseto que aparecer dentro da sala você muda total , você muda seu planejamento rapidinho, ou, de repente você tá trabalhando com um conteúdo , o conteúdo você ta vendo que ele não tá sendo interessante , ai você muda de estratégia, porque tem que ser um conteúdo que tem que ter significado para as crianças, se tiver significado é maravilhoso. Elas ficam envolvidas e entretidas. Agora si quando não é significativo para elas, ai já dispersa, já não tem interesse, por isso o plano tem que ser flexível.

Na visão dessas professoras percebe-se, de forma implícita, que a flexibilidade da rotina está relacionada ao envolvimento das crianças nas atividades. Ou seja, quando não estão interessadas (Professora IV), quando não participam (Professora III), sendo esses indicadores que mostram que a criança não está envolvida, as professoras flexibilizam a rotina, mudam de atividade. Esta mudança é necessária, pois, para uma rotina de qualidade as atividades devem ser significativas. Obervou-se que a professora IV possui essa consciência, ao relatar que se não é significativo, as crianças não se

envolvem. Portanto, sua concepção ainda que implícita de envolvimento assemelha-se a de Leavers (2008), pois para que ocorra o envolvimento as atividades precisam atender às necessidades de desenvolvimento e aprendizagem delas.

Uma das principais tarefas do educador na construção de uma rotina de qualidade é contemplar as singularidades das crianças, pois mesmo com a estruturação do tempo coletivo da rotina, é fundamental que haja o respeito com o tempo pessoal de cada criança (BARBOSA, 2006). Sendo assim, de acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que atenda tanto as demandas do grupo, como também as individualidades dos alunos. Este respeito às individualidades ficou visível na fala da professora III:

Eu tenho que respeitar as individualidades de cada um, eu tenho crianças que são extremamente espontâneas, tem crianças que são mais tímidas, eu tenho que trazer essas crianças para participar mais. Então, eu tenho que respeitar a individualidade de cada um e tenho que tentar dentro dessas individualidades trabalhar as habilidades que precisam ser desenvolvidas. Entendeu? Então, eu acho que pra ser significativo é isso, eu acho que eu tenho que ter esse olhar diferenciado, eu tenho que olhar meu aluno como um todo e eu tenho que tentar. Que não existe sala homogênea, não existe, mas eu tenho que tentar dar o melhor de mim, trazer o melhor que eu possa pra dentro da especificidade de cada um eu trabalhar e tentar desenvolver as habilidades que cada um precisa que seja trabalhada né? Eu tenho que respeitar cada um do jeitinho que é e aí tentar ajustar, não é fácil. Esses alunos que estão lendo, eu tenho que fazer atividade diferenciada para os que estão lendo, eu tenho criança que nem identifica o alfabeto. Então, eu tenho que sistematiza, as vezes eu tenho quatro atividades diferentes.

Vê-se que essa professora possui consciência da importância de se respeitar as necessidades individuais dos alunos, ao realizar atividades diversificadas na rotina, buscando adequá-las às necessidades singulares deles e ela consegue fazer isso por buscar conhecer seus alunos. Esse conhecer foi algo bastante destacado por ela durante a toda a entrevista e que é uma atitude reveladora do seu empenhamento, da sua sensibilidade, aspecto coerente e essencial ao se visar uma educação infantil de qualidade, para que o professor consiga atuar de forma efetiva nas especificidades da sua turma.

É importante ressaltar que contemplar as singularidades dos alunos na rotina não é uma tarefa fácil, devido a diversidade de alunos. É impossível o professor dar atenção a cada criança, individualmente, o tempo todo, devido à quantidade de alunos em sala

de aula. Contudo, é necessário que ele busque ter contatos individuais com seus alunos, para conhecê-los melhor. É imprescindível que o professor esteja atento a todos os comportamentos expressos pelas crianças: sorrisos, apreciações, humores, diálogos, gestos, desejos, entre outros, pois conforme ressalta Sousa (1998) tudo que diz respeito às crianças é matéria prima para uma ação de qualidade do professor.

Em síntese, as visões das professoras sobre rotina significativa mostraram aspectos importantes e essenciais para sua construção, na medida em que se observou na fala da maioria delas, de uma ou outra forma, que o foco de suas rotinas é a criança e seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

3. 4 Bem-estar na rotina

Para que as crianças possam se envolver na rotina é fundamental que estejam em bem-estar. Para isso, o ambiente precisa ser acolhedor, seguro, estimulante e que atenda às suas necessidades básicas. O educador também possui um importante papel mediador. Ao se buscar compreender a visão das professoras sobre o bem-estar, ou melhor, quando e como percebem, na rotina, que os alunos estão em bem-estar, se obteve alguns indicadores que estão ilustrados no gráfico a seguir:

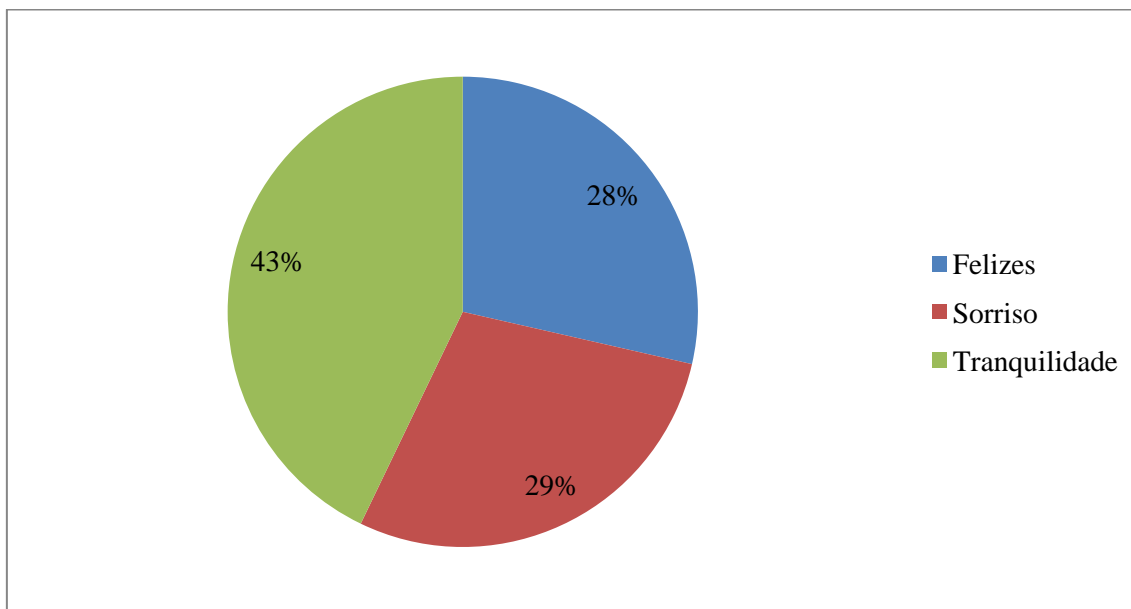


Gráfico III: Indicadores de Bem-estar

A maioria (43%) das professoras destacou a tranquilidade, como um indicador que evidencia o bem-estar das crianças na rotina. Trata-se de um comportamento que mostra que elas estão à vontade no ambiente, o que faz com que se expressem com

vitalidade e autoconfiança. O sorriso e a percepção de felicidade foram também referidos pelas professoras, em menor proporção- 29% e 28%, respectivamente.

Segundo a Professora VI, sorriso e interação são reveladores de participação dos alunos na rotina, do seu bem-estar. Disse ela:

“Quando eles estão participando, tão sorrindo, tão interagindo, tão gostando da aula né?A gente vê pelo gesto deles né?”

A compreensão da professora sobre o bem-estar é semelhante à concepção de Leavers (2004) de satisfação, sendo ela observada, a partir da expressão facial das crianças, dos sorrisos, alegria, felicidade e pela própria participação delas nas atividades da rotina, o que evidencia, de acordo com o autor, o bem-estar. A mesma concepção sobre esse indicador é ressaltada pela professora IV, que relaciona bem-estar e envolvimento:

A quando eles estão entretidos , quando eles estão fazendo , quando eles estão felizes, E assim, tem hora que aqui a gente trabalha muito em grupinho né?Você passa e eles estão tão entretidos que às vezes chega até a hora do lanche, você tem que falar gente, gente me entrega o trabalhinho (bateu palmas). É maravilhoso.

A visão dessa professora mostra, na prática, o destaque dado por Leavers (2004) e Formosinho (2009), à interdependência entre bem-estar e envolvimento. Ou melhor, a criança se envolve em atividades, quando está em bem-estar, quando se sente a vontade no ambiente. Porém, a sua atitude de romper com a atividade mesmo percebendo que as crianças estavam envolvidas, pode causar um mal estar nelas, pois quando em alto nível de envolvimento qualquer interrupção é vista como uma ruptura frustrante (LEAVERS, 2004).

A rotina para ser de qualidade deve ser pensada para as crianças, no seu tempo e ritmo e não no tempo do professor. Cabendo à professora, ao observar o bem-estar e envolvimento dos alunos na atividade flexibilizar o tempo da rotina, ainda que tenha sido planejado outra coisa, de modo que as crianças possam continuar fazendo a atividade pela qual se envolveram, o que trará contribuições para uma aprendizagem motivada e duradoura.

Esta atitude, de flexibilizar a rotina ao perceber o bem-estar e envolvimento dos alunos foi ressaltada pela professora I:

Ah eu vejo pelo sorriso, pelo olhar delas na atividade, pela animação, até mesmo quando a gente fala que acabou a hora da atividade aí elas falam “ah tia só mais um pouquinho”. A gente acaba deixando porque a gente vê que eles estão tão empolgados, envolvidos ali que não dá para cortar assim!

Observa-se que ela destacou indicadores que são ressaltados por Leavers (2004) como: sorriso, olhar e animação que são expressões faciais que evidenciam o bem-estar do indivíduo, sua satisfação. O bem-estar proporciona o envolvimento das crianças, conforme se observou na fala dela, ao ressaltar que quando elas estão bem pedem para ficar mais tempo na atividade, devido estarem envolvidas e diante disso, a professora relata que flexibiliza a rotina, sendo uma atitude coerente e essencial para que ela seja de qualidade, visto que é a atividade que deve determinar o tempo da rotina e não o contrário, pois esse tempo deve ser determinado pelas necessidades das crianças. (BATISTA, 1998)

Uma contraposição ao bem-estar dos alunos foi citado pela Professora II: a agitação. Disse ela:

É um, ou outro que às vezes tá agitado, um dia assim que acontece assim da criança não tá tranquila que fica um pouquinho agitada, mas do contrário direto quando tá fazendo atividade do livrinho eles gostam, eles ficam bem, tá fazendo uma outra atividade lá fora no velotrol, também eles estão bem, eles gostam muito sabe?

Quando em bem-estar as crianças demonstram tranquilidade, vitalidade, e autoconfiança, conforme argumenta Leavers (2004). Portanto, esse relato demonstra um pensamento coerente com o do autor, ao afirmar que quando as crianças não tão bem, elas não ficam tranquilas.

Já a Professora IV, referiu-se à “quebra” da rotina como provocadora do mal-estar, entre os alunos. Em suas palavras:

Ó não é mais difícil, eles gostam muito da rodinha, porque como eu acostumei isso com eles, eles sabem que todos os dias eu trabalho a rodinha com eles, todos os dias eu trabalho. Então, assim eles acostumaram muito, então eles não têm dificuldade com isso, porque quando a gente não trabalha essa rotina aí eles sentem mais dificuldade, eles não querem ficar na rodinha, aí fica brigando, fica agitado, você percebe que eles não estão tranquilos, ficam se jogando no chão, então eles já sabem que a gente tem essa rotina, então eles gostam, até na hora quando eu chego, eles falam “tia não vamos fazer a rodinha não? aí eu “calma gente deixa a tia pegar as coisas”, então eles já lembram e já querem fazer a rodinha. Então, não tenho dificuldade no começo que é mais difícil até acostumarem que vem do

maternal aí fica mais difícil , mas aqui agora não eles ficam bem, eles gostam, eles gostam

Havendo o mal-estar entre os alunos, eles brigam e ficam agitados, evidenciando a necessidade da mediação do professor para que voltem ao bem-estar e assim, demonstrem tranquilidade, satisfação e alegria (LEAVERS, 2004). Esse clima de tensão causado ao sair da rotina é explicado por Ramos (1998 apud BARBOSA, 2009), pois, de acordo com o autor, ao se suprimir determinado momento da rotina se desorganiza as ações próximas da que foi retirada e, como consequência há uma perda dos referenciais temporais, o que causa esse mal-estar nas crianças. Portanto, é fundamental que em caso de alteração de algum momento da rotina se avise previamente a elas. Esse mal-estar causado pela quebra de rotina foi ressaltado também pela Professora II:

Agora é só mesmo um dia que às vezes uma criança chega mais tarde, meia atrasada, sai um pouquinho da rotina, porque chega uma criança chorando, o pai às vezes chega meio atrasado e aí quebra um pouquinho o clima né?Aí eles começam a chorar, a criança chora aí os outros levantam e todo mundo quer ver o coleguinha que chegou, então aquilo atrapalha um pouquinho, mas do contrário vai bem, você levando tranquilo assim tá tudo bem.

Ela destaca o atraso como uma situação que causa o mal estar na rotina, devido à chegada de alguma criança chorando gerar um clima de tensão na sala, fazendo com que a turma se desestabilize. Diante desta situação, é necessário ressaltar a importância dos pais cumprirem o horário da escola, pois esses atrasos interrompem com a rotina que a criança já esta habituada fazendo com que ela perca seus referenciais temporais, gerando insegurança e como consequência o mal estar, pois conforme ressalta Leavers (2004), para que ocorra o bem-estar as crianças precisam se sentir seguras no ambiente. Além disso, muitas escolas possuem a acolhida, realizada no primeiro momento da rotina que, como o próprio nome diz, acolhe a criança, fazendo com que ela se sinta bem, que ela se relacione com seus pares, o que contribuirá para a sua segurança naquele ambiente. A supressão desse momento pode acabar gerando mal estar.

Segundo as entrevistadas pelos sinais presentes no comportamento das crianças durante as atividades, elas percebem se estas estão ou não, em bem-estar. Algumas professoras mudam ou flexibilizam a rotina, conforme o exemplo a seguir , dado pela Professora VI:

*[...] quando eles não gostam, eles não participam, eles ficam mais acuados, dispersam, começam a conversar sobre outros assuntos [...]
A eu procuro conversar com eles e ver aquele momento ali o que seria*

melhor, o que eu poderia modificar, qual outra atividade que eu poderia fazer que eles estão querendo naquele momento. Aí eu procuro cantar músicas, fazer alguma coisa que eles participem mais.

Vê-se que a professora percebe sinais do mal-estar pelo comportamento das crianças. Não havendo nelas o seu oposto, revelado por espontaneidade, confiança e energia (LEAVERS, 2004). Diante desta situação, a necessidade de mudar a rotina é também percebida pela Professora IV:

Aí você tem que mudar rapidinho, você para o que está fazendo, você da uma volta lá fora, você leva ao banheiro, você da uma água, você para vai para a rodinha, conta uma história, canta uma música. Ixi! Às vezes você para com uma atividade em cima da mesa, você deixa a atividade e vai e começa “o gente vamos cantar tal música”, ou, lembra de uma história.

Mudar a rotina em função das crianças é uma evidência clara do empenhamento. Esta atitude das professoras mostra uma prática pedagógica de qualidade.

Contudo, os discursos das professoras evidenciaram que elas observam o indicador de bem-estar, relacionando-o a satisfação das crianças (Professora VI), além de estabelecerem uma relação entre bem-estar e envolvimento, como foi o observado na fala da Professora IV, sendo visível também que a partir dos sinais que as crianças expressam (sorriso, agitação, tensão) que indicam o seu bem-estar ou não, as professoras vão adequando a rotina, visando que elas se sintam bem, como foi visto na fala das professoras (Professora I, II IV e VI), aspecto coerente e essencial para a construção de uma rotina significativa.

3.5 Envolvimento na rotina

Assim como os sinais de bem-estar (ou mal-estar) é possível se identificar aqueles relativos ao envolvimento dos alunos em suas atividades. Alguns desses, indicadores ressaltados pelas professoras estão ilustrados no gráfico a seguir:

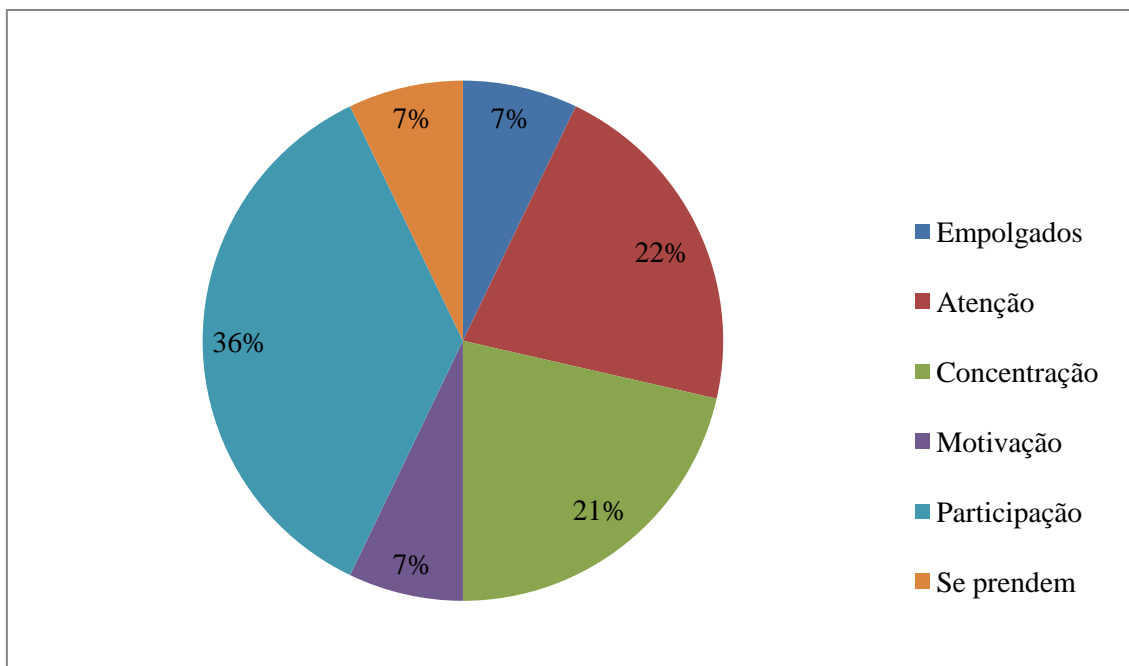


Gráfico IV: Indicadores de envolvimento

Os elementos componentes deste gráfico são também indicadores propostos por Leavers (2008 apud FORMOSINHO E ARAUJO, 2004). Tais comportamentos como: empolgação, atenção, concentração, motivação, participação e se prender, de fato, evidenciam o envolvimento das crianças nas atividades. A forma pela qual tais comportamentos são vistos pela professora é assim exemplificado pela Professora V:

Quando tão envolvidos, eles ficam tão concentrados aí é na hora de estar perguntando: porque tia, porque isso, porque aquilo, tá entendendo? Aí eles começam sempre a querer saber o porquê, aí eu sei que tá envolvido que tá gostando, mas quando não tá a gente já tem que se rebolar pra ir atrás de outra coisa, porque não adianta.

Concentração e uso da linguagem são dois dos indicadores citados por Leavers (2004). A concentração é de fato, essencial para a ocorrência do envolvimento. (LEAVERS 2008 apud FORMOSINHO e ARAUJO, 2004). Não menos importante é a linguagem. Quando envolvidas, os comentários das crianças revelam a importância dada a atividade. Vê-se que a professora V observa esses indicadores e utiliza deles para atender as necessidades das crianças na rotina, ao relatar que quando não estão envolvidas busca outra atividade. Essa atitude revela seu empenhamento, sua sensibilidade de perceber as necessidades de seus alunos e assim buscar novas atividades, evidenciando a flexibilização da rotina por parte desta professora, a partir do indicador de envolvimento dos alunos. Isto revela a utilidade desses indicadores de

bem-estar e envolvimento, ao oferecerem ao professor informações importantes sobre as necessidades da criança, contribuindo para que ele possa avaliar e refletir sobre sua prática pedagógica, adequando assim cada vez mais à rotina as especificidades da sua turma.

A professora VI, ao falar sobre as contribuições do envolvimento para a criança também destacou alguns indicadores importantes. Contudo, sua concepção é mais ampla ao ressaltar a relação dele com uma aprendizagem efetiva:

A aprendizagem e também eles tomam mais gosto de ir para a escola , sabendo que vai ter uma atividade que eles gostam, sabendo que vai ter alguma coisa que eles vão se envolver, que eles vão participar ativamente, aí com certeza eles vão gostar mais de ir para a escola, de fazer aquela atividade, de aprender. Porque, quando eles não estão interessados, envolvidos, eles não aprendem com tanta facilidade, eles acabam se dispersando, aí quando eles estão interessados eles já ficam mais vidrados, naquele assunto eles aprendem melhor.

A professora ressalta indicadores de envolvimento como: “vidrados” que é sinônimo de envolvido, e “dispersam” que é um indicador que mostra o baixo envolvimento do aluno. Vê-se que ela observa esses indicadores durante a rotina de sua sala de aula e que possui consciência da importância do envolvimento para a aprendizagem das crianças, ressaltando que quando não estão interessadas, não aprendem com tanta facilidade, como quando estão envolvidas. Há muito sentido nisso, porque quando as crianças estão em um nível alto de envolvimento, elas estão totalmente implicadas na atividade, concentradas, o que trará grandes contribuições para uma aprendizagem profunda e duradoura (LEAVERS, 2004).

Uma das estratégias da Professora II para conseguir o envolvimento é pedir ajuda delas:

Eu tento trazer para perto de mim, a chamo para me ajudar “vem aqui ajudar a tia, pra ver os personagens”, as vezes até se eu tiver com material, com livrinho, ou com fantoche , com algum objeto na mão, eu tento trazer aquela criança pra ver se ela consegue participar né? Chamar a atenção pra ela deixar os outros coleguinhas se concentrarem também.

A princípio, parece ser uma estratégia adequada de empenhamento. Contudo, é preciso atentar-se para a perspectiva da criança. Ou seja: será que essa atitude vai fazer com que de fato a criança se envolva? É importante, se pensar que se criança não esta envolvida em determinada atividade da rotina é porque ela não está despertando seu

interesse, não está sendo significativa, afinal, quando a atividade de fato “desafia” a criança, atuando em sua Zona de Desenvolvimento Proximal, ela se envolve (LEAVERS, 2004).

Diante da mesma situação de baixo envolvimento da criança, a professora V relatou que busca colocá-la para ser ajudante, mas vai um pouco além da Professora II, ao buscar conversar com a criança para saber o que está acontecendo, o que revela seu empenhamento. Em suas palavras:

Olha aí eu sento na rodinha “olha o coleguinha hoje não se envolveu, o que está acontecendo?” aí eu começo a conversar, aí ele me conta o que está acontecendo, aí no dia seguinte ele já vai ser o meu ajudante e aí tudo volta ao normal. Que tem dia que realmente não tá envolvido só quer saber de tá pulando e ta correndo na sala, aí eu falo “olha amanhã você vai ser meu ajudante”, aí ele já se envolve.

Observa-se a sensibilidade da professora V, ao conversar com a criança para compreender o motivo dela não participar da atividade. Portanto, diante desta situação de baixo envolvimento é necessário que o professor não apenas coloque o aluno para participar, ou para lhe ajudar, e sim que faça uma escuta do seu aluno para saber o motivo do baixo envolvimento, buscando conhecer e compreender melhor ele, para que assim realize atividades que de fato o motivem. O professor diante de uma situação como essa necessita repensar sua prática pedagógica, essa é uma das grandes contribuições desses indicadores de bem-estar e envolvimento que o professor avalie sua prática pedagógica (FORMOSINHO e ARAUJO, 2004), e, a própria rotina de sua sala de aula e assim a adeque às necessidades e interesses das crianças, o que contribuirá para a construção de uma rotina de qualidade.

Para o envolvimento dos alunos nas atividades Leavers (2008) ressalta que é essencial que o professor realize intervenções estimulantes e desafiantes e para isso ele deve atuar na Zona de Desenvolvimento Proximal dos alunos. No discurso da Professora III ficou evidente esta atuação, conforme o mostrado abaixo:

O professor tem que conhecer seu aluno e esse conhecer é individual, você não pode ficar comparando um aluno com outro, cada um tem seu jeitinho, cada um tem seu tempo e aí é aquilo, os alunos que eu sei que precisam melhorar e aqueles que já superaram a minha expectativa que as habilidades já alcançaram aquilo, eu aumento o grau de dificuldade, pra aqueles que não estão alcançando, eu vou criando situações diferentes até que eu perceba que o que eu estou fazendo esta surtindo efeito.

Essa atitude de conhecer os alunos, destacada pela professora está relacionado à sua escuta sensível, que é definida por Cerqueira (2011.p.16) como uma: “[...] troca mútua, entre quem fala e quem escuta, em que ambos sujeitos do processo se doam para que haja a aceitação total da complexidade e completude do ser humano.” Portanto, é por meio desta escuta que a professora consegue compreender a complexidade real das crianças e assim conhecer melhor suas necessidades, o que a permite propor atividades que atuem na Zona de Desenvolvimento Proximal delas, aspecto que é essencial para que ocorra o envolvimento (LEAVERS,2004), pois para que a criança se envolva, as atividades não podem estar nas aprendizagens já efetivas e nem fora do campo de potencialidade do aluno. Evidenciou-se então uma atitude coerente com a construção de uma rotina de qualidade, devido as atividades da rotina atenderem as necessidades individuais das crianças, o que contribuirá para o bem-estar e envolvimento delas e consequentemente para um processo de ensino e aprendizagem de qualidade.

As Professoras II e IV, ao falarem sobre uma situação da rotina que os alunos mais se envolvem se percebeu de forma implícita que o envolvimento para elas está relacionado ao material:

Professora II: Tem de história, porém alguns já não gostam, a maioria gosta de história se concentram mesmo, tem um ou outro assim às vezes que ao contrario, você pode ta contando a historinha que for, maravilhosa, com os materiais mais lindos, fantoches, não se prendem, isso acontece.

Professora IV: Olha qualquer atividade com material concreto eles ficam envolvidos, qualquer atividade. Desde a atividade mais simples a uma mais complexa, eles ficam envolvidos, motivados.

Ambas as professoras revelaram a importância que dão aos materiais para que haja o envolvimento. Porém, conforme ressalta Leavers (2008) é necessário que haja materiais estimulantes e atividades interessantes, mas isso não é suficiente é preciso que o professor realize intervenções estimulantes. Ou seja, o envolvimento não depende apenas de materiais chamativos que é o que ficou visível na fala dessas professoras, e sim de intervenções que motivem os alunos, do empenhamento do professor.

A Professora II ressalta que há um aluno que é dispersivo, com dificuldade para se envolver, devido bater e correr pela sala na hora de fazer a atividade, como pode ser visto abaixo:

[...] aqui a gente tem uma criança mesmo assim, todos estão até bem tranquilos, concentrados e ele começa a correr, começa a fazer o que não era para fazer, só teimando, não obedece e isso tira a concentração dos outros, aí atrapalha. [...] os outros estão conseguindo concentrar, participar de todas as atividades da rotina e essa criança não participa e as vezes ela é muito assim, demonstra agressividade, bate, empurra, ela não quer participar de nada e ela quer o tempo todo chamar a atenção da gente, minha e da outra professora.

Percebe-se que essa criança está com a energia dispersa, sem concentração, com dificuldade de se envolver na atividade proposta pela professora. Diante desta situação, caberia à professora buscar conhecer melhor seu aluno, observando-o sistematicamente para que assim ela possa atuar de uma forma que contribua para seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, propondo a ele atividades e situações que de fato o motivem, o estimulem.

A rodinha foi uma atividade ressaltada em todas as entrevistas. Esse é um momento da rotina que se observou, a partir do discurso das professoras que as crianças têm alto grau de participação, sendo visível o envolvimento delas, conforme descrito abaixo:

Professora I: [...] na nossa rodinha no início da aula, a gente tem um momento de conversa e nesse momento a gente senta pergunta como é que foi o dia anterior né? [...] Eles gostam de falar muito, nessa idade. Nossa, eles todos os dias chegam com uma coisa diferente, todo o dia aconteceu uma coisa nova em casa, eles são bastante participativos.

Professora V: A situação que eles mais gostam é contar as novidades que acontece em casa, eles amam, então eu explico para eles o que a gente vai fazer durante a tarde e depois eu peço para cada um conversar comigo o que aconteceu em casa, seja no final de semana, ou então durante a semana mesmo. Ai eles amam, eles amam, eles amam, eles conversam, eles brincam, eles falam tudinho, prestam atenção, mas eles gostam mesmo é do que acontece em casa, aí ele relatam tudo, tudo que acontece, tudinho.

O envolvimento delas é visível pela linguagem quando contam o que fizeram, sendo, a linguagem um indicador de envolvimento (LEAVERS, 2008 apud FORMOSINHO e ARAUJO 2004) e uma peça-chave na educação infantil, devido ser sobre ela que a criança vai desenvolvendo o pensamento e a capacidade de decodificar a realidade, ou seja, a capacidade de aprender (ZABALZA, 1998). Na perspectiva de uma educação infantil de qualidade, o professor no desempenho do seu papel precisa criar ambientes e oportunidades na rotina em que haja este estímulo à fala, para próprio aperfeiçoamento da mesma, além de contribuir para a construção de um vínculo maior

entre ele e seus alunos, permitindo assim que o professor conheça e compreenda os melhor.

A Professora III, ao falar sobre uma situação da rotina os alunos ficam muito concentrados, ou seja, envolvidos, sua fala chamou atenção:

Olha concentração na educação infantil, também é uma coisa assim que ela é meio limitada, eles não ficam concentrados muito tempo, por isso que eu estou te falando, a gente tem que ter carta na manga o tempo inteiro né? Então assim, essa faixa etária de 4 anos, de 5 anos, os meus tem 5 vão fazer 6 . Eles são movimento puro, mas isso não significa que eles não estejam prestando atenção, isso não significa que eles não estão é contemplando o que eu to falando, não significa que eles não estão aprendendo né?E aí é a diferença, você tem que perceber isso. Às vezes, você acha que o menino tá levantando toda a hora que você tá falando e ele não tá nem aí?! Tá sim, porque quando você pergunta ele te dá o retorno, o feedback vem né?Mas, você precisa ter essa sensibilidade né?Aí é isso, você tem que conhecer muito bem sua turma, quando você conhece muito bem a sua turma, você sabe se aquela conversa é conversa de bagunça, se aquela conversa é conversa do tema que você tá falando.

Percebe-se que ao referir-se à “concentração na educação infantil, também é uma coisa assim que ela é meio limitada, eles não ficam concentrados muito tempo”, sua visão é típica do imaginário da sociedade, conforme ressalta Barbosa (2006), devido ao conceito de atenção infantil, sedimentada nos livros de psicologia e didática que aborda a redução da capacidade de atenção das crianças pequenas, o que é um mito. Segundo a autora, quando as crianças se envolvem em determinada atividade elas são capazes de ficar muito tempo concentradas.

No exemplo da Professora III percebe-se o seu empenhamento, em que a partir da sua sensibilidade e escuta sensível, ela conhece seus alunos e assim identifica quando o conteúdo esta, ou não sendo significativo para eles, sendo uma atitude coerente com a construção de uma rotina e prática pedagógica de qualidade, por respeitar as individualidades, ritmos e necessidades de seus alunos.

Por fim, o envolvimento dos alunos é um indicador que possui sua importância na construção da rotina significativa, na medida em que a partir dos indicadores de envolvimento que os alunos dão durante as atividades, o professor poderá flexibilizar e adequar à rotina, de modo que ela atenda as diversas e singulares necessidades de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, que foi o observado no discurso de grande parte do grupo, em que algumas professoras observam os sinais que as crianças

expressam quando estão envolvidas e demonstram compreender a importância das crianças se envolverem nas atividades.

3.6 Empenhamento do professor na rotina

Para a construção de uma rotina significativa é essencial que haja o bem-estar e envolvimento dos alunos e para uma promoção ainda maior desses indicadores é necessário o empenhamento do professor, ou seja, sua sensibilidade no momento de mediar a aprendizagem dos alunos, devendo propor atividades e situações que os estimulem. A partir das três categorias do comportamento do professor que integram a escala de empenhamento: sensibilidade, estimulação e autonomia (LEAVERS, 1994), serão analisados os discursos das professoras.

Com relação, à autonomia foi possível identificá-la objetivamente na fala das professoras abaixo:

Professora III: Eu acho outra coisa interessante, envolver, envolver na montagem e desmontagem da sala “vamos tirar a cadeira do lugar que nós vamos fazer uma atividade diferente... vamos colocar no lugar já que a gente já concluiu.” Eu acho que o envolvimento deles, se você coloca eles para participar, eles dão muito mais valor... Se você põe a molecada para fazer, eles se sentem valorizados, eles se sentem parte daquilo.

Professora V: Ó as minhas crianças participam de tudo, eles participam de tudinho e eles gostam, aí tipo assim, se eu for trabalhar gravuras aí todos cortam, depois todos ajudam, jogam os pedacinhos que ficaram no chão no lixo é tudo em equipe mesmo, aí eu não trago nada pronto. Assim, eles aprenderam com muita facilidade, por causa disso, aí eu sempre vou trabalhando com eles, sempre com a ajuda deles, a rotina da sala é essa, tudo é ajuda deles.

Professora VI: É uma rotina onde o aluno tem a liberdade de participar, por exemplo, ele chega na sala de aula e a gente vai para a rodinha, eles propõem as musicas. É deixar eles participarem mesmo, porque um aluno mais acuado que não participa acaba não fazendo bem para a aula, para eles, pro professor, acaba ficando uma aula mais chata né?

Percebe-se o empenhamento delas, a partir da autonomia, da liberdade, dos espaços que oferecem para as crianças participarem, o que contribuirá para o envolvimento e bem-estar delas na rotina, se refletindo em maiores condições de aprendizagem e desenvolvimento. A professora V, demonstra ter consciência da importância da participação para uma aprendizagem efetiva das crianças, ao relatar que quando participam aprendem com mais facilidade, isso ocorre devido à participação propiciar o envolvimento. A Professora III destacou que a participação das crianças

contribui para a valorização delas. Contudo, sua visão é de certa forma limitada, pois relacionou essa participação apenas à organização da sala. A participação na rotina deve ir além dessa organização, necessitando ocorrer na escolha das atividades, na construção dessas atividades (Professora V), na escolha das músicas (Professora VI), enfim, das mais diversas formas, em que o aluno tenha a possibilidade e autonomia de fazer escolhas e de ser escutado pela professora.

Contudo, mesmo com esse empenhamento das professoras relacionado ao espaço de promoção da autonomia, ela é um pouco limitada. Observou-se em parte do grupo que as crianças não possuem liberdade para escolherem as atividades que vão fazer na rotina, sendo elas organizadas pelas professoras, algumas chegaram a ressaltar que as crianças escolhem as músicas (Professora VI), as brincadeiras (Professora I), porém as atividades são escolhidas pelas professoras, conforme mostra a fala da Professora III:

Na verdade eles sabem parte dela, o que pra eles é comum né? Então, assim a hora do lanche, lavar a mão, ir ao banheiro, descer pro intervalo. Agora, o que vai acontecer mesmo de atividade não, porque eu vou falar para eles o que a gente vai fazer né? Mas, o que é comum, por exemplo, final do dia eles sabem que eles vão, não, que na entrada eles sabem que eles vão ter a história, que eu vou fazer a chamada, então isso aí o que eles já sabem que vai acontecer eles já pontuam para mim. Agora, a atividade, a página do livro, qual a história, ou se no final do dia vai ser massinha, se vai ser um gibi, se vai ser... aí eles não sabem, né? Isso aí eles não sabem, mas o que todo o dia a gente faz, eles vão me falando, eles já sabem.

Observa-se que as crianças não participam na escolha das atividades da rotina. Esse é um fator que pode reduzir, ou evitar o envolvimento das crianças nas atividades, pois quanto maior a possibilidade de escolha por parte delas, maior será o envolvimento (LEAVERS, 2008). Porém, isso não significa que o professor deve deixar as crianças fazer o que querem e como querem, pelo contrário, deve ter um equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido, conforme argumenta Zabalza (1998):

A pressão do currículo não pode substituir, em nenhuma situação, o valor educativo da autonomia e da iniciativa própria das crianças. Mas, ao mesmo tempo os professores também precisam planejar momentos nos quais o trabalho esteja orientado para o desenvolvimento daquelas competências específicas que constam na proposta curricular. (ZABALZA, 1998. p. 50)

Assim, como deve estar presente na rotina atividades dirigidas que são orientadas para determinadas competências do currículo a serem desenvolvidas, é

necessário que haja também essa liberdade para as crianças escolherem o que fazerem, pois isso contribui para desenvolver a autonomia, iniciativa própria e a capacidade de decisão delas, além desses momentos de escolha contribuírem para o envolvimento delas nas atividades.

Outro aspecto do empenhamento do professor na rotina foi à estimulação, visível na afirmativa da Professora II:

[...] Tem um aqui que sempre fala que não da conta, porque às vezes em casa a mãe ajuda ele muito, da muito na mão, então eu acho assim, a mãe mesmo fala superprotege muito, então ele chega aqui e tudo ele não da conta, então eu falo assim “você da conta sim, a tia vai te ajudar” aí eu falo que estou ajudando ele, fico do lado dele e fico ensinando, mostrando o que ele tem que fazer, aí pronto ele faz, aí eu falo “você viu? você fez certinho? você fez sozinho!” Aí ele fica feliz e eu falo “ta vendo a tia Si, nem te ajudou, você fez sozinho”. Então, ele amadureceu muito com isso, ele mudou muito, ele já cresceu muito, então isso para a gente é ate gratificante, porque você vê que a criança está crescendo, está amadurecendo, ele vai para o maternal II ano que vem e já amadureceu muito.

Percebe-se que na visão dela, ela não estava ajudando o aluno, porém na realidade estava o estimulando, o incentivando, desenvolvendo a autoestima dele. Logo, o modo como ela estava realizando sua intervenção, contribuiu para a efetivação da atividade pelo aluno. A estimulação é uma característica do empenhamento do professor que necessita estar presente de forma constante em sua prática pedagógica, pois a partir dela se criam condições para que a criança se sinta motivada a fazer as atividades, o que contribuirá para que ela se envolva e assim tenha uma aprendizagem profunda e duradoura.

Durante as entrevistas se percebeu a relação entre a sensibilidade do professor e a flexibilidade da rotina, o que demonstrou as contribuições desse indicador na construção de uma rotina de qualidade. A fala das professoras abaixo evidenciam isso:

Professora I: Então a gente precisa ter essa flexibilidade, tanto com as aulas específicas, com as nossas e com a disposição dos meninos, porque às vezes eles não estão dispostos, ta um tempo quente “ ah tia eu não quero fazer a atividade, não quero ficar dentro da sala “, então a gente têm que priorizar aquilo, não adianta botar eles só para fazer a atividade por fazer, porque ta na rotina.

Professora V: Se não ta dando certo se não prestam a atenção, eu vejo que elas estão agitadas correndo, mudo de atividade; então assim tudo que eles trazem eu aproveito, tudo, tudo, tudo, eu não sou de guardar,” guarda lá menino”, eu aproveito tudo que eles trazem.

Professora VI: Ah se o aluno chega na escola falando que quer fazer alguma coisa, como eu já disse, eu vou tentar adequar o plano de aula pra isso. Claro, nem sempre da as vezes um dia corrido, tem as aulas extras, mas a gente tenta adequar para que o aluno se interesse em vir para a escola que goste e fazer um pouco do que cada um gosta.

Percebe-se no relato delas seu empenhamento, a sensibilidade delas, como mostra a fala da Professora I que flexibiliza a rotina com a disposição das crianças, sendo visível uma atenção com o bem-estar delas. Assim, como a fala da Professora V que ao observar que as crianças não prestam atenção, ou seja, não estão envolvidas, muda de atividade buscando partir do que elas trazem. E também na fala da Professora VI que adéqua suas aulas aos interesses das crianças para que elas gostem e tenham vontade em ir para a escola, o que mostra sua preocupação com o bem-estar e envolvimento delas. Portanto, essas atitudes revelam o empenhamento das professoras, sendo esse um comportamento coerente com uma prática pedagógica de qualidade.

Essa sensibilidade contribui para a relação que é estabelecida entre professores e alunos. Uma relação afetiva e emocional positiva entre os envolvidos na rotina contribuirá para a segurança das crianças (RODRIGUEZ, 2009) e quanto maior esse sentimento, maior a possibilidade de bem-estar de envolvimento deles na rotina, contribuindo assim para um processo de ensino e aprendizagem de qualidade. Além de ser, a partir dessa sensibilidade que o professor conhecerá melhor seu aluno, suas necessidades, para que assim ele adeque cada vez mais a rotina e sua prática pedagógica as especificidades de sua turma.

Em síntese, se observou que os indicadores de bem-estar e envolvimento dos alunos, contribuem para que os professores se empenhem e assim flexibilizem a rotina, adequando a mesma as necessidades e interesses dos alunos, o que contribuirá para a construção de uma rotina significativa e como consequência para a qualidade da educação infantil oferecida. Além de ser, a partir do empenhamento do professor que se criam condições para o bem-estar e envolvimento dos alunos.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil para ser de qualidade precisa atender as necessidades de desenvolvimento e aprendizagem da criança e para isso necessita ter uma rotina significativa que seja pensada para ela no seu tempo e ritmo, bem como entre outras coisas, respeitar e contemplar as singularidades presentes em sala de aula.

Os dados da pesquisa aqui relatada evidenciaram que na visão das professoras, o sentido da rotina significativa está em atender as necessidades das crianças, visando à participação, motivação, envolvimento e autonomia delas, sendo aspectos coerentes para a sua qualidade por mostrarem que o foco da rotina está nas crianças, o que faz com que ela atenda as suas necessidades de aprendizagem e desenvolvimento, contribuindo assim para o bem-estar e envolvimento delas em sala de aula.

A partir da fala das professoras, se observou que o papel delas na construção dessa rotina é de mediadoras, sendo visível o empenhamento delas, o que evidenciou a importância desse indicador para a construção de uma rotina de qualidade, pois a maioria das professoras demonstraram em seus discursos que é a partir do empenhamento delas, da sensibilidade, ao escutarem, observarem, estarem atentas ao comportamento e sinais expressos pelas crianças durante as atividades, que elas conseguem compreender melhor as necessidades e especificidades das crianças de sua sala de aula e assim proporem atividades significativas na rotina, o que contribui para o bem-estar e envolvimento delas.

A Educação Experiencial tem sentido, em função dos resultados obtidos, onde se constatou na fala das professoras a presença do indicador de bem-estar, que foi visto por elas como a satisfação das crianças em sala de aula, e o envolvimento que as professoras observam pela concentração, participação, motivação e empolgação das crianças nas atividades. Constatou-se com a pesquisa a utilidade desses indicadores na construção de uma rotina significativa, pois a maioria das professoras, a partir das informações fornecidas por eles, ao observarem no comportamento dos alunos, refletem sobre sua própria prática pedagógica, e assim se empenham, visando adequarem cada vez mais a

rotina as necessidades da sua turma, o que é coerente para sua qualidade, por promover maiores condições de aprendizagem e desenvolvimento.

Observou-se que algumas professoras possuem maior consciência sobre os indicadores de bem-estar e envolvimento, demonstrando compreender a importância deles para a qualidade da aprendizagem das crianças, já outras nem tanto. Porém, se as professoras conhecem a abordagem de Educação Experiencial e aos indicadores propostos por Leavers (2004), eles poderiam contribuir ainda mais para as rotinas de suas salas de aula. São indicadores fáceis de serem observados e pertinentes para avaliar como o aluno está durante o processo, oferecendo diversas e importantes informações para o professor, sobre o significado que a atividade está tendo para o aluno e se ela está contribuindo ou não para o seu desenvolvimento e aprendizagem, o que o ajudará a adequar cada vez mais à rotina as especificidades da sua turma.

Vale ressaltar que devido a construção dos dados da pesquisa ter sido realizada, a partir do discurso das professoras, seria relevante um maior aprofundamento e observação em sala para verificar se o que foi observado ocorre de fato na prática em sala de aula.

Por fim, a rotina pode trazer grandes contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, contribuindo para sua autonomia, segurança, noção de tempo e espaço, porém ela não pode ser usada como uma camisa de força pelo professor, necessitando estar aberta a novidades e imprevistos, pois o foco dessa rotina são as crianças e seus ritmos, suas necessidades e interesses, e não há como prever todos esses elementos, eles acontecem diariamente em sala de aula, e o papel do professor é estar atento, observar sistematicamente os sinais presentes no comportamento das crianças, escutar, dialogar, conhecer seus alunos, para que assim ele possa organizar a rotina, adequando e flexibilizando-a, de modo a contemplar as diversas necessidades de desenvolvimento e aprendizagem das principais pessoas envolvidas: as crianças, favorecendo assim com seu empenhamento o bem-estar e envolvimento delas em sala de aula, elementos constitutivos da construção da qualidade da educação infantil oferecida.

PARTE 3

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao término da minha graduação em Pedagogia na tão bem conceituada Universidade de Brasília para mim é a realização de um sonho, em que se encerra uma grande etapa da minha vida para dar início a novas etapas.

Primeiramente, vou fazer o concurso para professor na Secretaria de Educação do Distrito Federal que ocorrerá no final do ano, então espero passar para ano que vem já começar como professora da secretaria que é algo que almejo, devido à estabilidade de um emprego público, aliado ao meu desejo que é atuar na escola. Porém, caso não consiga passar, vou continuar estudando para passar no próximo concurso, e vou procurar alguma escola da rede privada para atuar. Pretendo estar sempre dentro da escola, sinto-me uma educadora que muito aprendeu com o curso de pedagogia, mas que também escolhi pedagogia, por gostar do ambiente escolar e acreditar na importância de uma educação de qualidade para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Buscarei nas minhas atuações colocar meus aprendizados da graduação em prática, visando formar sujeitos que saibam agir, refletir e transformar a realidade em que vivem.

Tenho a pretensão de fazer especialização ou mestrado na área da educação infantil, devido gostar muito da área e acreditar na sua importância para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, além de poder participar ativamente da construção de uma educação de qualidade do nosso país.

Sei que o futuro é sempre incerto, pois poderão aparecer novas oportunidades profissionais, mudanças, mas após essa graduação carrego comigo a certeza de que fiz a escolha certa, ser Pedagoga, pois sei que é uma profissão árdua e que carrega muitos desafios, porém quando penso que eu como pedagoga posso fazer a diferença na formação de muitas crianças que serão os jovens de amanhã, isso me orgulha e me faz querer dar o meu melhor para exercer com zelo, amor e conhecimento essa profissão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Amaral. **Formação profissional específica no contexto da educação infantil de qualidade**. Brasília, 2009. Disponível em:

http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4839.

Acesso em: 13 de out. de 2013.

ARAÚJO, Helena Costa G. **As mulheres professoras e o ensino estatal**. Revista Crítica de Ciências Sociais. 1990. p.81-103. Disponível em:

http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/029/Helena_C.Araujo_pp.81-103.pdf. Acesso

em: 13 de out. de 2013.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por Força: Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre. Ed Artmed, 2006.

BATISTA Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido**.

Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm Acesso em: 20 de maio de 2013.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

LDB 5692/71, de 11 de agosto de 1971. Disponível em:

<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71> . Acesso em 20 maio de 2013.

_____. Estatuto da Criança e do adolescente. **Lei federal nº 8. 069 de julho e 1990**.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 12 de set. de 2013.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC /SEF, 1998. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf Acesso em: 9 de jun. de 2013

_____. Ministério da Educação. **Emenda Constitucional ° 59 de 11 de novembro de 2009**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm. Acesso em: 13 de maio de 2013.

_____. Ministério da Educação. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2009. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf Acesso em: 12 de maio de 2013.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a**

Educação Infantil/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASÍLIA. Ministério da Educação /Secretaria da Educação básica. **Currículo da educação básica-Educação Infantil**. Brasília, SEDF, 2010. Disponível em: http://www.se.df.gov.br/wpcontent/uploads/pdf_se/links_paginas/cur_ed_basica/curriculo_infanti.pdf Acesso em: 1º de nov. de 2013.

_____. Ministério da Educação /Secretaria da Educação básica. **Currículo em Movimento Primeiro Ciclo-Educação Infantil**. Brasília, SEDF, 2013. Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/cad_curric/3educ_infantil.pdf. Acesso em: 13 de set. de 2013.

BUJES, Maria Isabel E. **Escola infantil: pra que te quero?**. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Org). Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p.13-23.

CARVALHO, Mara Campos. **O porquê da preocupação com o ambiente físico**. In: FERREIRA, Maria Clotilde et al. Os fazeres na educação infantil. São Paulo. Ed Cortez, 1998.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **(Con)Texto em escuta sensível** / Elane Mayara Sousa, Leonília de Souza Nunes, Maria de Fátima Guerra de Sousa. Maruza Bastos de Oliveira; organização de Tereza Cristina Siqueira Cerqueira – Brasília:

Thesaurus, 2011. 198 p.

CORRÊA, Bianca Cristina. **Considerações sobre a qualidade na educação infantil**. Cadernos de Pesquisas. 2003. n.119. p. 85-112. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a05.pdf> Acesso em: 6 de jun. de 2013

FLICK, Uwe. Por que a pesquisa social? In: **Introdução a metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Etapas do projeto de pesquisa.

FREIRE. Paulo. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo. Ed. Olhos d'água. 1997.

HARNICK, Simone. **Mulheres são 81% do magistério da educação básica no Brasil**. Notícias :Todos pela educação. 2011. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/13784/mulheres-sao-815-do-magisterio-da-educacao-basica-no-brasil/>. Acesso em: 14 de out. de 2013.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KUHLMANN JR, Moysés. Histórias da Educação Infantil Brasileira. Revista Brasileira de Educação - Fundação Carlos Chagas, Porto Alegre, 2000.

LEAVERS, Ferre. **Educação Experiencial: tornando a educação infantil mais efetiva através do bem-estar e do envolvimento**. Contrapontos, Itajaí, 2004. v.4, n.1, p.57-69, jan./abr. Disponível em: <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/750/602>. Acesso em: 12 de maio de 2013.

LEAVERS, Ferre. **Se houver envolvimento há desenvolvimento!** Noesis. Revista trimestral n° 74 julho/ setembro de 2008. Disponível em:

www.dge.mec.pt/data/dgdc/Revista_Noesis/doc.../entrevista74.pdf. Acesso em: 16 de ago. de 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagogia e Universitária, 1986.

LUIZ, Helena; CALHEIROS, Maria José. **Análise do empenhamento do educador**: uma experiência de formação e supervisão no contexto de jardim de infância. 2008. p.66-79. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/360> Acesso em: 23 de set. 2013

MAIMONE, Eulália Enriques; TOMÁS, Débora Nogueira. **Observação do educador infantil pela escala de empenho do adulto**. Psicologia Escolar Educacional vol.9 n°.2. Campinas dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141385572005000200009&script=sci_arttext Acesso em: 13 de jun. de 2013.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-estruturada**: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional sobre pesquisas e estudos qualitativos, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf Acesso em: 10 de set. de 2013.

MUDADO, Tereza. **A brincadeira como educação da vontade**: cumprir as regras é a fonte de satisfação. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. n 8. jun. 2008. Disponível em: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf> Acesso em: 21 de Nov. 2013

NEVES, Luiz. **Pesquisa qualitativa usos e possibilidades**. Cadernos de pesquisa em administração. São Paulo, v.1. n°3, 2° SEM./1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf> Acesso em: 17 de out. de 2013

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta Sensível do Professor**: uma dimensão da qualidade da educação infantil. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2009. Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5872. Acesso em: 12 de nov. de 2013.

NUNES, Maria Fernanda Rezende. **Educação infantil no Brasil**: primeira etapa da educação básica / Maria Fernanda Rezende Nunes, Patrícia Corsino e Vital Didonet. – Brasília : UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011. 102 p.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. (Org.) (2009). **Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias: Estudos de caso**. Coleção Aprender em Companhia. Lisboa: DGIDC.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; ARAUJO, Sara Barros. **O envolvimento da criança na aprendizagem:** construindo o direito de participação. *Análise Psicológica*, 2004; 1(XXII): p.81-93. Disponível em: www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v22n1/v22n1a09.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2013.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da educação infantil no Brasil:** avanços , retrocessos e desafios dessa modalidade. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n.33, p.78-95,mar.2009. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf . Acesso em: 12 de maio de 2013.

PEREIRA, Aline de Souza. **A qualidade da educação infantil no âmbito do letramento:** o empenhamento do professor e o envolvimento de crianças do 2º período. 2012. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PROENÇA, Maria Alice de Rezende. **A rotina como âncora do cotidiano na educação infantil.** Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, 2004.

RODRIGUEZ, Charlene de Oliveira. **A construção das rotinas:** caminhos para uma educação infantil de qualidade. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10482/3943>. Acesso em: 13 de jun. de 2013.

SANTOS, Lucia. **A conversa com Ferre Leavers.** Entrevista, 2008. Disponível em: http://cadernosei.no.sapo.pt/edicoes/2008/entrevista_84.pdf. Acesso em: 4 maio de 2013.

SANTOS, Santa Marli Pires. **O brincar na escola.** Ed. Vozes, 1997.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra. **Educação Infantil:** Os desafios de qualidade na diversidade. 1998.

TRALDI, Maria Cristina; DIAS, Reinaldo. **Monografia passo a passo.** Campinas. Ed. Alínea, 2011.

VALLE. Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil.** Curitiba: Fael Editora, 2010.

VIGOTSKI, Lev S. *Pensamento e linguagem* (Tradução de J. L. Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Zabalza, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre. Ed. Artmed, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE I: TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Métodos e Técnica

Caro (a) Professor (a)

Sou concluinte do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UnB e desenvolvo uma pesquisa sobre o empenhamento do professor na construção de uma rotina significativa na educação infantil, sob a orientação da Professora Doutora Maria de Fátima Guerra de Sousa. Constam da pesquisa entrevistas com professores (as) para conhecer a sua visão sobre o tema em pauta. Para isso, solicito sua autorização para ser um(uma) dos participantes da pesquisa. O (A) Senhor (a) não terá nenhuma despesa e também, não receberá nenhuma remuneração.

Esclareço que esta participação é voluntária, e se dará por meio de uma entrevista que terá o áudio gravado, apenas para facilitar a sua transcrição, pela pesquisadora, assegurando a desejada fidedignidade dos dados. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar. Tenha a certeza de que a sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Para qualquer outra informação, o Sr(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço eletrônico allanaeg@hotmail.com

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Agradeço antecipadamente a sua atenção e colaboração.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE II: QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO**1. Identidade**

Sexo: Idade:

2. Formação Profissional

a. Magistério () Sim () Não. Outro curso:

Ano de Conclusão:

b. Pedagogia () Sim () Não. Outro curso:

Ano de Conclusão:

c. Pós-Graduação:

Especialização () Sim () Não.

Curso:

Ano de Conclusão:

Mestrado () Sim () Não. Área:

Ano de Conclusão:

Outro:

3. Experiência Profissional

d. Tempo de docência (em anos):

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil:

g. Turma com que trabalha atualmente:

h. Número de crianças:

i. Idade média das crianças:

j. Tem auxiliar: () Sim () Não

k. Escola: () Pública () Particular

l. Localização da escola (Região Administrativa):

APÊNDICE III: ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Um tema bastante discutido na educação infantil é a qualidade. O que é para você uma educação infantil de qualidade? E, como você vê seu papel como profissional da educação infantil?

Para que eu possa conhecer melhor o espaço em que você atua, gostaria que você descrevesse o espaço da sua sala de aula.

A rotina é um elemento que está presente diariamente nas instituições de educação infantil. Em especial na sua sala, por que é preciso ter rotina? Por que ela está organizada desse modo?

Você busca contemplar as singularidades dos alunos na rotina? Como? Você sente dificuldade em algum momento para conseguir envolver todas as crianças na rotina? Por quê?

Em que situação da rotina você nota que as crianças estão bem? Por que você acha que elas ficam em bem-estar? Quais sinais elas demonstram? O que você faz quando elas estão assim? E quando você percebe que elas não estão bem o que você faz?

Já vi uma criança que quando o professor contava uma história ela ficava totalmente concentrada nada a distraía. E na sua sala de aula, me dê um exemplo de uma atividade da rotina que você percebe que os alunos em sua maioria se envolvem?

Em que situação da rotina você percebe que eles estão envolvidos, concentrados, sem se distraírem com nada? Por que você acha que elas se envolvem? O que esse envolvimento pode trazer de positivo para a criança? Como é a reação da criança? Como você sabe quando ela tá e quando ela não está gostando?

Em que situação da rotina você percebe que eles não estão envolvidos, que se distraem com facilidade? No que situações como essas podem ser negativas ou prejudicar a criança? Por que você acha que elas não se envolvem? O que você faz quando isso acontece?

ANEXO

ANEXO I: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Caro (a) Professor (a)

Meu nome é Allana, sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a construção da rotina significativa na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Por favor, responda as perguntas abaixo. Sua identidade será mantida em sigilo e os dados obtidos serão utilizados somente para a pesquisa.

Obrigada.

1. Identidade

Sexo: Feminino

Idade: 26

2. Formação Profissional

a. Magistério () Sim (x) Não. Outro curso:

Ano de Conclusão:

b. Pedagogia (x) Sim () Não. Outro curso:

Ano de Conclusão: 2013

c. Pós-Graduação:

- Especialização () Sim (x) Não.

Curso:

Ano de Conclusão:

- Mestrado () Sim (x) Não. Área:

Ano de Conclusão:

Outro:

3. Experiência Profissional

d. Tempo de docência (em anos): 9 meses

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (x) Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: 2 anos

g. Turma com que trabalha atualmente: Maternal II

h. Número de crianças: 18

i. Idade média das crianças: 3 a 4

j. Tem auxiliar: (x) Sim () Não

k. Escola: () Pública (x) Particular

l. Localização da escola (Região Administrativa): Taguatinga

PROFESSORA I

Um tema bastante discutido na educação infantil é a qualidade. O que é para você uma educação infantil de qualidade?

Seria a criança ter liberdade dentro de sala de aula para ela estar trabalhando coisas relacionadas ao cotidiano dela, dia a dia dela. Eu acredito que aqui na escola, a gente têm trabalhado bastante isso que é a questão do livro anglo, ele trabalha a questão da vivência da criança no dia a dia. Então, acredito que a qualidade é quando a gente coloca o dia a dia da criança dentro da escola, criando a rotina dela só que dentro da escola.

Qual seria seu papel nessa educação infantil?

Mediador.

Então para que eu possa conhecer um pouco melhor seu espaço queria saber como ele foi organizado? Se você que construiu os murais? Se as crianças tem alguma participação nessa organização?

Bom os murais, a gente têm a chamadinha, tem o quadro de parabéns, os números, foi tudo criado pelas professoras antes das aulas começarem, no início do ano. Então, a principio não tem nada feito por eles na sala, as atividades a gente não coloca exposto, a gente geralmente guarda para estar anexando na pasta de atividades do ângulo no portfólio. Então, a disposição da sala, nós temos um cantinho que é das histórias, a gente basicamente trabalha o tempo todo ali, para histórias, momentos de conversa, para conversas informais também e acho que só, o lugar que a gente mais usa mesmo é o tapete.

E eles gostam de participar de falar a opinião deles?

Muito! Eles gostam de falar muito, nessa idade. Nossa, eles todos os dias chegam com uma coisa diferente, todo o dia aconteceu uma coisa nova em casa, eles são bastante participativos.

E eles têm um espaço na rotina para poder falar?

Tem, na nossa rodinha no início da aula, a gente têm um momento de conversa e nesse momento a gente senta pergunta como é que foi o dia anterior né? O que aconteceu depois que saíram da escola, mas geralmente, o tempo maior que a gente tem é na segunda, porque de um dia para o outro é tudo muito rápido, aí na segunda que eles passam o final de semana em casa, aí sim eles chegam com muita coisa para falar: “ah eu fiz isso, brinquei disso, fui pra casa da vó”, mas no momento da rodinha mesmo, a gente têm esse momento de conversa.

E o que seria para você uma rotina significativa? Uma rotina de qualidade?

Bom, eu acho que a rotina como você colocou ela é importante, porque a criança ela precisa disso, se todo o dia a gente tiver trabalhando uma coisa diferente eles esquecem o que foi trabalhado antes. Então, a questão da rotina significativa para mim, seria ta explorando, como eu posso te colocar, o livro, o livro que a gente trabalha ele tem a rotina significativa dele, ele sempre volta no início, a gente começou a falar de João e o pé de feijão, aí em um determinado tempo a gente começa a contar os cinco feijões, já entra para a questão da sequencia lógica, numeração, mais ele sempre ta voltando ao que foi feito no início. Então, para mim a rotina seria isso é ta sempre trabalhando a mesma coisa de formas diferentes.

E como é organizada a rotina da sua sala de aula?

A gente chega faz a rodinha, geralmente é assim mesmo, faz a rodinha, tem um momento para a gente ta brincando, antes da atividade, a gente brinca um pouquinho, seja de massinha, de fantoche ou leitura de alguma história.

Eles que escolhem essas brincadeiras ou vocês que escolhem?

Eles que escolhem, a gente pergunta o que eles querem e eles escolhem, ou seja, massinha, quebra-cabeça, a gente têm infinito número de brincadeiras para eles. A gente fica uns 30 minutinhos com eles brincando, depois disso a gente faz uma atividade do livro, a gente da uma explicação geralmente na rodinha, a gente da uma explicação do que vai ser a atividade, tentando leva para a vivência deles né? O pé de feijão “você já desobedeceu a mamãe?” ou “sua mãe já mandou você fazer uma coisa e você fez outra?”. A gente tenta levar para o lado pessoal deles, aí do uma atividade do livro, aí a gente leva eles ao banheiro, lava a mãozinha, da o lanche. Aí geralmente, depois da aula, durante três vezes por semana tem a aula da professora Cintia de estimulação

precoce, aí quando eles voltam, a gente sai para passear um pouquinho, brincar lá fora, quando a gente volta de lá, já é a hora de se organizar para poder ir embora.

E essa rotina ela foi organizada no início do ano ou vocês que constroem ela diariamente?

Desde o início do ano, mas ela é bem flexível, o que precisar ser acrescentado durante o dia ou tirar a gente também tira, não é uma coisa que “aí tem que ser assim e pronto se mudar vai ficar errado”, não é uma rotina, é baseado nela, mas ela é muito flexível, você muda de acordo com o que vai trabalhar naquele dia.

Você acha importante essa flexibilidade?

Com certeza. Porque às vezes no nosso planejamento, a gente coloca para dar duas atividades num dia, por exemplo, se eu tivesse colocado duas atividades hoje, já não daria porque tem aula da Cintia. Então, a gente precisa ter essa flexibilidade, tanto com as aulas específicas, com as nossas, e com a disposição dos meninos, porque às vezes eles não estão dispostos, tá um tempo quente “ah tia eu não quero fazer a atividade, não quero ficar dentro da sala”, então a gente têm que priorizar aquilo, não adianta botar eles só para fazer a atividade por fazer, porque tá na rotina. A gente sai então à flexibilidade dentro da sala é essencial.

E você tenta trabalhar com as singularidades das crianças na sala? Se tem algum aluno que está querendo fazer outra atividade, mas você tá querendo que eles façam outra, aí como você faz? Você tenta trabalhar com aquilo dele ou você o chama para atividade?

Não, a gente tenta puxar para a atividade, porque é como eu coloquei, a gente têm essa rotina, mas ela é flexível, só que a gente também muda a rotina toda da sala, por conta de um aluno às vezes complica. A gente tenta procurar saber por que ele não quer fazer aquela atividade “a você não tá bem, então vamos dar uma voltinha, vamos passear”. Depois a gente volta para a sala e tenta fazer com ele, agora se ele não quiser fazer de jeito nenhum, a gente não insiste, o que a gente pode fazer é deixar ele na mesa observando os colegas fazendo e no outro dia tentar ver se ele quer fazer, mas aplicar outra atividade para ele, porque ele não quer fazer não, deixa ele ficar a vontade e tenta ser no tempo dele né? Colocando os outros meninos no meio né? Para não atrapalhar a rotina dos outros também.

E qual atividade da rotina que você percebe que os alunos mais se envolvem? Que eles mais ficam concentrados?

Seria a aula do tio Paulo, que é a aula de música. É uma aula de quarenta minutos toda a sexta-feira. Então, eu acho que é por ser uma vez na semana, eles ficam tão empolgados que eles têm a necessidade de prestar a atenção em tudo que ele está fazendo. Então, para mim a aula que eles ficam mais concentrados é esse horário de 40 minutos na aula do professor Paulo.

E qual a atividade da rotina que eles menos se envolvem?

Que eles menos se envolvem, não estou pensando em nenhuma, porque assim tudo que a gente coloca para eles, eles fazem, é muito difícil eles falarem que não querem fazer, é muito difícil. Eu acredito que não tenha, no caso assim que menos se envolvem seria motivação né? Acho que não tem, vai tudo do momento né? Como eu te falei tá quente, aí se eu quiser passar uma atividade agora, dependendo quando eles voltarem, tá quente, aí eles não vão querer fazer. Então, depende muito do momento que eles estão passando, eu acho que não tem uma atividade que eles não se envolvam, eles são bem participativos.

E para você o que seria esse envolvimento?

Com relação a que? Comigo ou entre elas?

As crianças

Ah elas são super amigas! Assim, lógico que ainda têm aqueles que estão aprendendo a dividir, a compartilhar, mas o maternalzinho II aqui, eles são bem tranquilos com relação ao envolvimento. No começo do ano que é mais difícil né? A gente tenta trabalhar com eles a socialização que a maioria nunca estudou, mas nesse momento atual é muito tranquilo, eles são muito participativos, são muito prestativos um com outro, tem aqueles momentos que eles não querem dividir nada, que eles não querem é meu e pronto.

O que você faz nessa hora?

Ai a gente senta e conversa, tenta mostrar que estamos em um lugar que tem várias pessoas e que é preciso dividir né? A gente tenta trabalhar que somos amigos de todo

mundo aqui dentro, então a gente senta e conversa com eles, mostra a importância de estar dividindo que não é legal reclamar com o colega por não dividir, que se fosse com ele, o que ele sentiria?! A gente tenta trabalhar o sentimento da criança naquele momento, para ele também pensar um pouco se fosse com ele, se fosse inversa né?

Em que situação da rotina você nota que as crianças estão bem?

Quando elas se mostram felizes, alegres, quando não brigam.

O que seria para você esse bem-estar?

Ah, é isso, é elas estarem bem, felizes, entusiasmadas na aula, alegres, com vontade de fazer aquilo que pedimos.

Que sinais elas demonstram?

Ah eu vejo pelo sorriso, pelo olhar delas na atividade, pela animação, até mesmo quando a gente fala que acabou a hora da atividade aí elas falam “ah tia só mais um pouquinho”.

E o que você faz nessa hora?

A gente acaba deixando, porque a gente vê que eles estão tão empolgados, envolvidos ali, que não dá para cortar assim.

E quando você percebe que elas não estão em bem-estar o que você faz?

Ah! Igual já falei, eu busco sempre conversar com eles, saber o que está acontecendo acho que a conversa é o principal nesse momento.

Caro (a) Professor (a)

Meu nome é Allana, sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a construção da rotina significativa na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Por favor, responda as perguntas abaixo. Sua identidade será mantida em sigilo e os dados obtidos serão utilizados somente para a pesquisa.

Obrigada.

1. Identidade

Sexo: Feminino

Idade: 49

2. Formação Profissional

a. Magistério (☒) Sim () Não. Outro curso: Licenciatura Plena Pedagogia

Ano de Conclusão: 1982

b. Pedagogia (☒) Sim () Não. Outro curso:

Ano de Conclusão: 2006

c. Pós-Graduação:

- Especialização () Sim (☒) Não.

Curso:

Ano de Conclusão:

- Mestrado () Sim (☒) Não. Área:

Ano de Conclusão:

Outro:

3. Experiência Profissional

d. Tempo de docência (em anos): 30 anos

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (☒) Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: 30 anos

g. Turma com que trabalha atualmente: Maternal I

h. Número de crianças: 13

i. Idade média das crianças: 3 anos

j. Tem auxiliar: () Sim () Não 2 professoras

k. Escola: () Pública (☒) Particular

l. Localização da escola (Região Administrativa): Taguatinga

PROFESSORA II

O que seria para você uma educação infantil de qualidade?

É o ensino que você trabalha com a criança, a educação. O que ela traz não só da escola, mas o que ela traz de casa, o que ela aprende a vivência que ela já tem de casa, vai aproveitar tudo que ela já conhece toda a cultura que ela já tem.

Então qual seria o seu papel nessa educação infantil que você coloca?

De ser um mediador, você vai incentivar estimular a criança nessa construção do conhecimento que ela já possui que ela não vem de casa sem ele, mas ela vai adquirindo mais conhecimento, a partir do momento que ela está em sala de aula, que ela vai conhecendo a cultura de cada coleguinha, que ela vai escutando eles na rodinha. A gente vai estimulando, incentivando a fala, a linguagem e ela vai conhecendo mais os outros coleguinhas vão se entrosando e aí ela vai construindo mais um conhecimento, assim vai formando, adquirindo novos conhecimentos, a partir de uma construção que ela tem, ela vai formando novos conhecimentos.

E o espaço da sua sala de aula, como ele é organizado?

Tem o espaço da rodinha que é o lado em que tem o tapete, eles já sabem que quando fala rodinha, eles sabem que é o momento de conversar no tapete, ou é hora da história, ou é o momento de relaxamento de sentarem, ou deitarem para relaxar, quando eles vêm agitados do recreio, do lado de fora brincando, então, a gente fala “vamos sentar na rodinha, descansar”. Tem o lado das mesinhas para fazer tarefinha, para lanche e o lado das mesas dos professores que a gente quase não utiliza, utiliza para colocar as agendas, os recadinhos. Ele já até sabem, vai lá leva para a tia a agenda na mesa, eles já conhecem cada pedacinho da sala, vai lá coloca lancheira no balcão, eles já sabem onde é o local da lancheira.

Eles participam da organização desse espaço? Ou vocês que organizam?

Não, ainda não, eles são muito pequenos para isso. A gente mesmo que começa a organizar esse espaço, separa o local da mesinha, da rodinha. O que eles participam é na

hora de guardar as mochilinhas, de organizar o lugar, de colocar a lancheira, as mochilas. Eles já sabem o local de colocar a lancheira e as garrafinhas de água, eles já sabem onde colocar a garrafinha, já sabem o local.

O que seria uma rotina significativa para você?

Rotina significativa, uma rotina que tem que ser assim, todo dia uma coisa que eles vão construir, que eles sabem que vão chegar na salinha, eles mesmo tem autonomia de colocar a mochila deles no local certo, eles já sabem tirar a agenda que eles já estão ficando autônomos, eles guardam a agendinha na mesa, colocam a lancheirinha no balcão, tiram a garrafinha de água, a gente faz a rodinha, eles já têm aquela rotina e até perguntam “tia o que a gente vai fazer agora?” ai eles já pedem para cantar a musiquinha. Então, essa rotina é significativa, porque eles já estão aprendendo, no início eles não tinha esse interesse de saber o que eles iam fazer, agora já passar o tempo né? Que eles estão aqui durante o ano, eles já tem mais noção, eles tão ficando assim com interesse, tão gostando, ficam curiosos para saber “tia hoje tem aula de natação? Hoje tem aula da tia Cintia que é estimulação precoce, tia hoje a gente vai brincar lá fora?”. Então, esse momento da rotina é muito importante, porque é ali na rodinha que nós vamos conversar apresentar as atividades do dia, o que vem primeiro, o que vem depois. Até mesmo pela noção de tempo, isso é muito importante é significativo para criança, ela entender o que vem primeiro, que ela vai fazer atividade, depois vai lanche, depois vai descansar, vai ter historinha, tem todo um tempo para cada atividade, para ela ter uma noção.

E eles gostam de participar nesse momento da rodinha? Falar bastante? Conversar?

Agora gostam, no início eles eram mais quietinhos, tímidos, ultimamente não todo mundo quer falar de uma vez só.

Por que é preciso ter a rotina na tua sala de aula?

Se não tivesse a rotina não teria organização, aí as crianças ficariam soltas. Elas não conseguem se organizar e aí você não consegue trabalhar. Se não tivesse a rotina, fica vazio, não acontece o conteúdo, fica difícil, as crianças ficam agitadas, um começa a brigar com a outra, porque é na rotina que a gente também trabalha a questão das regras

de convivência, que a gente conversa com eles que a gente têm que ser amigos, todo esse trabalho do saber se comportar na escola de ser amigos dos coleguinhas.

E essa rotina foi construída no início do ano?

Foi construída desde o início do ano, diariamente no início foi muito difícil porque é maternal eles choram muito. No início é complicado até para fazer a rodinha, porque é muito choro, até um mês de choro, depois eles vão se habituando, ai eles se acalmaram, passou a fase do choro e se habituaram na escola e agora eles já estão mais tranquilos, ta tudo bem agora, eles estão gostando , gostam, isso faz parte, no dia que não tem rodinha é difícil, eles sentem, tem que ter esse tempo de rodinha mesmo.

Por que você acha que é tão importante essa rodinha?

Porque é o momento deles se organizarem, conversa, explicar para eles a hora de cada atividade, o que vai fazer durante o dia e eles ficam curiosos para saber o que vai acontecer como eu já falei né? “O que vai ter hoje na escola, o que vai ter , vai ter primeiro lanche? vai ter natação?”, que eles gostam muito da natação . Então a gente têm que estar explicando “não primeiro temos que fazer isso, vai ter o lanche e depois vocês vão para piscina”, então eles ficam muito ansiosos, eles querem saber logo. Então nesse momento da rodinha é bom para você já explicar para eles, para que eles tenham noção do tempo, do que eles vão fazer se não eles não sabem organizar o tempo.

E você busca contemplar as singularidades das crianças na rotina?De alguma forma?

É. Mais a gente tenta fazer assim, o momento é da rodinha, a gente sempre trabalha com eles que cada atividade tem seu horário é rodinha? Então agora é rodinha, mas às vezes, hoje mesmo tinha uma criança querendo escutar o CD do Patati , mas eu falei para ele “em um outro momento nós vamos escutar, agora não da para escutar o Patati , daqui a pouco a gente vai ter outro tempinho e a gente escuta” , mas não da para atender naquele momento, porque aquele momento exige um momento da gente parar fazer aquela rodinha, a gente conversar, ou se a gente também tiver com uma atividade de uma pintura, não da para parar e fazer outra coisa né? Tá fazendo uma atividade do livro, de uma colagem não da para parar e fazer alguma coisa, a não ser que você tá fazendo uma pintura, uma colagem e for só para escutar uma musica para acalmar ai da certo, agora se for uma musica de dançar mesmo que eles ficam agitados, também não

adianta, porque eles vão querer levantar da mesa e ninguém vai querer mais pintar ou colar.

Em que situação da rotina você nota que as criança estão bem?Estão em bem-estar?

Depende do momento, quando a gente ta trabalhando com histórias eles adoram, nossa se concentram muito mesmo. É um, ou outro que às vezes tá agitado, um dia assim que acontece assim da criança não ta tranquila que fica um pouquinho agitada, mas do contrario direto quando estão fazendo atividade do livrinho, eles gostam, eles ficam bem, tá fazendo outra atividade lá fora no velotrol, também eles estão bem, eles gostam muito sabe? É tranquilo, ou tão assistindo vídeo, filminho, eles adoram. Agora é só mesmo um dia que às vezes uma criança chega mais tarde, meio atrasada, sai um pouquinho da rotina, porque chega uma criança chorando, o pai às vezes chega meio atrasado e ai quebra um pouquinho o clima né?Ai eles começam a chorar, a criança chora ai os outros levantam e todo mundo quer ver o coleguinha que chegou, então aquilo atrapalha um pouquinho, mas do contrario vai bem, você levando tranquilo assim tá tudo bem.

E quando acontece isso que você vê que eles não estão muito bem em alguma situação, o que você busca fazer?

A gente tenta mudar um pouquinho, você ta contando a historinha, chegou uma criança lá agitada, chorando ai tem que parar um pouquinho a história não da para continuar, às vezes você tem que cantar, tem que acalmar aquela criança, tem que mudar de atividade mesmo, às vezes não da pra continuar na mesma atividade.

Já vi uma criança numa sala que quando o professor contava uma história, ela se envolvia, ficava totalmente concentrada. Tem alguma situação da rotina que você percebe que os alunos se envolvem desse jeito?

Tem de história, porém alguns já não gostam, a maioria gosta de história se concentram mesmo, tem um ou outro assim, às vezes que ao contrario, você pode ta contando a historinha que for, maravilhosa, com os materiais mais lindos, fantoches, não se prendem, isso acontece.

E o que você busca fazer quando você vê que a criança não está envolvida?

Eu tento trazer para perto de mim, a chamo para me ajudar “vem aqui ajudar a tia, pra ver os personagens”, às vezes até, se eu tiver com material, com livrinho, ou com fantoche, com algum objeto na mão, eu tento trazer aquela criança pra ver se ela consegue né? Chamar a atenção, pra ela deixar os outros coleguinhas se concentrarem também.

E o que seria para você esse envolvimento? Como você o definiria?

Como assim?

O que seria para você o envolvimento? Quando a gente fala que os alunos ficam concentrados? Quando eles se envolvem numa história? O que seria para você?

Ia ser ótimo, maravilhoso, eu acho que é muito bom eles se prendem tanto. Eu tenho uma aluna aqui, nossa ela fica assim maravilhada em historinha e ela está incentivando até os meninos a gostarem muito de história, porque ela se prende a história e quer a história toda a hora, quando termina uma história ela já quer outra “tia conta outra” eu falei “não agora não da, agora é hora de ir embora” e ela “tia conta outra” e eu percebi que com isso, ela esta chamando atenção até dos meninos, para eles prestarem atenção também, estão vendo que ela gostou ai os outros também param e ficam olhando que ela gostou e ficam maravilhados com aquela situação. A gente sente que eles estão bem, que eles prestaram a atenção, tão gostando, eles ficam muito concentrados, ai a criança aprende, é como se ela tivesse lendo né? Porque a leitura é muito importante, a partir do momento que você tá lendo para criança, tá contando a história, é como se ela tivesse pequenininha lendo. Ela não sabe ler ainda alfabeticamente, né? Ela não sabe ler um livro de história, mas a partir do momento que você tá lendo para ela, isso ta fazendo ela gostar da leitura, da literatura e isso para frente vai trazer o gosto dela pela leitura, ela vai gostar de ler. Eu sei, porque minhas filhas adoram ler, porque quando elas eram pequenininhas, elas gostavam que eu lesse historinhas para elas e hoje elas não têm dificuldade nenhuma de ler, elas pegam um livro e lê, acaba um livro grosso e pegam outro, numa boa.

E tem alguma situação da rotina que eles não se envolvem tanto?

Na rotina, acontece às vezes, o que eu acho assim que às vezes acontece na rotina é quando tem alguma criança que chega atrasada, que atrapalha a rotina, ou até às vezes, alguma situação que eles gostam muito é de pintura. Que não goste é mais esse lado

mesmo, quando tem alguma criança que está mais agitada, que tira aquele interesse dos outros, então é mais difícil, então você tenta chamar aquela criança para te ajudar, tenta trazer ela para seu lado, pra ver se consegue acalmar ela, para ela não agitar tanto e não deixar a turma agitada, porque muitas vezes aqui a gente tem uma criança mesmo assim, todos estão até bem tranquilos, concentrados e ele começa a correr, começa a fazer o que não era para fazer, só teimando, não obedece e isso tira a concentração dos outros, ai atrapalha. No mais essa turma é tranquila, eles gostam da rotina, assim em si, até que não tem trabalho, no maternal nesse ponto é tranquilo, eles não podem ficar parado, você dando atividade para eles, eles gostam de história, pintura, de rodinha, eles gostam, você dando brincadeira, brincando, música eles gostam demais. Mas, se tiver um para agitar a turminha toda, ai quebra, você sempre tem que estar preparado.

E por que será que tem essa agitação?

Olha a gente tenta conversar com os pais, mas é complicado, às vezes tem crianças que não sei assim, a gente conversa com os pais, porque são crianças que às vezes tem dificuldade em (...). Porque é um dentro de uma turminha de 13 aqui mesmo, mas eu já tenho turmas da manhã mesmo de 21 crianças, tenho só dois que querem chamar a atenção, o resto da turma toda se concentra. Mas, esses dois mesmos, um eu acho que tem hiperatividade que eles vão encaminhar pro neurologista e o outro a mãe ainda não foi vê, mas tem que vê, deve ter alguma coisa, não sei, alguma dificuldade, porque ele não se concentra mesmo, em nada, em nenhuma atividade, ele não se prende a nada.

Você tenta envolver ele?

É tento envolver e a criança não ajuda então assim a gente tem que ver os fatores, o que esta levando essa criança a isso, tem que encaminhar essa criança para a orientação educacional, chamar os pais, a gente já fez isso, para saber o que esta acontecendo com essa criança, porque os outros estão conseguindo concentrar, participar de todas as atividades da rotina e essa criança não participa e as vezes ela é muito assim, demonstra agressividade, bate , empurra, ela não quer participar de nada e ela quer o tempo todo chamar a atenção da gente, minha e da outra professora.

E você acha que quanto mais envolvidos os alunos estiverem mais facilidade eles vão ter de aprender? Por quê?

Sim, com certeza. Porque eles vão se sentir mais envolvidos com a atividade, vão se sentir mais empenhados com aquela atividade, eles vão gostar, vão sentir prazer. Eles mesmo aqui gostam, quando eles estão fazendo alguma coisa, eles conseguiram fazer aqui uma colagem, alguma coisa que eles estavam montando aqui um dia no trabalhinho que eles viram que eles estavam dando conta de pegar a sementinha e colar “tia eu dei conta”, ai eu senti que eles se sentirão tão felizes “tia eu to dando conta, eu também to dando conta” aquilo para eles foi tão gratificante e até assim valorizante para eles, porque isso valoriza muito a criança, ela se sente empenhada, ela vê que ta dando conta, as vezes um fala assim “eu não dou conta” e eu falo “da sim, vou te ajudar”. Tem um aqui que sempre fala que não da conta, porque às vezes em casa a mãe ajuda ele muito, da muito na mão, então eu acho assim, a mãe mesmo fala superprotege muito, então ele chega aqui e tudo ele não da conta, então eu falo assim “você da conta sim, a tia vai te ajudar” ai eu falo que estou ajudando ele , fico do lado dele e fico ensinando, mostrando o que ele tem que fazer, ai pronto ele faz, ai eu falo “você viu? você fez certinho? você fez sozinho!” Ai ele fica feliz e eu falo “ta vendo a tia Si, nem te ajudou, você fez sozinho”. Então, ele amadureceu muito com isso, ele mudou muito, ele já cresceu muito, então isso para a gente é ate gratificante, porque você vê que a criança está crescendo , está amadurecendo, ele vai para o maternal II ano que vem e já amadureceu muito. No início do ano quando ele entrou a mentalidade dele era de um bebezão, um menino grande com o corpo, assim um físico grande, mas parecia um bebê, porque a mentalidade dele era muito assim “não dou conta”, muito dependente da gente e agora não, ele esta super independente.

Caro (a) Professor (a)

Meu nome é Allana, sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a construção da rotina significativa na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Por favor, responda as perguntas abaixo. Sua identidade será mantida em sigilo e os dados obtidos serão utilizados somente para a pesquisa.

Obrigada.

1. Identidade

Sexo: Feminino

Idade: 46

2. Formação Profissional

a. Magistério (☒) Sim (☐) Não. Outro curso:

Ano de Conclusão: 1986

b. Pedagogia (☒) Sim (☐) Não. Outro curso: Letras Português

Ano de Conclusão: 2006 e 2013

c. Pós-Graduação:

- Especialização (☒) Sim (☐) Não.

Curso: Neurociencias/Inclusão

Ano de Conclusão: 2011

- Mestrado (☐) Sim (☒) Não. Área:

Ano de Conclusão:

Outro:

3. Experiência Profissional

d. Tempo de docência (em anos): 18 anos

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (☒) Sim (☐) Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: 18 anos

g. Turma com que trabalha atualmente: Jardim III

h. Número de crianças: 19

i. Idade média das crianças: 5 anos

j. Tem auxiliar: (☐) Sim (☒) Não

k. Escola: (☐) Pública (☒) Particular

l. Localização da escola (Região Administrativa): Taguatinga

PROFESSORA III

Um tema bastante discutido na educação infantil é a qualidade. O que seria para você uma educação infantil de qualidade?

Qualidade na educação infantil é a criança, primeiro ela vir para a escola com prazer e a professora ta sistematizando as aulas com material lúdico. Educação infantil é fundamental ter material lúdico para criança manipular, a criança só aprende se ela manipular né? Assim, não é que ela só aprenda, mas é um facilitador, o uso de material didático concreto, o uso de fantoche, o uso de história, tudo, tudo que você for oferecer para a criança em termos de conteúdo se você primeiro trazer de maneira lúdica, a sistematização do conteúdo fica muito mais fácil. A compreensão fica muito mais fácil.

E qual seria seu papel então como professor da educação infantil?

Ah eu tenho que ser mediadora né? Eu tenho que pegar, eu trabalho assim, eu aproveito o que eles têm de bagagem, e ai a gente vai trazendo, então é o que eles trazem de casa de conhecimento, com o que a gente oferece e ai a gente pontua e tira, por exemplo, um conceito, mas é tudo realizado com eles. Acho que quando a criança participa de todo o processo, o crescimento vem muito rápido e ai assim mesmo que o ritmo da turma não seja o mesmo, mas acontece né? Acontece que todos no seu ritmo aprendem né? Todos aprendem.

E como é que é a participação das crianças na sua sala de aula? Elas participam bastante? Tem um espaço para elas poderem participar?

Muito, muito. Aqui por exemplo, antes de a gente começar, todo o dia eu pontuo na sala, eu faço a rodinha e eu pontuo na sala o que nós vamos fazer. Então, todo o dia eu leio uma história, ou eu leio um texto de jornal, ou eu leio um artigo. Todo o dia eu faço isso, então eles já sabem no dia que não da tempo, por exemplo, hoje o primeiro horário é aula de religião, quando eu volto para a sala eu já faço isso né? É sistematizado, aí eu coloco no quadro , eu anoto tudo que a gente vai fazer , então a rodinha, a leitura, a atividade do livro, a atividade na folha, uma atividade de artes, aí tem o lanche , tem o intervalo, quando volta o alfabeto móvel. Então, tudo eu vou anotando no quadro pra eles irem seguindo, eles não leem ainda né? A turma esta nesse processo, eu tenho três crianças só que estão lendo, mas quando eu vou falando, vou colocando o meu planejamento que é fundamental também né? Eu acho que o planejamento é

fundamental para que a criança se prenda ao que você tá dando, ao que você trouxe de novidade, ou que você trouxe para reforçar o que foi dado na aula anterior, mas tem que ter planejamento. Então, quando eu coloco no quadro o meu planejamento de uma maneira bem sistematizada, de uma maneira pequeninha, de uma maneira que eles percebiam o que vai acontecer, eles já sabem! E chega em casa, eles falam, o pai pergunta “o que você fez hoje?” E eles já estão habituados, “ah a gente fez a roda, a professora contou uma história, nós fizemos o livro da página tal do anglo, ela explicou o dever de casa”. Então, eu coloco tudo no quadro, eu pontuo tudo no quadro, tem dia que não dá pra fazer tudo né? Tem dia que você não consegue concluir né? Mas aí é legal, a gente fala assim “ó o que ficou para amanhã? O que nós não conseguimos? Por que nós não conseguimos fazer hoje?”. Então assim, eu costumo colocar a minha rotina no quadro, meu planejamento diário ele vai para o quadro, uma síntese dele né? Vai para o quadro.

E como é que o espaço da sua sala de aula é organizado?

São círculos, são quatro círculos com seis cadeiras cada um, na minha sala eu tenho 19 alunos, pode chegar a 24. E aí assim, para a rodinha, a gente faz a rodinha, a sala não é muito grande não, mas dá para acontecer à rodinha todo o dia. Às vezes a gente faz experiência, aí empurra as mesas para o lado, abre um espaço no meio da sala e aí a gente vai fazendo assim, ou então, a gente sai da sala e vai lá em baixo, conto história lá em baixo, trago um vídeo, coloco na sala de vídeo. Então, assim você vai buscando outros recursos, até para sair um pouco da sala de aula, pra fugir um pouco da sala de aula.

E as crianças participam da organização desse espaço?

Ajudam, elas ajudam. Ixi! Elas amam participar. Eu acho outra coisa interessante, envolver, envolver na montagem e desmontagem da sala “vamos tirar a cadeira do lugar que nós vamos fazer uma atividade diferente, vamos colocar no lugar já que a gente já concluiu.” Eu acho que o envolvimento deles, se você coloca eles para participar, eles dão muito mais valor, claro que tem aqueles que fazem bagunça que vazem zuada, mas é próprio da idade né? E aí é só já falar “ó vamos fazer combinados” e aí todo dia na rodinha, eu acabo retomando esses combinados né? E assim, se você for olhar, se tivesse observado minha sala no início do ano e agora no final, você vai ver que não parece a mesma nunca.

Por quê?

A rotina, né? É delegar responsabilidades para eles, é importante falar o que vai acontecer, é importante. Para que eles se sintam parte desse processo e eles são parte deste processo. É muito diferente, eles chegam, saem de uma série vem para a outra, não conhece o professor, não conhecem nada. Então assim, a gente vai construindo junto, é um caminhar junto, onde eles fazem parte deste processo.

Já que a gente tá falando de rotina. O que seria uma rotina significativa para você? De qualidade?

Ó eu acho que é aquilo que eu falei, eu sistematiza o meu planejamento diário e colocar as crianças ao par do que vai ser realizado, não trazer nada de surpresa, porque se você não planeja eles perdem o foco, a tua aula. Você planejando às vezes não sai do jeito que você quer né? Então, pra se ter qualidade é isso, tem que ter envolvimento deles.

O que seria esse envolvimento para você?

A participação, claro que assim, eu tenho que respeitar as individualidades de cada um, eu tenho crianças que são extremamente espontâneas, tem crianças que são mais tímidas, eu tenho que trazer essas crianças para participar mais. Então, eu tenho que respeitar a individualidade de cada um e tenho que tentar dentro dessas individualidades trabalhar as habilidades que precisam ser desenvolvidas. Entendeu? Então, eu acho que pra ser significativo é isso, eu acho que eu tenho que ter esse olhar diferenciado, eu tenho que olhar meu aluno como um todo e eu tenho que tentar. Que não existe sala homogênea, não existe, mas eu tenho que tentar dar o melhor de mim, trazer o melhor que eu possa pra dentro da especificidade de cada um eu trabalhar e tentar desenvolver as habilidades que cada um precisa que seja trabalhada né? Eu acho que só é significativo, e eu sou muito chata com isso, eu falo para as meninas que eu não me contento com pouco, se eu sei que meu aluno tem potencial, eu empurro aquele que tá travado, eu puxo, eu vou puxando, vou puxando, pra ver até onde vai. E eu acho que é isso, o que me deixa tranquila é saber que eu tento e que nem sempre eu consigo lógico né? Mas dentro do possível, eu sou muito, eu tento, tento de várias maneiras tá desenvolvendo as habilidades que eu não consegui né, e aí é assim, não deu certo de um jeito, eu tento de outra maneira, pra que seja significativo né? Se não, a função do professor deixa de existir, minha função aqui é tentar que todos cheguem no mesmo patamar, dentro do seu

nível, dentro do seu limite, dentro do seu tempo né? Eu não posso falar “ah o menino não quer nada, eu deixo de mão”, não posso dizer isso né? Eu tenho que respeitar cada um do jeitinho que é e aí tentar ajustar, não é fácil. Esses alunos que estão lendo, eu tenho que fazer atividade diferenciada para os que estão lendo, eu tenho criança que nem identifica o alfabeto. Então, eu tenho que sistematiza, as vezes eu tenho quatro atividades diferentes. O que funciona muito, eu monto circuito dentro da sala, então aqueles que estão lendo o grau do circuito é diferente e mesmo que os outros passem e todos passam pelo circuito, mas assim, o que eu quero desenvolver, a habilidade que eu vou desenvolver, ou, que eu pretendo desenvolver é diferente. Mas, para que todos participem, para que ninguém se sinta diferente né? Uma maneira legal é isso, é o lúdico, então, na minha sala eu crio circuitos. E tenho 19, então eu crio três grupos e aí eu sempre coloco um desses que estão um pouquinho acima do esperado, um em cada grupo e eles são o gancho, então eles acabam me ajudando, eles crescem e ajudam os outros a crescerem. Então, o circuito funciona muito bonitinho.

E eles gostam?

Amam! Amam, aí ninguém fica disperso, ninguém briga, porque todos se sentem envolvidos né? Então, quando todos se sentem envolvidos aí a coisa flui melhor. Geralmente, eu faço o circuito na sexta-feira, aí eu faço como se fosse uma retomada do que aconteceu na semana é como se fosse uma revisão de tudo que a gente fez durante a semana. Eu tenho uma criança com síndrome na sala, então, eu crio muito material lúdico mais direcionado para ele, mas a sala toda acaba ganhando, porque a sala toda acaba brincando, acaba se envolvendo com esse material, então todo mundo ganha. E a educação infantil é isso, tem que ter material lúdico, tem que ter jogos, tem que ter a participação deles, se não a coisa não flui, não vai.

E como foi organizada a rotina da sua sala de aula?

É a rotina, ela acontece a gente pega por bimestre, dentro desse bimestre a gente faz o planejamento diário e aí vem à rotina e é flexível. Ela é flexível, é aquilo que eu te falei nem sempre eu consigo cumprir o que eu planejei, às vezes eu faço o que eu planejei e um pouquinho mais. Então, a gente tem que ter essa consciência, o planejamento é flexível e tem que ser flexível, se não tá dando certo, se as crianças não participam, eu vou ficar batendo na mesma tecla por que né? Então, mas a gente se organiza aqui por bimestre, eu tenho o planejamento bimestral daí eu fragmento isso pro diário, aliás,

semanal que acaba sendo diário né?Planejamento diário, daí eu sistematizo no quadro, eu faço uma síntese no quadro.

Eles participam na hora de fazer essa rotina?

Na verdade eles sabem parte dela, o que pra eles é comum né?Então, assim a hora do lanche, lavar a mão, ir ao banheiro, descer pro intervalo. Agora, o que vai acontecer mesmo de atividade não, porque eu vou falar para eles o que a gente vai fazer né?Mas, o que é comum, por exemplo, final do dia eles sabem que eles vão, não, que na entrada eles sabem que eles vão ter a história, que eu vou fazer a chamada, então isso aí o que eles já sabem que vai acontecer eles já pontuam para mim. Agora a atividade, a página do livro, qual a história, ou se no final do dia vai ser massinha, se vai ser um gibi, se vai ser, aí eles não sabem, né? Isso aí eles não sabem, mas o que todo o dia a gente faz, eles vão me falando, eles já sabem.

Então, por que você vê que é importante ter a rotina na sua sala de aula?

Acho que é a organização da sala, até deles. Eles se cobram e depois que eu passei a colocar a rotina no quadro, eles já sabem “ó vai da tempo, vai da tempo. Tia a gente já fez isso.” E quando eu esqueço de ticar o que a gente fez, eles dizem assim “olha lá, você não marcou. Vai lá tia, marca lá!” Então, é importante para até a gente se policiar né?A gente se policia, para a gente vê se tá dando certo. Eu acho, eu acho legal e eu costume trabalha já há muito tempo que eu passei a pontuar né?Colocar e assim, quando a gente passa o que vai acontecer, mesmo que pô vai ter caixa surpresa, eles não precisam saber que vai ter caixa surpresa, ó hoje nós vamos falar do livro, a gente tava falando do projeto Tamar,então assim, eu falei assim “eu trouxe novidades” a hora da novidade, tudo que vai acontecer nessa hora da novidade eles sabem “nossa tá chegando a hora da novidade”, então assim, cria uma expectativa.

Eles ficam curiosos?

Exatamente!Cria uma expectativa e isso é muito bom, bom demais!Nossa aula é assim, é muito falante, eles são falantes demais, eles gostam de falar, eles são muito musicais, são movimento puro, mas eles são muito participativos, muito.

Eles participam de que forma?

Ah eles participam de tudo, eles participam cantando, eles participam, por exemplo, hoje vai ter um lanche coletivo de despedida de uma amiga, então eu só coloquei amanhã despedida da Isa. Então, assim todo mundo se envolve, todo mundo traz, todo mundo, você entendeu? É muito bonitinho, claro que tem um e outro que você tem que ficar pontuando “lembra, ó combinados você não tá cumprindo tal combinado.” E também, ficam na sala os combinados. Os combinados eu não falei, nós construímos juntos, né? Depois da leitura de um livro “a gente pode, a gente não pode”, então a gente abriu leque, para o que pode e o que não pode ser feito durante esse período que eles estão aqui em sala de aula, na escola.

E eles cumprem?

Cumprem, quando esquece a gente retoma. Então, assim eu acho importante isso e a rotina traz isso para gente é um facilitador e aí assim aqui eu não tenho, mas, por exemplo, os combinados e acordos na outra escola, eu tenho com foto, então, olha só porque eles associam a foto ao que está escrito, então faz a leitura da foto, porque a idade lá é menor, então faz a leitura da foto “vocês estão cumprindo isso aqui? Não, então vamos cumprir?” acho isso extremamente interessante e aí assim, aqui eu tenho também a rotina com foto, eu ponho a imagem e na frente tem o texto em caixa alta. Então, o que eles sabem? Eles sabem por conta da imagem, né? O que vai acontecer por conta da imagem, então é colocada no quadro e eu tiro todo dia, aí é isso né? O que eu não tiro, por exemplo, parque, lanche eles já sabem, tá ali e a gente não vai mexer que é todo o dia o mesmo horário, as outras coisas que tira a fichinha e vou mudando. E aí, muitos que não estão lendo ainda, fazem a leitura da imagem e é uma leitura né? Eles estão no processo de leitura, é o letramento mesmo, leitura de imagem.

E em que momento da rotina você percebe que eles estão bem?

Essa rotina que você fala é tudo? Desde a hora que eu chego?

É isso, até a hora deles irem embora.

É, olha, eles ficam mais agitados depois do lanche, então assim, até a hora do intervalo de descer, quando voltam depois do lanche geralmente eles estão mais agitados. Hoje,

por exemplo, nesse primeiro horário, eu entro na sala eles estão agitados .Então, até da uma retomada.

Por que será que eles ficam assim?

Entra professor diferente né?!Então assim, cada professor tem seu jeito de lidar com a turma. E como sou eu que estou todo dia né?Então, assim quando eu entro, eu preciso dar uma acalmada, se não a coisa não flui.

E o como você faz para eles acalmarem?

Ai é isso, a gente retoma o que né?! Ai retoma como: “Ó agora a gente vai fazer o que? vamos aqui, o que ta faltando para a gente colocar nessa rotina? Hoje eu vou fazer isso, isso.” eu vou colocando ali e ai eles já vão dando uma acalmada entendeu?Mas, não é assim, por exemplo, dia de ensaio, dia de ensaio é uma beleza (risada) tudo que a gente quer na vida.

Por quê?

Porque, eles ficam muito agitados né?Então, assim tudo que vem novo. Agora nós vamos começar a ensaiar para a colação, formatura. Então, é agitação pura. Esses ensaios precisam acontecer no primeiro momento, se deixar para depois do lanche, sem chances. Então, o que acalma é colocar uma música tranquila, uma música ambiente, o que acalma é trazer uma massinha às vezes e você tem que ficar mudando isso diariamente também, não cola todo o dia a mesma coisa. É aquilo, o professor tem que ter jogo de cintura, tem que ter essa percepção do que funciona e do que não funciona com sua turma, ele tem que ter o perfil da turma bem definido, pra que ele possa atuar e pra que ele consiga trabalhar tranquilo, com sucesso. E você que esta terminando, a gente não tem sucesso todo o dia não viu?

Com certeza!

Tem não e ai é assim é não se deixar abater. A gente não pode e eu acho assim, eu amo o que eu faço, já estou na educação há 20 anos, eu acho que eu não saberia fazer outra coisa, eu amo o que eu faço. E todo o dia crescendo um pouquinho, eu acho que a gente aprende muito com eles, muito!E o legal é isso, não existe rotina dentro da sala de aula, nada é igual todo o dia, apesar da gente por uma rotina, mas não existe rotina em sala de aula, não existe, não é aquela coisa metódica, não existe isso.

Por causa deles?

Exatamente! Educação infantil, você tem que ter carta na manga o tempo inteiro, o tempo inteiro, se não da vontade de corre, da vontade de você desistir, mas é isso se você se planejar, as coisas fluem com mais naturalidade, por mais que aconteça, é existe a flexibilidade do planejamento e às vezes acontecem imprevistos, mas até dentro dos imprevistos você tem que ter jogo de cintura e saber contornar, saber lidar, tirar proveito daquilo.

E quando você percebe que algum aluno não está bem, não está em bem-estar o que você busca fazer?

Não, ai é aquilo que eu te falei né? O professor tem que conhecer seu aluno e esse conhecer é individual, você não pode ficar comparando um aluno com outro, cada um tem seu jeitinho, cada um tem seu tempo e ai é aquilo, os alunos que eu sei que precisam melhorar e aqueles que já superaram a minha expectativa, que as habilidades já alcançaram aquilo, eu aumento o grau de dificuldade, pra aqueles que não estão alcançando, eu vou criando situações diferentes, até que eu perceba que o que eu estou fazendo esta surtindo efeito. Então, eu tenho crianças aqui que não tenho laudo ainda, mas que tem alguma coisa que ta diferente, que não rende, que não flui, eu tenho criança laudada, então cada um é um.

Então você tenta contempla essas singularidades?

Todo mundo, eu me esforço muito, você pode ter certeza.

E encontra dificuldades?

Eu encontro dificuldades e a minha dificuldade maior é a família.

Por quê?

Porque tem família que não abraça a causa, tem família que fala “a professora não acredito no que você ta falando, eu vou procurar ajuda” e não vai. Então, quando você se sente sozinha nesse processo, onde a família transfere a responsabilidade para a escola, a coisa não anda como deveria ir né? Você percebe que há mudança, que há crescimento mais de uma maneira muito gradativa. Então, se houvesse essa parceria né? Entre a família e a escola, se sempre houvesse isso que também é uma coisa que ta é

mais distante do que há muito tempo atrás quando eu comecei, eu acho que ficaria melhor, as coisas também aconteceriam mais fáceis, eu acho que a ajuda pro aluno, eu acho que aconteceria de uma maneira natural e viria mais rápida né? Tem um aluno que está acabando o ano, to esperando até hoje uma resposta de uma fono, não vem, a gente não pode falar tem, a gente sugere, porque a gente percebe que há alguma coisa que ta diferente, que alguma coisa não ta bem, que o aluno não rende, o aluno não demonstra crescimento, por mais que você tente envolvê-lo né? Com materiais diversificados, você percebe que a coisa não está fluindo e aí a família não aceita, fica difícil, né? Fica difícil! Mas, eu tento, eu não posso é deixar o bichinho ao Deus dará né?! Não posso, e eu tento só que fico muito frustrada, porque nem sempre acontece do jeito que eu quero, a resposta não vem e aí eu acabo sofrendo muito, se eu pudesse eu levava para o médico, levava, você entendeu? Mais, eu não posso, eu acho que a escola tem limite também, a gente não pode ficar interferindo muito no núcleo familiar. Se o pai não da essa abertura, fica complicado, fica muito complicado. É assim, eu fico meio frustrada, fico muito aborrecida, mas faz parte, faz parte, mas o que eu posso fazer dentro do meu conhecimento, dentro dos estudos e aí eu busco, eu estudo, eu vou atrás, eu tento diversifica a atividade, mas não é só isso né? Tem coisa que não depende só da gente, a gente vai fazendo, a gente vai levando.

E tem alguma atividade que você percebe que os alunos se envolvem muito? Que eles ficam muito concentrados? Alguma atividade da rotina que você percebe esse envolvimento?

Olha concentração na educação infantil, também é uma coisa assim que ela é meio limitada, eles não ficam concentrados muito tempo, por isso que eu estou te falando, a gente tem que ter carta na manga o tempo inteiro né? Então assim, essa faixa etária de 4 anos, de 5 anos, os meus tem 5 vão fazer 6. Eles são movimento puro, mas isso não significa que eles não estejam prestando atenção, isso não significa que eles não estão é contemplando o que eu to falando, não significa que eles não estão aprendendo né? E aí é a diferença, você tem que perceber isso. Às vezes, você acha que o menino ta levantando toda a hora que você ta falando e ele não ta nem aí?! Tá sim, porque quando você pergunta, ele te da o retorno, o feedback vem né? Mas, você precisa ter essa sensibilidade né? Aí é isso, você tem que conhecer muito bem sua turma, quando você conhece muito bem a sua turma, você sabe se aquela conversa é conversa de bagunça, se aquela conversa é conversa do tema que você ta falando. Então, assim uma coisa que

eu acho muito legal, que eu acho muito produtivo é a gente fazer atividades coletivas e eles falam assim “nós somos uma equipe”.

Um vai ajudando o outro?

Vai, ai é muito legal, eles ficam muito envolvidos, muito, se você põe a molecada para fazer, eles se sentem valorizados, eles se sentem parte daquilo ali, ai é um abraço, a coisa sai que supera a tua expectativa .

Você acha que eles aprendem quando estão envolvidos?

Muito, muito!E ai eles comparam, por exemplo, eles estão em um nível assim, a gente ta muito na escrita espontânea né? Então, os que não conseguem, o outro fala assim “olha é tal letra, ta faltando tal letra”. Então assim, essa questão de ajudar “poxa, eu sei, vou ajudar.” isso é muito legal. Então, quando eles se sentem envolvidos , quando eles são valorizados né?Não basta só querer envolver a criança sem valorizar.

O que seria valorizar?

Por exemplo, não ta conseguindo. Eu tenho criança que escreve ainda espelhado, eu falo “olha ta bom, esse jeito ta bom, mas olha o jeito certo. Vamos fazer melhor, vamos apagar ou vamos fazer o outro”. Então, eu coloco, por exemplo, o dois, eles fazem muito espelhado ainda né? “ó o 2 é assim”, ai eu pego a caixa de areia, passo o dedo “olha o seu ta do mesmo lado?Não, então vamos apagar?vamos fazer?”. Então, assim eu não falo para ele tá errado “ó pode ficar melhor, tem outro jeito que fica melhor, tem outro jeito que é o mais correto, a maneira certa de escrever. Posso?”, quando eu peço permissão para eles para eu apagar, eu to fazendo a minha interferência, eu não to é, como é que eu vou falar, porque eles dão o melhor deles né? Então, não vou falar assim “ó vou apagar porque você fez errado”, eu jogo a autoestima da criança lá em baixo, então eu falo assim “vamos apagar, vamos fazer melhor, desse jeito vai ficar certo” e também, eu tenho que fazer essas interferências, eu não posso permitir que fique errado, porque ai acaba ficando, a memória fotográfica vai lá e né? Continua errando. Eu não posso permitir então a minha interferência tem que ser de uma maneira muito sutil, eu to ajudando, to ensinando a maneira correta, mas eu não to “ah você não vai aprender, você nunca faz certo!” não, pelo contrário ó “desse jeito é melhor, vamos apagar, apaga ai pra mim, vamos fazer ó passa aqui” ai vai lá faz o numeral. Eu uso muito a caixa de areia, vai lá passa o dedinho na areia, faz o traçado correto, agora vamos lá no papel,

agora faz do jeito que você fez na caixa de areia “viu ó esse aqui é o jeito certo?”Então, assim, eu to sugerindo que ele apague, mas estou trazendo uma coisa diferente para ele aprender. Você entendeu? Então é isso, a gente tem que ter o tempo inteiro jogo de cintura, para fazer essas coisas e sensibilidade também para esta fazendo isso, porque se não a criança que tem dificuldade , tadinho, não vai, não vai .Então, é quadro, não ta conseguindo vai para o quadro, eles amam riscar no quadro, escrever no quadro, desenhar, mas aí você tem que valorizar todo mundo, você pega o grupinho que ta com mais dificuldade, mas você põe todo mundo para fazer, para que aqueles que tem dificuldade não percebam que o foco são eles.

E ai esses que tem dificuldade gostam?

Ixi e ai vai, ai vai.Então, todo mundo se sente envolvido , sem perceber, não fica claro a minha intenção, entendeu?A minha intenção é ta melhorando a escrita, por exemplo, no caso da escrita espelhada, ou no caso relação numero quantidade. Eu ponho todo mundo para fazer e ninguém percebe, claro que o foco é maior naquele que não consegue ainda e eu falo “borá ajudar”.

E o que você acha que esse envolvimento pode trazer de positivo para a criança?

Não, ai é aquilo que eles, que o envolvimento é o crescimento como um todo.A criança aprende a dividir, aprende a socializar, aprende de maneira lúdica conteúdos.Então, assim, sai do concreto e passa para o abstrato, né? Eu vejo que a criança cresce num todo, todo mundo ganha num todo, quando a gente faz desse jeito.

Caro (a) Professor (a)

Meu nome é Allana, sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a construção da rotina significativa na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Por favor, responda as perguntas abaixo. Sua identidade será mantida em sigilo e os dados obtidos serão utilizados somente para a pesquisa. Obrigada.

1. Identidade

Sexo: Feminino

Idade: 48

2. Formação Profissional

a. Magistério () Sim (x) Não. Outro curso:

Ano de Conclusão:

b. Pedagogia (x) Sim () Não. Outro curso:

Ano de Conclusão: 1999

c. Pós-Graduação:

- Especialização () Sim (x) Não.

Curso:

Ano de Conclusão:

- Mestrado () Sim (x) Não. Área:

Ano de Conclusão:

Outro:

3. Experiência Profissional

d. Tempo de docência (em anos): 10 anos

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim (x) Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: 7 anos

g. Turma com que trabalha atualmente: Maternal II

h. Número de crianças: 18

i. Idade média das crianças: 3 anos e meio

j. Tem auxiliar: (x) Sim () Não

k. Escola: () Pública (x) Particular

l. Localização da escola (Região Administrativa): Taguatinga

PROFESSORA IV

Um tema bastante discutido na educação infantil é a qualidade. O que seria para você uma educação infantil de qualidade?

Educação infantil para mim de qualidade é o fazer, aquilo que você faz todo o dia com a criança, cada um do seu jeito, cada um fazendo da maneira que souber fazer.

As crianças fazendo?

As crianças fazendo.

E qual seria seu papel?

E assim, o papel do professor é apenas o mediador, ele só vai ficar orientando as crianças, é claro que às vezes eles não dão conta de fazer direitinho e aí você fica falando, orientando, cor, orientando o espaço. Aí isso para mim se torna uma educação infantil de qualidade.

E como foi construído o espaço aqui de dentro da sala de aula? Como ele é organizado?

Aqui é muito bom, porque nós somos duas professoras de manhã e duas à tarde, então de dois em dois meses, uma fica responsável pelo mural e assim a gente consegue manter a sala organizada sempre assim, com atividades diferentes, bem coloridas e um ambiente assim bem agradável para as crianças.

E as crianças têm alguma participação na organização desse espaço?

Não. Com relação, aos murais não.

E como é a rotina da sua sala de aula?

Excelente. Primeiro a gente recebe as crianças lá fora, aí tem um momento que você faz a oração, canta uma música, aí depois volta para sala. Aqui na sala, a gente também faz a oração, porque lá é um momento coletivo e aqui não, aqui é só da turminha. Aí a gente canta com eles, faz uma oração e depois já na rodinha aborda o assunto que você vai trabalhar, você mostra para eles, fala com eles como é para ser feito. Aí depois que você abordou o conteúdo do dia, aí você senta, já entrega a atividade para eles e aí a gente vai orientando.

Por que você acha que é preciso ter a rotina na sua sala de aula?

Ah essa idade tem que ter rotina. Todos os dias, por exemplo, ir ao banheiro é chegar complementa os coleguinhas, fazer a oração, conversar com eles o que eles fizeram no final de semana, o que eles comeram, se tomaram banho. Tudo isso, todos os dias você tem que cobrar, cobrar não, conversar.

E eles gostam de participar?

Demais, demais! É tanto que tem criança que às vezes assim, você percebe que o cabelinho tá sujo, a unha não tá cortada, aí você fala “ó se amanhã você lavar o cabelinho e cortar a unha quando você chegar aqui vou te dar um beijo”, eles já chegam aqui ó mostrando a unha e mostrando o rostinho assim para você beijar. E, assim, então acontece tudo assim, de uma forma bem prazerosa.

E a rotina é organizada sempre da mesma forma ou é flexível?

É flexível, vamos supor, tem a rotina, mas surgiu um assunto diferente, por exemplo, surgiu um inseto, qualquer coisa, uma borboleta, qualquer inseto que aparecer dentro da sala, você muda total, você muda seu planejamento rapidinho, ou de repente, você tá trabalhando com um conteúdo, o conteúdo você tá vendo que ele não tá sendo interessante, aí você muda de estratégia, porque tem que ser um conteúdo que tem que ter significado para as crianças, se tiver significado é maravilhoso.

Por quê?

É elas ficam envolvidas e entretidas. Agora si, quando não é significativo para elas, aí já dispersa, já não tem interesse, por isso que o plano tem que ser flexível.

O que seria uma rotina significativa para você? Uma rotina de qualidade?

Uma rotina de qualidade é você seguir as mesmas coisas todo dia, mas de forma diferente, abordagem diferente. Quer dizer é uma rotina, mas aí que entra uma rotina de qualidade, porque você não tá trabalhando da mesma forma, um dia você trabalha de um jeito, outro dia você trabalha de outro, outro dia você trabalha com material concreto.

Em que momento da rotina você percebe que os alunos estão bem? Que sinais você vê que eles dão?

A quando eles estão entretidos , quando eles estão fazendo , quando eles estão felizes. E assim, tem hora que aqui a gente trabalha muito em grupinho né? Você passa e eles estão tão entretidos que às vezes chega até a hora do lanche, você tem que falar gente, gente me entrega o trabalhinho. É maravilhoso.

E quando você percebe que algum aluno não está bem o que você faz?

Aí você tem que mudar rapidinho, você para o que esta fazendo, você dá uma volta lá fora, você leva ao banheiro, você dá uma água, você para vai para a rodinha , conta uma história , canta uma musica. Ixi, às vezes você para com uma atividade em cima da mesa, você deixa a atividade e vai e começa “o gente vamos cantar tal musica, ou lembra de uma história”.

E eles gostam?

Gostam, ai quando você volta , quando você retoma o que você estava fazendo ai pronto.

Em qual situação da rotina você nota que as crianças estão envolvidas? Eu já vi uma criança que quando o professor conta uma história, ela fica totalmente concentrada. Tem alguma situação da rotina que você percebe isso?

Olha, qualquer atividade com material concreto, eles ficam envolvidos, qualquer atividade. Desde a atividade mais simples, a uma mais complexa, eles ficam envolvidos, motivados.

Que sinais que eles mostram que você percebe que eles estão envolvidos?

Manipulando, usando os materiais é participando ali, conversando com o coleguinha.

E o que você acha que esse envolvimento pode trazer de positivo para a criança?

Tudo de bom, a criança sem perceber aprende brincando, de uma forma bem simples, de uma forma prazerosa, de uma forma positiva.

Tem alguma situação da rotina que você percebe que elas não se envolvem tanto? Algo que elas não ficam concentradas?

Não, não. Aqui eu acho que eles se envolvem até demais. Acho que não tem , natação eles gostam demais, estimulação precoce nem se fala e aqui tem os momentos da

história, o momento da atividade , tem o momento do lanche.As vezes quando termina o lanche, ai as vezes eles fazem um certo tumulto, mas ai é normal né ? Que ai é cada um guardando sua lancheira, seus materiais e já preparando para escovar os dentes, uns querem escovar e já querem comer a pasta, a pasta deles é uma delicia né?É sabor tutti frutt , mas assim é uma bagunça, bagunça boa, mas não é uma bagunça ruim né?Porque ali eles sabem, estão guardando o material, eles estão se preparando para um momento de higiene. É um momento bom, vai bem.

E quando tem algum conflito na sala entre eles, como você busca intervir?

Olha, eu penso assim, a gente trabalha, em casa tem a mãe, tem a baba, aqui tem eu e a Tia Le, mas vai ter um momento na vida que não vai ter ninguém perto. Então, a criança tem que saber se defender, por exemplo, quando um olha, ou coloca a língua , ou esbarra, empurra ai eu falo assim “vai lá segura na mãozinha dele, olha no olho dele e fala: você é meu pai? Você é minha mãe? Para com isso”. Então, tem hora que automaticamente quando surge algum conflito, a própria criança já olha para o outro e fala “você é meu pai?Você é minha mãe?Para com isso!” . É muito bonitinho viu?é lindo de olhar.

E você busca contemplar as singularidades das crianças na rotina?Se um aluno quiser fazer outra atividade, mas de acordo com a rotina esta no momento de outra, aí o que você busca fazer?

A gente da uma paradinha, ai você explica, tudo, tudo na educação infantil é explicar. Ai você fala assim “não, nesse momento nós estamos fazendo essa atividade, vamos terminar essa, quando a gente terminar a gente faz a outra”, ai pronto, é explicar e outra coisa, uma coisa assim muito importante na educação infantil, principalmente nós que trabalhamos no maternal II é você ficar na altura da criança, olhar nos olhos dela. E elas percebem, percebem, elas vem verdade na gente, elas obedecem.

Caro (a) Professor (a)

Meu nome é Allana, sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a construção da rotina significativa na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Por favor, responda as perguntas abaixo. Sua identidade será mantida em sigilo e os dados obtidos serão utilizados somente para a pesquisa.

Obrigada.

1. Identidade

Sexo: Feminino Idade: 28 anos

2. Formação Profissional

a. Magistério (x) Sim () Não. Outro curso:

Ano de Conclusão:

b. Pedagogia (x) Sim () Não. Outro curso:

Ano de Conclusão:

c. Pós-Graduação:

- Especialização (x) Sim () Não.

Curso:

Ano de Conclusão:

- Mestrado () Sim (x) Não. Área:

Ano de Conclusão:

Outro:

3. Experiência Profissional

d. Tempo de docência (em anos): 10 anos

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (x) Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: 10 anos

g. Turma com que trabalha atualmente: Jardim I

h. Número de crianças: 19

i. Idade média das crianças: 4 anos

j. Tem auxiliar: () Sim (x) Não

k. Escola: () Pública (x) Particular

l. Localização da escola (Região Administrativa): Taguatinga

PROFESSORA V

Um tema bastante discutido na educação infantil é a qualidade. O que seria para você uma educação infantil de qualidade?

Você fala no geral né?

Isso!

Uma educação infantil de qualidade é que nós temos que trabalhar com a criança o lúdico. Eu tenho que falar o que faço na minha sala de aula?

Pode falar.

Assim o que eu faço na minha sala de aula, tudo que eu trabalho com meus alunos é através do lúdico. Se eu vou dar tipo um tema sobre fruta, aí as crianças trazem frutas. Tá entendendo? Aí a gente faz salada de frutas, para criança também ter acesso. Então, assim tudo através do lúdico, a gente mostra para criança, para depois ser passada alguma atividade, algumas coisas assim, mais tudo, eu gosto de trabalhar primeiro o lúdico com a criança.

E eles gostam?

Eles gostam e eu vejo que eles aprendem com mais facilidade, porque tipo assim quando a gente vai dar um conteúdo para eles que é Jardim I né? Turminha de quatro anos. Quando a gente vai dar um conteúdo para eles e a gente só faz assim, tipo lê alguma coisa, eles não se interessam aí quando eu já vou partir para o lúdico, através da brincadeira, ou levo eles no pátio, através do tema que aí a gente vai agilizando o conteúdo né? Aí eles gostam e se interessam bastante.

Qual é seu papel como educador?

Como educador, eu né? O meu papel?

Aham

Ó como educador, o que eu acho do que eu faço, eu acho isso muito importante, porque até mesmo como eu acabei de te falar, quando eu passo assim só o conteúdo e não passo aquela coisa no concreto e traz coisas, as crianças não se interessam, a aula não fica rica de jeito nenhum. Aí fica aquele desinteresse, entre o educador e também as crianças,

mas quando tem a parte lúdica, as crianças se interessam, mais aí o trabalho fica bem melhor. Então como educador eu gosto assim, trabalha assim, através do lúdico.

Para que eu possa conhecer um pouco melhor o espaço em que você atua, gostaria de saber como o espaço da sua sala de aula foi organizado? As crianças têm alguma participação nesta organização?

Ó as minhas crianças participam de tudo.

Como assim?

Ó eles aqui cada dia tem um ajudante na sala, cada dia tem um ajudante. Ó tipo assim essa semana a sala esta em grupo, cada grupinho, tipo assim têm as mesinhas de florzinha né? Aí eles todos me ajudam, porque eu não tenho auxiliar, eu sou sozinha. Aí eles me ajudam, aí tem semana que eu boto em círculo, em U a sala em U.

A entendi!

Aí eles também me ajudam. E a organização da sala tem o alfabeto, que foi tudo organizado com as crianças, quando eu trouxe o alfabeto eu coleí junto com eles, explicando que a gente ia trabalhar o calendário, os combinados, os números, os aniversariantes (foi apontando para os murais) e tem também sempre aqueles murais que a gente faz através da aula, tá entendendo? Aí a gente faz um cartazinho, aí sempre ajuda deles, eu sempre eu faço com eles nunca trago nada de casa assim feito. É tudo feito com eles.

E eles gostam de participar?

Gostam e eles participam de tudinho e eles gostam aí tipo assim, se eu for trabalhar gravuras aí todos cortam, depois todos ajudam, jogam os pedacinhos que ficaram no chão no lixo é tudo em equipe mesmo, aí eu não trago nada pronto, aí se eu for trabalhar o prenome de cada criança, então eu peço para cada criança recortar a letrinha que formam o nome dela, revista ou jornal, aí eles trabalham, isso foi no começo do bimestre, aí a gente fez um painel, aí cada criança desenha ele na frente, contou as letrinhas do nome e formou o pré-nome, aí eles desenharam eles na frente. Assim eles aprenderam com muita facilidade, por causa disso, aí eu sempre vou trabalhando com eles, sempre com a ajuda deles, a rotina da sala é essa, tudo é ajuda deles. Toda vez na

hora de lanche a gente reza, cada dia é uma criança que reza aqui, não sou eu, eu fui no primeiro dia que ensinei pra eles, como é que agradecemos para o papai do céu.

Agora que eu já conheço um pouco melhor seu espaço, eu queria saber como é que sua rotina foi organizada? Quando foi construída?

Como eu te falei, desde o primeiro bimestre eu conversei com as crianças, como seria nossa rotina em sala de aula, aí foi construído: combinados, calendário, alfabeto, o mural de aniversariantes, tudo, e aí tudo que eu faço com as crianças, eu falo antes é na rodinha, eu converso com eles. Hoje mesmo, eu falei com eles que ia vim a tia, que quando você chegou, eu falei para eles que ia vim a tia. Aí eles, por enquanto, estão brincando de massinha, mas eles ainda tem o trabalhinho deles pra fazer. Então, tudo que eu vou fazer durante o dia eu converso com eles, nada eu faço na sala sem comunicar antes, tudo a gente conversa, a gente senta na rodinha e aí a gente vai conversando, olha a gente vai fazer esse trabalhinho hoje, tá entendendo? De recortar, de colagem, tudo a gente trabalha na rotina, eu converso com eles.

Por que você acha que é importante ter rotina na sua sala de aula?

Olha, eu acho que é importante para a criança participar. No começo, que eu te falei, que eu gosto de trabalhar também através do lúdico, que é como eu te falei é bom a rotina, porque quando a criança sabe o que ela vai fazer, ela tem mais interesse, ela se sente mais importante, tá entendendo? Que aqui é tudo dividido em ajudantes, hoje é ajudante do dia fulano, aí fulano vai ajudar, vai na sala da tia se eu precisar, então assim, eles gostam de saber o que eles vão fazer. Porque até uma atividade xerocopiada que eu faço com eles, eu explico tudo para eles, até a tarefa de casa. Então é tão importante esta rotina, a gente passa isso para a criança, porque os pais eles comentam comigo “Tia Da, quando a gente chega em casa fulaninho já explica a tarefa”, tem hora que tem uma mãe que não tá entendendo o comando da tarefa, eles explicam, então assim é bom a gente participar disso com eles, compartilhar, porque aí a criança tem mais interesse, tem mais entusiasmo. Quando eles chegam em casa, a primeira coisa que eles querem fazer é a tarefinha de casa, porque eles já entendem, já sabem como é, tem hora que a mãe não tá entendendo direito o comando aí eles falam “não, a tia falou que é assim”, aí eles já passam para mãe, então eu acho que isso resolve muito.

E você busca contemplar as singularidades das crianças na rotina? No caso assim se o aluno trazer uma novidade, mas não esta programa na rotina esse dia. Como é que você faz?

Gente hoje a gente vai trabalhar o que o fulaninho trouxe, porque muda, porque não adianta a gente têm que ter nosso plano de aula, concordo tenho ali meu plano de aula tudo direitinho, se quiser ver, tem tudo direitinho. Mas, o plano de aula é pra gente nos assim, a gente nos organiza, mas sempre tem uma novidade. Tem coisa que ta no plano eu faço, mas tem coisa a mais que não esta no plano mais eu faço, como você acabou de falar, tem hora que através de um brinquedo, a criança traz um brinquedo, ai através daquele brinquedo, eu trabalho a palavrinha, eu trabalho a quantidade de letra com a criança, porque é importante esse brinquedo. Então, assim é tudo trabalhado desse jeito, então, eu não falo assim “não vai guardar isso ai não”, esses dias aconteceu de uma menina trazer uma historinha né? Ai trouxeram a historinha, o coleguinha trouxe um livrinho de história, este livrinho era bíblico e através desse livrinho, era historinha acho que de José, ai através desse livrinho, eu contei a historinha, depois da historinha a gente começou a conversar, sobre carinho, sobre amor, então já fica uma aula totalmente diferente, então assim tudo que eles trazem eu aproveito, tudo, tudo, tudo, eu não sou de guardar “guarda lá menino”, eu aproveito tudo que eles trazem, porque através de um brinquedo, de um livrinho de história , uma revistinha em quadrinho da para a gente fazer uma aula com eles, ai eu gosto, eu aproveito.

Entendi, e você sente alguma dificuldade para envolver todas as crianças na rotina?

Olha no começo sim, porque no começo tem muita criança que tem timidez, que não quer falar, que chora, que não quer ficar na rodinha, então por isso que eu gosto assim da rotina, porque vai sendo trabalhado isso. Teve uma menina que entrou no começo do ano, ela teve a maior dificuldade, porque ela não queria que ninguém passasse junto dela, ela só queria ficar no meu colo, não podia uma menina passar junto dela, nem um menino passar junto dela, foi difícil, então ai eu comecei a rotina, explicar para ela que todo mundo é amiguinho, que menininho é amiguinho e que menininha também, então eu comecei a explicar isso para ela e hoje em dia ela melhorou , ela senta com todo mundo, brinca com todo mundo, então, eu trabalhei isso com ela , porque ela não aceitava ninguém encostar junto dela, ela chorava , ela não queria ficar na rodinha e eu

conversava com ela para ela sentar na cadeira, chamava ela “senta comigo junto da tia”, depois eu colocava ela para sentar junto com uma menina de um menino, então por isso que eu acho isso importante .

Entendi. E em que situação da rotina você nota que as crianças estão bem? Em bem-estar?

A situação que eles mais gostam é contar às novidades que acontece em casa, eles amam, então eu explico para eles o que a gente vai fazer durante a tarde e depois eu peço para cada um conversar comigo, o que aconteceu em casa, seja no final de semana, ou então durante a semana mesmo. Ai eles amam, eles amam, eles amam, eles conversam, eles brincam, eles falam tudinho, prestam atenção, mas eles gostam mesmo é do que acontece em casa, ai ele relatam tudo, tudo que acontece, tudinho.

E tem alguma situação que eles não gostam muito?Que você percebe que eles não estão bem?

Ó não é mais difícil, eles gostam muito da rodinha, porque como eu acostumei isso com eles, eles sabem que todos os dias eu trabalho a rodinha com eles, todos os dias eu trabalho. Então, assim eles acostumaram muito, então eles não têm dificuldade com isso, porque quando a gente não trabalha essa rotina, aí eles sentem mais dificuldade, eles não querem ficar na rodinha, aí fica brigando, fica agitado, você percebe que eles não estão tranquilos, ficam se jogando no chão, então eles já sabem que a gente tem essa rotina, então eles gostam, até na hora quando eu chego, eles falam “tia não vamos fazer a rodinha não? ai eu “calma gente deixa a tia pegar as coisas”, então eles já lembram e já querem fazer a rodinha. Então, não tenho dificuldade. No começo que é mais difícil até acostumarem, que vem do maternal, ai fica mais difícil , mas aqui agora não eles ficam bem, eles gostam, eles gostam.

Eu já vi uma criança que quando o professor conta uma história ela fica totalmente concentrada, envolvida. Tem alguma situação da sua rotina que você percebe esse envolvimento?

A maioria gosta de história, chega nem pisca o olho de tão concentrada que ficam, tem uns que não aguentam, tem crianças que não aguenta que contou ali a historinha, na terceira página, ele já não tem mais interesse. Ai eu começo, porque na hora que eu começo a contar a historinha, sempre eu mudo a voz, eu vou assim colocando eles para

ficarem na história, eu vou colocando o nome de coleguinhas, pra eles ficarem dentro da história comigo, porque quando eu conto assim só lendo, eles não gostam, não adianta, mas aí eu começo a contar que João, aí tinha um amiguinho que estudava no (falou o nome da escola) através de qualquer história, história da Branca de Neve, aí eu coloco o nome do personagem, o nome do coleguinha deles, então, eles se interessam. Porque, quando eu começo a contar todinha a história, sem nenhum motivo, sem nenhuma criatividade, eles não gostam não, eles não prestam atenção não, aí sempre eu vou colocando o nome de coleguinhas, às vezes eu até visto a roupinha pra se fantasiar, pra chamar a atenção deles.

A legal

E aí eles gostam!

E o que você acha que esse envolvimento pode trazer de positivo para a criança?

Olha, eu acho que esse envolvimento, como eu te contei o caso da menina né? Trabalha tudo com a criança, trabalha a criança para ela ser mais compreensiva, para ter amor ao próximo. Porque, tudo aqui é trabalhado em equipe, porque eu trabalho com eles: a timidez, porque tem dia ó a oração, cada dia um faz a oração pra gente lanchar, cada dia cada um faz a oração. Então, assim eu acho que trabalha isso da criança, trabalha o eu da criança, trabalha como tratar o próximo, eu acho que é assim.

E quando uma criança não está envolvida o que você busca fazer?

Olha aí eu sento na rodinha “olha o coleguinha hoje não se envolveu, o que está acontecendo?” aí eu começo a conversar, aí ele me conta o que está acontecendo, aí no dia seguinte ele já vai ser o meu ajudante e aí tudo volta ao normal. Que tem dia que realmente não tá envolvido, só quer saber de tá pulando e tá correndo na sala, aí eu falo “olha amanhã você vai ser meu ajudante”, aí ele já se envolve. Aí no dia seguinte ele já tá bem, eu sempre vou trabalhando assim, pra tá se envolvendo junto comigo, com as atividades que faz em sala, porque aí fica melhor pra minha rotina e pra deles também né?!

E que sinais que você percebe quando a criança está e quando ela não está envolvida?

Olha, quando não está envolvida minha filha, começa a se jogar no chão, começa a correr na sala, eu mesmo dando aula ta correndo. Isso só aconteceu uma vez, com um menino, nunca foi assim de acontecer né? Quando começam já a fazer isso, eu já vou modificar digo “gente isso não ta dando certo” eu já pulo pro outro plano. Então assim, eles não prestam atenção, eles saem da cadeira, começa a jogar a cadeira, ai sai de um lugar é assim não fica parado, então ai, eu já começo a dar outra aula, eu saio da sala de aula, vou para sala de criatividade, trabalho jogos educativos com eles, ai eu já começo a trabalhar outra coisa, já para chamar a atenção.

E quando eles estão envolvidos como é que você percebe?

Quando tão envolvidos, eles ficam tão concentrados ai é na hora de estar perguntando “porque tia, porque isso, porque aquilo” ta entendendo? Ai eles começam sempre a querer saber o porquê, ai eu sei que tá envolvido, que tá gostando, mas quando não a gente já tem que se rebolar pra ir atrás de outra coisa, porque não adianta.

E tem alguma situação da rotina que elas não se envolvem?

Não, todas as coisas que eu faço aqui em sala, eles se envolvem direitinho, como eu te falei, porque eu já acostumei eles assim, então se envolvem, em tudo eles se envolvem, eles gostam da rotina, eles gostam.

Agora que a gente conversou bastante sobre rotina, gostaria de saber o que seria para você uma rotina de qualidade?

Assim, é como eu te falei pra mim uma rotina significativa é a criança ter que participar, que às vezes o professor fala que a sala dele tem uma rotina todos os dias, mas como é essa rotina que tem em sala? Às vezes é só o professor dar a tarefa para a criança, a criança vai fazer aquilo ali já é uma rotina. Então, pra mim uma rotina de qualidade são todas as crianças participarem, é todas as crianças falarem: “tia vamos fazer isso hoje?” e a tia: “vamos sim gente, hoje a gente vai fazer aquilo que o coleguinha trouxe, a gente vai fazer isso hoje, olha aqui que legal”. Então, pra mim rotina de qualidade é o todo, todas as crianças participarem, porque as vezes essa palavra rotina, as vezes até as pessoas pensam “a rotina todo o dia é lavar as mãozinhas, é rezar...” não a minha rotina que eu faço aqui na sala de aula não é assim é diferente, todas as crianças participam, no dia que a criança traz a novidade, através daquela novidade eu dou a minha aula ta entendendo? Através daquele brinquedo já da para trabalhar a minha aula com a criança,

com um livro de historinha já da para trabalhar minha aula. Então, para mim uma rotina de qualidade é aceitar também o que a criança fala, o que a criança traz.

Caro (a) Professor (a)

Meu nome é Allana, sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a construção da rotina significativa na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Por favor, responda as perguntas abaixo. Sua identidade será mantida em sigilo e os dados obtidos serão utilizados somente para a pesquisa.

Obrigada.

1. Identidade

Sexo: Feminino

Idade: 23 anos

2. Formação Profissional

a. Magistério () Sim (x) Não. Outro curso:

Ano de Conclusão:

b. Pedagogia (x) Sim () Não. Outro curso:

Ano de Conclusão: 2011

c. Pós-Graduação:

- Especialização (x) Sim () Não.

Curso: Psicopedagogia

Ano de Conclusão: cursando

- Mestrado () Sim () Não. Área:

Ano de Conclusão:

Outro:

3. Experiência Profissional

d. Tempo de docência (em anos): 2 anos

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (x) Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: 2 anos

g. Turma com que trabalha atualmente: maternal I

h. Número de crianças: 13

i. Idade média das crianças: 3 anos

j. Tem auxiliar: (x) Sim () Não

k. Escola: () Pública (x) Particular

l. Localização da escola (Região Administrativa): Taguatinga

PROFESSORA VI

Um tema bastante discutido na educação infantil é a qualidade. O que seria para você uma educação infantil de qualidade?

Uma educação em que a gente explora aquilo que o aluno já sabe e em cima disso ensinando novas coisas, onde o aluno se interessa pelo que é ensinado.

É qual é seu papel nessa educação infantil?

Mediador, utiliza aquilo que ele já sabe, de instigar a curiosidade dele, de deixar eles escolherem assim um tema e a partir disso ir falando sobre outros assuntos.

Me da um exemplo dessa mediação.

A gente acaba mediando quando o aluno, por exemplo, eu faço uma pergunta, aí eu deixo eles buscarem uma resposta, aí vai um ajudando o outro e assim eles vão respondendo ao que foi perguntado.

Para que eu possa conhecer um pouco melhor o espaço da sua sala de aula, eu gostaria de saber assim como é que ele foi organizado?

A gente organizou o espaço no começo do ano, são as mesinhas né? Em grupo, aí o mural a gente organiza todo o bimestre e quando eles chegam, eles vão organizando a mochila, eles tiram a agenda, colocam a lancheira onde deve ser colocada, a garrafinha de água, mas o restante é a gente que acaba organizando.

E os alunos tem alguma participação na organização desse espaço?

Não, só em questão de juntar o brinquedo e colocar no lugar, de colocar a mochila depois tirar a lancheira, tirar a agenda, eles sabem exatamente onde devem colocar cada uma.

Agora que eu já conheço um pouco melhor o espaço em que você atua. Eu queria que você me descrevesse como é a rotina de sua sala de aula, como ela é organizada? Como ela foi construída?

A gente chega e tem a acolhida do lado de fora, onde a gente canta, faz a oração, depois a gente vai para a sala de aula, faz a rodinha, onde a gente explora o que fez em casa, o tempo, a chamadinha, o que eles queriam fazer hoje, aí conforme isso a gente vai

fazendo a aula, depois a gente faz uma atividade, ai depois tem o lanche, escovação, troca de fralda, ou ir ao banheiro, ai depois disso, a gente deixa mais livre para brincar, andar de velotrol, massinha.

E essa rotina foi definida quando?

No começo do ano, mas ai conforme os alunos estão no dia ai a gente pode modificar.

Como é essa modificação?

Por exemplo, se o aluno está muito agitado no começo da aula, ai eu vou propor uma atividade mais calma, mais lenta. Se depois do lanche, eles continuam muito agitados, eu não vou dar um brinquedo que agite eles mais, vou dar uma massinha, vou contar uma história, um filme, uma coisa que acalme eles.

O que seria essa agitação?

É eles chegarem lá na escola querendo brincar, não querendo prestar atenção no que a gente fala, não participar da aula, puxando outros assuntos, querendo pegar brinquedo.

E os alunos tem alguma participação nessa construção da rotina?

Tem, assim ó na verdade a rotina ela já esta construída, mas ai conforme eu falei, conforme eles estão a gente vai modificando, se um aluno chega e fala “ah hoje eu queria andar de velotrol” e eu não coloquei velotrol no meu planejamento , vou acabar tentando ali, por exemplo, tirar ou lego , massinha, alguma coisa que não vai interferir no aprendizado deles e colocando o velotrol.

E você busca contemplar as singularidades dos alunos na rotina?

Ah se o aluno chega na escola falando que quer fazer alguma coisa, como eu já disse, eu vou tentar adequar o plano de aula pra isso. Claro, nem sempre da as vezes um dia corrido, tem as aulas extras, mas a gente tenta adequar para que o aluno se interesse em vir para a escola que goste e fazer um pouco do que cada um gosta.

E você tem alguma dificuldade para envolver todas as crianças na rotina?

Às vezes tem um ou outro que não esta querendo naquele dia participar, ta querendo fazer outra coisa, que esta disperso, ou que ta cansado, com fome, ai acaba sendo mais

complicado de envolver eles, mas a gente tenta de todas as formas, chamar a atenção deles.

O que você busca fazer quando você percebe que ele não está envolvido?

Da uma atividade diferente, eu pergunto para ele alguma coisa, peço para que ele fale sobre o tema que eu to falando, eu procuro envolver ele mais no que eu estou falando e deixo mais livre para ele conversar também.

E o que seria para você esse envolvimento? Já que estamos falando de envolvimento.

O envolvimento é deixar o aluno participar melhor de tudo, participar da rotina, é ele falar, é ele se expor, fazer a atividade, é deixar ele participar mesmo, se envolver na atividade que está sendo feita.

Por que você acha que é importante essa participação?

Porque se só eu falar e o aluno fizer, acaba sendo uma coisa que eles não aprendem e fica chato para eles e para mim. Então eles participando fica uma ludicidade, pra se falar melhor, eles participam, às vezes eu pergunto, às vezes eles mesmo lançam a pergunta, a aula fica muito mais interativa.

E eles gostam de participar?

Gostam, eles se sentem mais importantes né? Eles sentem que ali, eles estão fazendo a diferença, que eles não são só mais um dentro da sala, que eles dão a contribuição deles.

Em que situação da rotina você nota que as crianças estão bem?

Quando eles estão participando, tão sorrindo, tão interagindo, tão gostando da aula né? A gente vê pelo gesto deles né? Pelo sorriso, pelo que eles estão falando, que quando eles não gostam, eles não participam, eles ficam mais acuados, dispersam, começam a conversar sobre outros assuntos.

E quando você percebe que elas não estão em bem-estar o que você busca fazer?

A eu procuro conversar com eles e ver aquele momento ali o que seria melhor, o que eu poderia modificar, qual outra atividade que eu poderia fazer que eles estão querendo

naquele momento .Ai eu procuro, cantar músicas, fazer alguma coisa que eles participem mais e depois eu volto para aquilo que eu tava trabalhando.

Que sinais que você percebe que eles dão quando não estão em bem-estar?

Eles não participam tanto, ficam mais acuados, conversando sobre outros assuntos paralelamente, não participam da aula falando sobre aquele tema, não ficam entusiasmados com o tema.

Eu já vi uma criança que quando o professor contava uma história, ela ficava totalmente concentrada, nada a distraia que situação da rotina da sua sala de aula que você percebe que as crianças se envolvem que elas se concentram?

Histórias, eles gostam de histórias, de filme e atividades, assim quando eu estou explicando o assunto, eles prestam bastante atenção. Ai, quando não estão prestando também, ai eu tento fazer alguma coisa que envolva eles, para eles prestarem atenção na explicação. Mas, eles costumam prestar bastante atenção nessa hora da atividade, eles adoram fazer atividade diferente de colagem e assim eu vejo que eles estão em concentrados.

O que você acha que esse envolvimento pode trazer de positivo para a criança?

A aprendizagem e também eles tomam mais gosto de ir para a escola , sabendo que vai ter uma atividade que eles gostam, sabendo que vai ter alguma coisa que eles vão se envolver, que eles vão participar ativamente, aí com certeza eles vão gostar mais de ir para a escola, de fazer aquela atividade, de aprender. Porque, quando eles não estão interessados, envolvidos, eles não aprendem, com tanta facilidade, eles acabam se dispersando, ai quando eles estão interessados eles já ficam mais vidrados, naquele assunto eles aprendem melhor.

Como é a reação das crianças quando elas estão envolvidas?Quais sinais elas demonstram?

De felicidade, de concentração, elas adoram. Assim, quando elas gostam mesmo da atividade, elas ficam quietinhas prestando atenção, fazendo aquilo que é proposto, ouvindo a história.

E como é que você percebe quando a criança está ou não envolvida?

Quando ela não está envolvida, ela fica mais dispersa, não se concentra, ela fica conversando, ela levanta da cadeira, pede para ir ao banheiro, pede para beber água, ela fica tentando sair daquele lugar e puxar outras coisas para fazer e quando a criança tá envolvida não, ela fica lá concentrada, participa, até conversa sobre o assunto, ela é bem mais participativa, ela gosta daquilo, a gente vê que ela tá gostando de participar daquela aula.

E tem alguma situação da rotina que elas não se envolvem?

Assim, não acho que não, porque eles gostam de fazer a atividade, de história, elas gostam. Às vezes assim, alguma atividade que elas não gostam, aí elas ficam mais recuadas, elas não prestam atenção. Quando é alguma coisa repetitiva, por exemplo, no dia a gente já fez aquele desenho e depois acaba tendo outra atividade de desenhar, na outra atividade, ela já não mostra tanto interesse, porque naquele dia já não é mais novidade aquilo né? E quando não é novidade e acaba sendo muito repetitivo elas acabam não gostando, não participando tanto.

E o que você faz quando isso acontece?

Na verdade, eu tento não fazer, já que eu sei que isso não vai puxar o interesse deles, eu tento não fazer isso, mas quando não tem jeito, tem que propor aquela outra atividade no mesmo dia, aí eu tento contar alguma outra história, envolver mais ele naquela atividade, mas é meio complicado.

Agora que a gente já conversou bastante sobre a rotina, gostaria que você me falasse, o que seria uma rotina de qualidade para você?

É uma rotina onde o aluno tem a liberdade de participar, por exemplo, ele chega à sala de aula e a gente vai para a rodinha, na rodinha eu não proponho as músicas, eles propõem as músicas, então a gente canta aquelas musiquinhas que eles gostam mais, na hora da atividade, cada um por exemplo, tem que pegar uma cor de giz de cera, eu deixo eles escolherem a cor que eles querem, na hora do lanche eu deixo eles pegarem a lancheira, abrirem a lancheira, arrumarem o lanchinho. É deixar eles participarem mesmo, porque um aluno mais acuado que não participa acaba não fazendo bem para a aula, para eles, pro professor, acaba ficando uma aula mais chata né?

Por que é preciso ter rotina na sua sala de aula?

Para o aluno ter autonomia, para ele saber a hora, que existe hora para tudo, pra saber o que vem depois, eles acabam se organizando também com a rotina que o professor faz, afinal, numa rotina é onde o aluno tem a liberdade de participar. E eles sabem abrir sua lancheira, arrumam tudo direitinho, sabem a hora do lanche, sabem o que vem depois do lanche é importante para o aluno saber o que vai fazer naquele dia.

Por que você acha que é importante o aluno ter mais autonomia?

Pra ele ter mais liberdade, de ajudar, de intervir, de participar, ele se sentir mais importante.